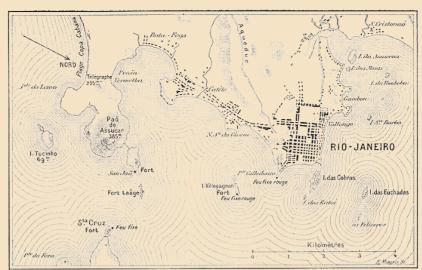


L'amiral de Mello



Carte de l'entrée de la baie de Rio-de-Janeiro



Le président Floriano Peixoto.











# A 2.ª REVOLTA DA ARMADA NA IMPRENSA FRANCESA

**RETO MONICO** 

## A 2.ª REVOLTA DA ARMADA NA IMPRENSA FRANCESA





## DIRECTORA: MARÍLIA PULQUÉRIO FUTRE PINHEIRO



#### **DIRETORIA**

PRESIDENTE – FRANCISCO DAS NEVES ALVES
VICE-PRESIDENTE – PEDRO ALBERTO TÁVORA BRASIL
DIRETOR DE ACERVO – MAURO PÓVOAS
1º SECRETÁRIO – LUIZ HENRIQUE TORRES
2º SECRETÁRIO – RONALDO OLIVEIRA GERUNDO
TESOUREIRO – VALDIR BARROCO

## **Reto Monico**

## A 2.ª REVOLTA DA ARMADA NA IMPRENSA FRANCESA



- 44 -



UIDB/00077/2020







Lisboa / Rio Grande 2021

#### Ficha Técnica

Título: A 2.ª Revolta da Armada na imprensa francesa

Autor: Reto Monico Coleção Documentos, 44

Composição & Paginação: José Gomes Capa: *L'Illustration*, 4 de novembro de 1893

Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias, Faculdade de Letras da

Universidade de Lisboa Biblioteca Rio-Grandense Lisboa / Rio Grande, abril de 2021

ISBN - 978-65-89557-13-5

#### O autor:

Reto Monico nasceu em 1953 na Suíça italiana. Em 1977, licenciou-se em História na Faculdade de Letras da Universidade de Genebra. Doutorou-se em 2003 com a tese *Suisse-Portugal: regards croisés (1890-1930),* publicada em 2005. Nos seus trabalhos, analisa sobretudo a imagem dada pela imprensa internacional e pela diplomacia suíça sobre aspectos e acontecimentos da História contemporânea de Portugal e do Brasil. Este é o quarto volume dedicado à 2ª Revolta da Armada.



## **Conselho Editorial**

Alvaro Santos Simões Junior (Universidade Estadual Paulista – Assis)

António Ventura (Universidade de Lisboa)

Beatriz Weigert (Universidade de Évora)

Carlos Alexandre Baumgarten (PUCRS)

Eloisa Helena Capovilla da Luz Ramos (UNISINOS)

Ernesto Rodrigues (CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Francisco Topa (Universidade do Porto)

Gilda Santos (Real Gabinete Português de Leitura)

Isabel Lousada (Universidade Nova de Lisboa)

Isabel Lustosa (Fundação Casa de Rui Barbosa)

João Relvão Caetano (Cátedra Infante Dom Henrique – CIDH)

José Eduardo Franco (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa)

Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)

Maria Cristina Firmino Santos (Universidade de Évora)

Maria Eunice Moreira (PUCRS)

Tania Regina de Luca (UNESP)

Vania Pinheiro Chaves (CIDH e CLEPUL – Universidade de Lisboa) Virgínia Camilotti (UNIMEP)

## Sumário

Apresentação	7
Os textos	14
Periódicos consultados	237
Résumé en français	238

## Apresentação

Neste volume, encontram-se os principais artigos de opinião que a imprensa francesa dedica, entre setembro de 1893 e abril do ano seguinte<sup>1</sup>, à guerra civil entre Floriano Peixoto e os marinheiros rebeldes. Todos os jornalistas, como os seus colegas britânicos e norte-americanos, constatam a grande dificuldade em obter as informações necessárias para saber o que se passa no porto carioca. Estigmatizam-se, por um lado, os informadores fantasistas que fabricam notícias falsas favoráveis aos revoltosos que, por vezes, são desmentidas no dia seguinte. Por outro lado, interrogam-se como interpretar os telegramas oficiais e as informações dadas pelo delegado especial do governo brasileiro na Europa.

Em geral, a imprensa conservadora afirma que a insurreição irá sair vitoriosa da batalha, e, lamentado a queda da dinastia dos Bragança quatro anos antes, estigmatiza a república positivista chefiada por militares, cujo chefe fez uma espécie de golpe de Estado, vetando a lei eleitoral, uma das causas principais da revolta. Como os outros estados do subcontinente, afirmam alguns, o Brasil sofre de grande instabilidade, de uma situação económica pouco favorável e de revoluções sem conta. Dois diários preveem inclusive uma desarticulação do país em quatro ou cinco «Brasis».

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Única exceção, os despachos publicados no 1º texto.

Um dos temas mais tratados pelos jornalistas franceses é o da possível restauração monárquica. Conscientes da oposição que os Estados Unidos não deixariam de manifestar perante uma tentativa de derrubar o jovem regime republicano, raros são os observadores que se declaram abertamente em favor de um regresso do antigo regime. Entre eles, pode-se destacar *Le Figaro* e *Le Gaulois*. O primeiro, entrevista um membro da colónia brasileira em Paris e insere também um longo artigo apologético sobre a ex-família reinante, exilada em França; o segundo, que vai à residência dos condes de Eu, faz o mesmo com o duque de Nemours e com um velho diplomata brasileiro. Os dois quotidianos parisienses, que tomam os seus desejos por realidades, falam do filho de D. Isabel, herdeira do trono, como se já fosse imperador! Um outro jornal, o católico *La Liberté*, que, no entanto, censura duramente a marinha por ter causado enormes sofrimentos ao povo brasileiro, continua a esperar o regresso da monarquia.

Le Journal de dia 20 de novembro faz uma análise muito concreta da situação no que diz respeito ao regresso dos Bragança. Na sua opinião, uma restauração iria provocar uma outra guerra civil e o eventual príncipe podia ter o mesmo fim que Maximiliano no México em junho de 1867². Mesmo o conservador Journal des Débats, acaba por reconhecer que o país não está maduro para o restabelecimento dos antigos governantes. Acrescentamos que a proclamação, por parte de Custódio de Melo em dezembro de 1893, do jovem

 $<sup>^2</sup>$  No entanto, é o mesmo diário que publica a notícia, desmentida 24 horas depois, da partida do jovem príncipe para o Brasil.

D. Pedro imperador do Brasil, é vista sobretudo como uma tentativa de angariar apoios.

São sobretudo *Le Radical* e *La Justice*, jornais de esquerda, que defendem com afinco o executivo do Rio de Janeiro. Sublinham que os rebeldes estão em sérias dificuldades, estigmatizam a revolução no Rio Grande do Sul, opõem-se à atribuição do estatuto de beligerância aos insurretos, não acreditam numa possível restauração monárquica e acusam algumas fontes de divulgar falsas informações para denegrir Floriano Peixoto. O primeiro chega a afirmar que são os Bragança e a Alemanha que estão por trás da revolta da marinha brasileira; o segundo, publica um artigo muito lisonjeiro sobre o Marechal de Ferro que, segundo *La Justice*, até obteve um doutoramento em ciências!

À semelhança do que acontece com os periódicos americanos e britânicos, alguns jornais parisienses manifestam uma atitude crítica para ambos os contendentes. Esta luta, que prejudica a economia do país, afirmam esses jornais, continua sem que haja nenhum resultado concreto. Trata-se de um conflito entre dois ambiciosos que, no entanto, não se expõem muito: é por isso que parece ilusório prever um fim a breve prazo desta guerra intestina. *Le Temps* — que não dá razão a nenhuma das duas fações — formula um desejo que pouco tem a ver com a política brasileira dos finais do século XIX: o surgir de uma terceira força que possa fazer prevalecer o interesse nacional.

Durante a III República francesa, período de lutas políticas muito renhidas, com a política estrangeira muitas vezes utilizada nos debates de política interna, a guerra civil brasileira não podia deixar de suscitar algumas polémicas jornalísticas. A 12 de janeiro de 1894, o *Journal de Débats* articula todo o seu editorial a partir de uma falsa notícia, a suposta demissão de Floriano Peixoto. Depois de ter implacavelmente atacado o detestável regime militar, vangloria-se mesmo de ter sido o único órgão de informação na Europa a ter previsto tal desfecho. Este artigo provoca a resposta de *Le Radical* que, por sua vez, sublinha o facto que só ele desmentiu a notícia da saída da cena política do chefe do governo brasileiro. Ataca a seguir os seus colegas do *Journal de Débats*, mas também os de *Le Figaro* e de *Le Matin*, por terem acreditado, sem nenhum espírito crítico, nas demissões do Marechal de Ferro.

Outro exemplo. Em abril de 1894, cinco semanas depois da derrota e da fuga dos revoltosos na baía da capital carioca, o mesmo jornal de esquerda ataca ironicamente o *Journal des Débats* por este já não escrever nada sobre o Brasil e, sobretudo, por ter sempre respaldado os insurretos, tendo definido a frota de Peixoto como puramente teórica comparando-a com a verdadeira de Custódio de Melo e de Saldanha da Gama. Na realidade, nota satisfeito *Le Radical*, esta «revolução» que tinha do seu lado antigos ministros e uma classe dirigente das mais inteligentes do mundo, foi derrotada e os poderosos navios só serviram a transportar fugitivos!

A capitulação do chefe da revolta perante o almirante Benham a 29 de janeiro de 1894 desencadeia uma série de comentários na imprensa parisiense. A primeira reação é de surpresa e quase de incredulidade. O *Journal des Débats* afirma que deve ter havido algo de grave para que da Gama agisse dessa maneira, prejudicando a vitória e criando um novo e poderoso inimigo. O

monarquista *Le Gaulois* fica também surpreendido e tem a impressão que os dois almirantes (da Gama e Benham) tenham combinado tudo de antemão. Estes dois jornais atacam os Estados Unidos que intervêm num conflito que não lhes diz respeito, apesar da doutrina Monroe. Na sua opinião, há dois motivos na origem de tal atitude: por um lado, a permanência de Peixoto no poder é uma garantia que o tratado comercial entre os dois países continue em vigor; por outro lado, uma derrota da marinha rebelde seria um golpe fatal para os paladinos da restauração monárquica.

Os jornais de esquerda falam de simulacro de combate e, tal como *Le Gaulois*, de uma espécie de plano elaborado entre os dois comandantes, para que da Gama, sem nenhuma esperança de triunfo, possa render-se aos americanos, salvando desse modo a sua pele.

Dois outros diários analisam o acontecimento. *Le Temps* — que descreve o episódio num tom sarcástico como se falasse de uma opereta — não acredita que tenha havido uma rendição por parte do almirante brasileiro, que só reconheceu a superioridade do adversário. Por conseguinte, a guerra continua, realça o jornal, segundo o qual Benham contribuiu para prolongar o conflito, porque impediu os rebeldes de esfomear os apoiantes do vice-presidente! *Le Figaro*, que também não consegue entender o motivo desta louca decisão do comandante da revolta, espera que este breve confronto tenha pelo menos uma consequência positiva e que possa beneficiar toda a gente, nomeadamente o comércio francês.

Depois de seis meses de conflito, os chefes dos revoltosos fogem abandonando a luta a 12/13 de março de 1894. Para os jornalistas que sempre os

apoiaram, é um choque, uma pílula amarga, nomeadamente para *Le Gaulois* — que tem muitas dificuldades em admitir a derrota — mas, sobretudo, para o *Journal des Débats.* O seu editorialista, que deplora profundamente o desfecho do conflito, justifica a decisão de Saldanha da Gama de abandonar a luta no Rio porque não estava em condições de enfrentar uma frota muito superior. Todavia, o diário parisiense afirma que a luta continua no sul do país e espera que os rebeldes se mantenham unidos para preparar o combate terrestre decisivo. O mesmo jornal revela toda a sua imparcialidade quando afirma que esta vitória governamental não vai alterar nada, sendo o próprio executivo incapaz de tirar proveito deste resultado. Além disso, afirma que se um triunfo dos insurretos teria posto um ponto final à agitação no Brasil, esta vitória de Floriano Peixoto não vai impedir que a guerra civil prossiga em outros pontos do país, o que prejudica, no seu ver, o futuro e os interesses de todos.

Se *Le Radical* e *La Justice* se felicitam pela derrota da revolta, *Le Figaro* e *Le Temps* dão uma opinião mais matizada. O primeiro publica dois artigos de Georges Héroult, redator de *L'Écho do Brésil*, expulso do país no outono de 1893. Héroult explica que a vitória de Peixoto— que lamenta porque a marinha é francófila, contrariamente ao exército— é devida à divisão entre os adversários, à rivalidade entre os dois chefes da insurreição e à passividade dos monárquicos brasileiros. Constatando que os Estados Unidos obtiveram no Brasil o que não lhes foi possível no Chile, espera que esta luta lamentável, que continua no Rio Grande do Sul e que faz perder muito dinheiro, nomeadamente ao comércio europeu, acabe.

Le Temps expõe os dados objetivos na origem na rendição de da Gama: a febre amarela, os navios em mau estado, a concentração dos ataques governativos. O editorialista do jornal parisiense, que, embora conservador, sempre manteve uma posição relativamente ponderada, condena sem meio termos os bombardeamentos injustificáveis da capital. Censura também os chefes da revolta que, na hora da derrota, nem sequer mencionaram as causas pela qual se tinham sublevado em setembro de 1893. No fundo, porque Custódio de Melo, Saldanha da Gama e os oficiais iniciaram esta guerra civil para se encontrarem neste beco sem saída? perqunta o diário da capital francesa<sup>3</sup>.

.

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Um agradecimento especial ao Francisco Matta pela atenta revisão dos textos destes quatro volumes.

## 1. As primeiras notícias sobre a revolta, 8 de setembro

Despachos publicados pelos seguintes quotidianos nas suas edições vespertinas de dia 8 de setembro: Le Matin (que o faz na 1ª página), o Journal des Débats (na p. 2) e Le Temps (na p. 2)

#### Révolte au Brésil

RIO-DE-JANEIRO, 7 septembre. — Par câble au Matin.— Le ministre des affaires étrangères a annoncé aux représentants étrangers que l'escadre s'est révoltée contre le gouvernement, qui se sent assez fort pour maintenir l'ordre.

Le ministre a ajouté que le gouvernement ne peut pas empêcher une tentative de bombardement contre Rio-de-Janeiro

Le croiseur italien *Bausan* est arrivé. Le croiseur italien *Dogali* part de Bahia pour Rio-de-Janeiro.

#### Les forces insurrectionnelles

BUENOS-AIRES, 7 septembre. — Par câble au Matin.— On mande de Rio de Janeiro:

Le chef du mouvement insurrectionnel serait l'amiral Custodio de Melo.

Les vaisseaux insurgés sont les suivants : *Trajano, Republica, Aquidaban,* et quatre torpilleurs.

Le bruit court que le général Peixoto aurait été proclamé dictateur.

### Origines du mouvement

NEW-YORK, 7 septembre. *Par câble au* Matin.— Le *New York Herald* publie une dépêche de Montevideo relative aux troubles de Rio-de-Janeiro.

D'après cette dépêche, la révolte de l'escadre serait due à une demande du président Peixoto, qui avait opposé son veto à un bill qui rendait impossible au vice-président de devenir président. C'est ce qui a mis les officiers de marine en fureur.

Toutes les communications avec Rio sont interceptées par le gouvernement. ON croit que cette mesure est seulement temporaire.

\* \* \* \* \*

#### Le mouvement insurrectionnel au Brésil

Rio-de-Janeiro, le 7 septembre

La plus grande inquiétude règne par suite de la révolte de la marine brésilienne contre le Président.

On craint que les vaisseaux insurgés ne bombardent le port si les conditions des rebelles, à savoir, la démission du Président Peixoto et des membres de son gouvernement, ne sont pas acceptées.

### Rio-de-Janeiro, le 7 septembre

Les commandants des navires étrangers, sur l'initiative des commandants des navires français, ont décidé d'intervenir pour empêcher le bombardement de la ville.

## Londres, le 8 septembre

Le *Daily News*, parlant des causes de l'insurrection brésilienne, dit que le Président Peixoto et ses amis sont accusés de vouloir s'assurer, pour eux et leur parti, la succession perpétuelle du pouvoir ainsi qu'à la Présidence. Il se peut qu'ils soient accusés à tort, car on ne doit pas oublier que la famille de dom Pedro a été longtemps

soupçonnée de chercher à fomenter une contre-révolution dans l'intérêt de la monarchie; mais, si cette accusation était vraie, la position du Président serait probablement intenable.

\* \* \* \* \*

#### Brésil

On a reçu à Buenos Aires la nouvelle qu'une escadre de trois vaisseaux brésiliens stationnés à Rio-Janeiro s'est soulevée et que les rebelles ont intimé au maréchal Floriano Peixoto d'avoir à se démettre.

Le gouvernement se prépare à la répression et la garnison de la forteresse de Santa-Cruz, dans la baie de Rio, est prête à ouvrir le feu sur l'escadre révoltée.

L'absence de nouvelles directes de Rio, à ce sujet, est due, sans doute, au rétablissement de l'interdiction des transmission télégraphiques.

## 2. «La révolution au Brésil», Journal des Débats, 9 de setembro

Depois da queda de Deodoro em novembro de 1891, Peixoto — cuja nomeação «foi uma desgraça» para o Brasil — tudo fez para «levantar receios» nos Sul-Rio-Grandenses e na Marinha: repôs Castilhos como governador em Porto Alegre e favoreceu o exército, provocando dessa forma a revolta da armada, afirma o diário francês. Este acusa o vice-presidente de ter feito uma espécie de golpe de Estado, porque não respeitou o artigo 43 da Constituição e vetou a lei eleitoral.

Agora há somente duas possibilidades: ou Peixoto ganha e se tornará um ditador; ou Custódio de Melo — o qual, na opinião do jornal, se colocou numa posição favorável e segura — triunfa, deixando a capital calma e pacífica.

Nos dépêches ont appris à nos lecteurs les graves événements qui viennent de se passer à Rio-de-Janeiro. La marine, sous le commandement de l'ancien ministre, amiral Custodio José de Melo, s'est soulevée contre le maréchal Floriano Peixoto; elle lui reproche d'avoir, en opposant son veto aux dispositions de la nouvelle loi électorale qui régissent l'élection présidentielle, violé l'article 43, §1, de la Constitution. La flotte révolutionnaire comprend trois grands navires; le cuirassé *Aquidaban*, les croiseurs de première classe *Trajano* e *Republica*, et un certain nombre de torpilleurs. Cette force est suffisante pour tenir la mer et dominer les côtes, le seul navire qui pourrait les gêner, le cuirassé *Riachuelo*, étant en route pour l'Europe où il va faire réparer ses chaudières.

Voilà les faits ; mais l'on risquerait fort de ne point les comprendre, ni d'en démêler les origines, si l'on ne remonte pas deux années en arrière, aux événements de novembre 1891. On se souvient, que le 3 novembre de cette année, le maréchal da Fonseca essaya, par un coup hardi, d'établir sa dictature : le coup échoua. Tandis que la province de Rio-Grande-do-Sul se soulevait tout entière et chassait le gouverneur Castilhos, créature de da Fonseca, la flotte commandée para le même amiral Custodio de Melo, se révoltait, et, braquant ses canons sur la Candelaria, menaçait de bombarder Rio-de-Janeiro. Le

dictateur, mû peut-être par un sentiment de crainte, déterminé aussi par le désir de ne pas allumer dans tout le pays une épouvantable guerre civile, se soumit et démissionna. Il fut remplacé au pouvoir par le vice-Président maréchal Peixoto. Ce fut sans doute un malheur ; d'une part, en effet, la Constitution, dans son article 42, ordonnait qu'on procédât à de nouvelles élections présidentielles, attendu que le Président démissionnaire n'avait pas encore un an d'exercice ; en deuxième lieu, le Congrès avait là une occasion excellente de se débarrasser de l'influence militaire toujours funeste dans une jeune République, en installant au pouvoir un magistrat civil.

Quoi qu'il en soit, M. le maréchal Peixoto prit le pouvoir ; en fait, il devait son avènement à la province de Rio-Grande, et à la marine nationale : or, de quelle façon reconnut-il les services rendus ? En replaçant au pouvoir, à Rio-Grande, le gouverneur chassé, M. de Castilho, et en réservant toute sa faveur à l'armée de terre. Les effets d'une conduite si imprudente ne tardèrent pas à se faire sentir. La révolution éclata de nouveau dans la grande province du Sud, et elle dure encore. La marine, de son côté, accentua de plus en plus son attitude hostile : l'amiral de Melo, qui désapprouvait la politique de répression violente suivie par le maréchal dans les affaires de Rio-Grande, lui écrivit une lettre où il l'accusait nettement de violer la Constitution, et sorti du cabinet. L'amiral Vandenkolk, dont on n'a pas oublié la mésaventure, se joignit même aux révolutionnaires. Il y a trois jours, enfin, la flotte se soulevait.

Les événements s'enchaînaient ; il y a dans la politique une logique fatale qui commande aux faits et les régit. Ici même, il y a quelques semaines, dans un article où nous exposions les affaires de Rio-Grande, nous avions prévu ce qui arrive. Le maréchal qui, dès le début, pouvait arrêter le mal en donnant à la province les satisfactions qu'elle réclamait, a préféré l'intervention armée et les hasards d'une lutte violente aux bénéfices d'une médiation pacifique. Les événements prouvent qu'il a commis une imprudence. D'autre part, il n'a rien négligé pour soulever les craintes légitimes, pour mécontenter des partisans dévoués : de quelle façon, en effet, pouvait-on interpréter cette faveur accordée au parti militaire, ce désir avoué de rester au pouvoir ? L'article 43 § 1 de la Constitution brésilienne établit que le vice-Président en exercice ne peut être élu Président, dans la période suivante : et la loi électorale, votée récemment, se conforme sur ce point de vue à l'acte constitutionnel. Or, le veto mis à cette loi par le vice-Président, en fait et en droit, puisqu'il n'a fait que suppléer jusqu'à la fin de la période présidentielle, M. da Fonseca, démissionnaire, pouvait-il tromper quelqu'un ? N'avouait-il pas, para là même, sa volonté bien arrêtée de faire, aux élections de mars 1894, prolonger ses pouvoirs ? Ne risquait-il pas ainsi, – et de gaîté de cœur, – de soulever contre lui cette masse de républicains sincères, qui ne veulent pas de Présidence militaire ?

Il n'y a pas deux mots pour caractériser la politique actuelle de M. le maréchal Peixoto; son veto est un coup d'État; or, les coups d'État n'ont chance de réussir que si une force suffisante les appuie; et cette force, en l'espèce, fait peut-être défaut. Par sa détermination hardie, M. Custodio de Melo se met en une posture éminemment favorable et sûre: il apparaît aux yeux du pays comme le défenseur de la Constitution, et l'exemple de la dernière révolution

chilienne, où, dans des circonstances analogues, la marine révoltée réprima les tentatives dictatoriales de Balmaceda, n'est pas fait pour décourager ses partisans.

La situation est fort grave comme on le voit : la révolution à Rio-Grande, troubles dans les provinces de Goyas et de Maranhao, soulèvement de la flotte, opposition énergique de républicains, qui réclament une Présidence civile ; il y a là de quoi faire réfléchir les plus décidés. M. Peixoto réfléchira-t-il ? Suivra- t-il l'exemple de da Fonseca, et résignera-t-il le pouvoir ? On ne sait, et on ne sera pas avant longtemps. Les communications télégraphiques sont suspendues, et nous restons dans l'ignorance, jusqu'au jour où le voile se découvrira et nous laissera voir, soit le maréchal Peixoto dictateur et maître toujours incertain du Brésil, soit l'amiral de Melo, et la flotte victorieuse ancrée dans le port de Rio, pacifié et tranquille.

# **3.** Pierre-qui-sait, «Une sédition au Brésil», *Le Gaulois*, 9 de setembro

Relato factual dos acontecimentos, da revolta da marinha até à intervenção dos navios das grandes potências que querem evitar o bombardeamento da cidade.

Des dépêches de Buenos-Aires et de Rio signalent une révolte de l'escadre mouillée dans les eaux de la capitale brésilienne et affirment que les marins réclament la démission du gouvernement actuel.

Avons-nous devant nous un de ces télégrammes à sensation comme il en est tant arrivé en ces derniers temps de l'Amérique du sud, comme, par exemple, la prétendue épidémie de fièvre jaune ou l'importance excessive donnée à l'insurrection de l'amiral Van den Kolk dans le Rio-Grande ? Est-ce au contraire quelque chose de plus sérieux ? On serait tenté de le croire.

Le prétexte de la révolte est celui-ci : le maréchal Peixoto, vice-président de la république et chef du pouvoir exécutif, a opposé son veto à une loi du Congrès qui réglait l'élection présidentielle, rend le vice-président inéligible. M. Peixoto a refusé sa sanction à la loi.

Aussitôt trois navires de guerre, stationnés dans la Baie de Rio, se sont soulevés, ayant à leur tête l'amiral Custodio José de Melo, qui a sommé le maréchal Peixoto de résigner le pouvoir. L'amiral Custodio n'est en pas à son premier coup de ce genre. C'est lui qui força le maréchal Fonseca à se démettre ; il était alors d'accord avec le maréchal Peixoto. Ils se sont brouillés depuis.

La flotte insurgée a mis Rio en état de blocus. Elle s'apprête même, assure-t-on, à bombarder la capitale, si ses conditions, savoir la démission, du vice-président et de ses ministres, ne sont pas acceptées.

Le ministre des affaires étrangères a déclaré aux représentants des puissances que le gouvernement se sent assez fort pour maintenir l'ordre, mais qu'il ne peut empêcher une tentative de bombardement.

Aussitôt, les commandants des navires français ont pris l'initiative, d'accord avec leurs collègues étrangers, d'une démarche propre à empêcher le

bombardement de la ville. — Sans doute, nous n'avons rien à voir dans les luttes intestines entre civils, militaires et marins qui désolent la république du Brésil; mais nous avons le droit de protéger nos nationaux: nous ne manquerons pas à ce devoir.

### 4. Le Matin, 11 de setembro

O jornalista, que salienta as consequências negativas de qualquer golpe militar, compara esta revolta da Armada ao golpe contra Fonseca em novembro de 1891.

La conséquence inévitable des révoltes militaires et des *pronunciamientos*, si fondées qu'en soient les causes, est d'ouvrir la porte à tous les désordres. Les événements de cette nature s'enchaînent et portent en eux le germe de leurs fatals résultats.

Nous en voyons la preuve au Brésil où l'amiral Custodio de Melo vient de provoquer contre le maréchal Peixoto le même genre de soulèvement qui lui avait déjà réussi en 1891, lorsqu'il s'était agi de renverser du pouvoir le maréchal Fonseca. A Rio-Janeiro, comme au Chili et comme en Espagne, c'est une spécialité du corps de la marine de prendre l'initiative des pronunciamientos.

Il serait téméraire dès à présent d'émettre une appréciation sur le résultat final de la lutte ainsi engagée. Toutefois, il faut bien reconnaître que le prétexte invoqué par M. de Melo est au moins aussi grave que l'abus de pouvoir auquel Fonseca dût sa chute : on reproche également à M. Peixoto d'avoir violé la loi constitutionnelle. Comme le coup de force contre l'amiral de Melo est appuyé par les insurgés des provinces de Rio-Grande, de Goiás et de Maranhão et que les communications télégraphiques sont suspendues, nous ne serions pas étonnés d'apprendre qu'une quatrième révolution a réussi dans l'ancien empire de dom Pedro.

## **5**. *La Liberté*, 14 de setembro

A Europa, a irmã mais velha, devia utilizar o seu direito de ingerência moral para acabar com as guerras dos «adolescentes» estados da América latina.

Ainsi qu'il y avait lieu de le redouter, l'escadre brésilienne a réalisé le criminel bombardement de Rio-de-Janeiro. Nous ne prétendons pas que l'Europe ait le droit d'intervenir, mais elle en a l'obligation morale : les vieux peuples sont les frères aînés de ces jeunes nations sud-américaines, et elles ont auprès d'elles le droit de remontrance que donnent l'âge et l'expérience. En ce moment même, l'Uruguay astique ses armes contre le Brésil ; la République Argentine se déchire elle-même ; le Brésil se disloque ; le Chili, la Bolivie et l'Équateur complotent le partage du Pérou. Ce sont là des cas de lèse-humanité, car aucun bien ne peut sortir de ces guerres sans fin que ne sont que de l'individualisme élevé à la troisième puissance. Laissant de côté ses intérêts matériels comme créancière et commanditaire de ce pays amis et alliés,

l'Europe ne peut pas laisser ces nationalités adolescentes s'entre-dévorer. La civilisation lui fait un devoir de lancer un *quos ego*<sup>4</sup> sur ces luttes fratricides. Telle doit être l'œuvre de la diplomatie qui, depuis soixante-dix ans, s'est montré si au-dessous de son rôle dans le continent sud-américain et qui a là une belle occasion de se distinguer par quelques services rendus à l'humanité.

## **6.** «L'insurrection brésilienne», *Journal de Débats*, 14 de setembro

Trata-se da resposta do jornal às críticas de Alcindo Guanabara, delegado especial do Brasil na Europa, ao artigo do Journal des Débats de 9 de setembro.

O jornalista admite que a revolta de Custódio de Melo é anticonstitucional e não contesta os direitos de veto de Peixoto. No entanto, insiste sobre dois pontos: o governo brasileiro errou quando impôs Castilhos como governador do Rio Grande do Sul; o veto de Peixoto à lei eleitoral «levantou a legítima suspeita» que agiu dessa forma porque esta lei não lhe permitiria se candidatar em 1894.

Reiterando as suas simpatias para com o novo regime e rejeitando qualquer ligação entre os rebeldes e os planos de restauração monárquica, o articulista afirma que, além de narrar os factos, tem o direito de «julgar» o que acontece no Brasil.

Dans notre article du samedi 9 septembre<sup>5</sup>, au sujet des derniers événements du Brésil, nous avions dit que l'insurrection de l'escadre pouvait être attribuée à trois causes principales : le veto mis par M. le maréchal Peixoto

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> «Que eu [deveria]»

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> Cf. Texto 2.

à la loi électorale ; la défaveur dans laquelle la flotte avait paru être tenue par le Président, et enfin le mécontentement soulevé par la conduite du gouvernement dans les affaires de Rio-Grande-do-Sul.

Cet article nous a valu une lettre anonyme fort longue et intéressante. ; la lecture de l'Événement du 12 nous a révélé le nom et la qualité de notre correspondant : c'est le délégué spécial du Brésil, M. Alcindo Guanabara, qui, en même temps qu'il nous envoyait sa communication non signée, jugeait bon d'en envoyer une copie, avec sa signature, à notre honorable confrère.

La lettre est trop longue pour que nous puissions l'insérer; d'autre part, l'exposition de procédure constitutionnelle qu'elle contient est trop minutieuse pour qu'il soit possible de l'analyser en détail. On peut dire néanmoins que la thèse soutenue par M. Guanabara comprend ces deux propositions générales :

1. En opposant son véto à la loi électorale, M. le maréchal Peixoto n'a fait qu'user du droit que lui confère l'article 37 de la Constitution brésilienne ; 2. l'amiral de Melo, ancien ministre du Président Peixoto, s'est associé à tous ses actes, et, par la suite, peut difficilement les critiquer ; sa tentative d'insurrection est criminelle, elle doit être punie suivant la rigueur des lois.

Nous accordons volontiers à M. Guanabara qu'en soulevant une partie de la flotte, M. Custodio de Melo a commis un acte anticonstitutionnel, le Corps législatif ayant seule qualité pour juger de la légalité ou de l'illégalité du veto présidentiel; d'autre part, nous n'avons jamais eu la pensée de contester à M. le maréchal Peixoto la possession d'un droit que lui reconnaît la Constitution.

Mais nous ne distinguons pas très bien en quoi cette double constatation peut infirmer la valeur des appréciations émises dans notre article.

Il n'en reste pas moins vrai : 1) que le gouvernement fédéral a commis une faute en soutenant de toutes ses forces, et au moyen de l'armée nationale, le gouverneur Castilhos que les Rio-Grandenses avaient le droit de rejeter, et que, de ce fait, il a indisposé contre lui la majorité de l'opinion publique ; 2) qu'en opposant son veto à la loi électorale (loi qui n'offrait rien d'inconstitutionnel ni de contraire à l'intérêt du pays), M. le Président Peixoto a pu soulever de légitimes soupçons et faire croire qu'il ne s'oppose à ladite loi que parce que cette loi rappelle les dispositions constitutionnelles qui interdisent sa réélection. Sur ces deux points, capitaux à notre sens, M. Guanabara garde le silence.

Dans le dernier paragraphe de sa lettre, M. Guanabara se plaint de «machinations monarchiques qui tentent d'ébranler le crédit et le bon nom du Brésil pour installer sur ses ruines le trône des Orléans», et attribue à l'insurrection actuelle des visées restauratrices. Il est difficile, pour qui a suivi de près la marche des événements en ces derniers mois, de partager ces craintes. Ni les fédéralistes de Rio-Grande, ni M. Silveira Martins, ni l'amiral de Melo ne luttent pour le régime déchu : les déclarations répétées des chefs révolutionnaires de Rio-Grande, Toca Tavares et Saraiva, ont depuis longtemps dissipé à cet égard tout équivoque.

Nous ne croyons pas, en émettant au sujet de la politique suivie par le gouvernement actuel du Brésil des critiques à notre avis justifiées, avoir dépassé les limites de la courtoisie internationale. Nos intérêts sont trop considérables au Brésil pour que nous puissions nous contenter de narrer les événements sans les juger; nous avons essayé de le faire avec toute l'impartialité et la mesure que le *Journal des Débats* apporte dans ses appréciations. Nos sympathies pour la grande République Sud-américaine, que la France a été la première à reconnaître, ne sont d'ailleurs un mystère pour personne. Quelque temps après la révolution qui renversa l'empire, nous envoyâmes à Rio-de-Janeiro un de nos collaborateurs les plus distingués, qui sut, dans ses «Lettres» <sup>6</sup>, nous donner du pays et de la nation l'idée la plus avantageuse. Il nous eût été infiniment agréable de n'avoir qu'à louer dans la politique des hommes d'État qui ont jusqu'ici guidé les destinées du Brésil : ça n'est pas de notre faute si les espérances que nous avions fondées sur la jeune République ne se sont pas encore réalisées.

## 7. GÈMO, «La révolution au Brésil», *Le Journa*l, 17 de setembro

Este artigo prova como era muito difícil para os jornalistas da altura interpretar as notícias vindas do Brasil.

Une dépêche de Lisbonne annonçait, hier, que le gouvernement du maréchal Floriano Peixoto a voué que 296 officiers de marine sur 486 ont passé

<sup>&</sup>lt;sup>6</sup> O *Jornal des Débats* publica as «Cartas do Brasil» enviadas por Max Leclerc (1864-1932) entre janeiro e junho de 1890, quando foram reunidas em livro. A tradução em português é de 1942. Cf. MONICO, Reto, «Dois jornalistas franceses em duas revoluções brasileiras (novembro de 1889, outono de 1930)», *Historiae*, Rio Grande, Vol.4, n. 1, (2013) p. 79-104.

aux révoltés. M. Alcindo Guanabara, délégué spécial du gouvernement brésilien en Europe, nous prie de déclarer que cette nouvelle n'a aucun fondement.

Le gouvernement a annoncé dès le premier jour, et le fait n'a jamais été contesté, que, sur 496 officiers de marine, à peine 28 ont passé aux séditieux, et plusieurs d'entre eux ont déjà fait leur soumission au gouvernement légal.

Buenos-Aires. — On assure que le président Peixoto aurait abandonné la capitale et se serait retiré dans les environs avec le reste des soldats qui lui sont demeurés fidèles pour y attendre l'attaque des troupes débarquées par les rebelles.

Les nouvelles officielles de Rio-de-Janeiro annoncent que le bombardement de Niteroi et de la ville continue par intervalles, et que les forts ripostent au feu des insurgés.

Les insurgés disposent de 9 vaisseaux et des forces navales de l'île de Cobras.

La garnison des forts de Ville-Gagnon est restée neutre.

Les forts de Santa-Cruz restent fidèles au président, mais ils manquent de provisions.

Plusieurs tentatives de débarquement des insurgés ont été repoussées.

Le Parlement brésilien a voté une adresse dans laquelle il proteste de sa fidélité à la cause du président Peixoto.

Des avis privés de Rio disent que les insurgés ont opéré un débarquement et se sont emparés de Niteroi, de l'arsenal et de la douane.

On dit que le président Peixoto a établi son camp a Santa-Ana.

La légation du Brésil nous informe qu'il n'y a rien de nouveau à Rio-de-Janeiro, jusqu'à dix heures du matin d'aujourd'hui 16 septembre ; que le Congrès a décidé de continuer ses séances jusqu'au 25 septembre, et que les nouvelles terroristes publiées par les journaux de hier et d'aujourd'hui sont dénouées de tout fondement.

## **8.** *La Liberté*, 19 de setembro

O editorialista considera o bombardeamento do Rio – que compara ao de Alicante de setembro de 1873 – como «criminoso», mas, ao mesmo tempo, declara que o chefe da revolta «é um distinto cavalheiro», moderado, e que não age por ambição pessoal ...

L'imbroglio brésilien n'a pas encore eu de dénouement. La diplomatie européenne n'a su rien faire pour empêcher ce criminel bombardement, qui rappelle les entreprises de piraterie des républicains fédéraux espagnols en 1873 et l'odieux bombardement d'Alicante. Quoi qu'il en soit, le président Peixoto semble perdre du terrain. L'amiral Melo, qui l'avait aidé à chasser le président Fonseca, parviendra à l'expulser probablement. On ne doit pas perdre de vue que le commandant de la flotte insurgée est moralement appuyé par l'Assemblée, quoique celle-ci, privée de liberté, ait voté tout ce que le président Peixoto lui a demandé contre l'amiral Melo. Ce dernier, qui n'a pris aucune part à la révolution de 1889, est un homme fort distingué, d'opinions modérées, et qui paraît chercher à rendre la paix à son pays, sans se laisser guider par une ambition personnelle, quoique le couronnement de cette campagne soit évidemment pour lui la présidence de la République, dût-il y jouer le rôle de Monck<sup>7</sup>.

<sup>&</sup>lt;sup>7</sup> Em 1660, o general George Monck, dito Monk (1608-1670), põe Carlos II no trono da Inglaterra.

# **9.** Jacques St.-Cère, «À l'étranger. La révolution au Brésil», *Le Figaro*, 19 de setembro

Jacques St.—Cère, que começa por ironizar sobre as notícias vindas do Brasil, acredita numa vitória da marinha, apesar das dificuldades, e já prevê o fim da presidência de Floriano Peixoto. Depois de ter constatado a péssima situação económica do país, o jornalista lamenta a mudança ocorrida em novembro de 1889: na sua opinião, o preço a pagar para «viver numa República organizada a partir dos princípios positivistas do falecido Auguste Comte» é muito alto.

Cette fois-ci, ce sont les Brésiliens qui sont dans leur tort! D'habitude, leurs manifestations deviennent des émeutes ou des révolutions avec assez de rapidité pour que l'on puisse dire qu'on n'en parlera que lorsque tout sera fini. Mais voilà dix jours que la flotte bombarde le Président, tandis que le Président canarde la flotte, et l'on n'a pas même les fameuses dépêches par lesquelles les deux partis en présence annoncent à l'Europe qu'ils sont tous deux victorieux. Ce n'est pas de jeu, et si l'on nous change la mise en scène habituelle des révolutions de l'Amérique du Sud, nous allons être obligés de les prendre au sérieux, ce qui serait en vérité fort désagréable. Cependant, le silence du gouvernement qui était encore le gouvernement régulier aux nouvelles de hier démontre, plus encore que les dépêches du *New York Herald* (seule source de renseignements qui nous arrivent) que le maréchal Peixoto est en mauvaise posture. C'est la flotte qui l'emporte, et l'amiral Melo, qui dispose de trente vaisseaux... de commerce, bombarde Rio, mais ne peut pas encore débarquer, ce qui ne l'empêchera pas, d'ici peu, de remplacer le maréchal. Juste retour des

choses de la politique exotique! c'est l'armée qui chasse l'Empire — et c'est la flotte qui chasse l'armée.

Cependant, tout en constatant que c'est une drôle de façon de vouloir gagner la population de Rio que de la bombarder d'abord et essayer de l'affamer ensuite, il est bon d'expliquer que la situation de la flotte de l'amiral Melo est fort curieuse. L'amiral Melo bombarde Rio, il tient la baie qui est assez large pour permettre à sa flotte de se mettre hors de la portée des canons des forts, mais il ne peut gagner la haute mer, car pour sortir de la baie il faudrait passer par un certain goulet qui est impassable tant que les forts appartiennent au gouvernement qu'il s'agit de renverser. Mais cela n'empêchera pas la victoire de l'amiral.

Il paraît que le maréchal Peixoto est obligé d'enfermer les officiers de l'armée de terre pour les empêcher d'aller rejoindre les insurgés — et comme c'est sur cette armée qu'il compte pour résister à la révolution, on voit que son espoir ne peut être que faible. Et pendant ce temps-là, que devient le commerce ? Que devient la prospérité qui était relativement grande il n'y a pas deux ans ? Il est inutile de le demander, —mais ne croit-on pas que le moment est proche où les Brésiliens constateront qu'ils étaient très heureux au temps où Dom Pedro à la barbe blanche régnait paisiblement à Rio en pensant à l'Académie des sciences morales et politiques ? Ils finiront probablement par trouver que c'est un peu cher de payer par des révolutions, des bombardements

et des sièges le bonheur de vivre en une République organisée d'après les principes positivistes de feu Auguste Compte<sup>8</sup>.

## 10. GÈMO, «La révolution au Brésil», *Le Journal*, 19 de setembro

O quotidiano parisiense tem o mesmo problema: como interpretar os telegramas desmentidos pelo delegado especial do governo brasileiro na Europa?

Il est vraiment difficile, non seulement de se faire une opinion sur l'insurrection qui a éclaté au Brésil, mais encore de contrôler les dépêches qui nous arrivent par différentes voies, car elles sont aussitôt démenties par le délégué spécial du gouvernement brésilien en Europe, puis confirmés par des agents ou des correspondants particuliers, et la plupart du temps leur authenticité n'est pas contestée, lorsqu'elles nous parviennent pour la seconde fois.

Aujourd'hui, M. Alcindo Guanabara, délégué spécial du gouvernement brésilien en Europe, nous prie de publier la déclaration suivante :

Le public doit accueillir avec la plus grande réserve les nouvelles télégraphiques envoyées de Buenos Aires, via New York, au sujet du mouvement séditieux du contre-amiral Custodio José de Melo.

Il faut se rappeler également que les révolutionnaires de Rio-Grande ont leur quartier général dans la Plata et que c'est de là qu'ils lancent ces nouvelles alarmantes contre le gouvernement légal.

\_

<sup>&</sup>lt;sup>8</sup> Auguste Comte (1798-1857), filósofo francês, fundador do positivismo.

Pourtant, c'est la légation du Brésil qui, à la dernière heure, nous informait que, hier, 18 septembre, à midi, Rio-de-Janeiro a été fortement bombardé et que, la nuit dernière, le croiseur República a forcé la barre et s'est dirigé vers Santos.

D'autre part, dans la séance de hier, à la Chambres de communes, le rapporteur du gouvernement a déclaré que les vaisseaux de guerre français, allemands, italiens, portugais et américains, qui sont déjà à Rio, ont reçu l'ordre d'y aller afin de protéger les vaisseaux neutres, et que le cuirassé anglais *Racer* y arrivera prochainement avec les mêmes instructions.

## 11. «La révolution brésilienne», *Le Temps*, 20 de setembro

O editorialista, depois de ter ironizado sobre a frequência dos pronunciamentos da América do Sul, constata que o Brasil já apanhou o mesmo ritmo que as outras repúblicas vizinhas.

Na sua opinião, os argumentos invocados pelos revoltosos não parecem consistentes. Na realidade, trata-se «de uma querela de homens de guerra e não duma disputa entre políticos», afirma o jornalista francês. Este, considera que tudo isto é uma consequência do 15 de novembro de 1889: naquele dia, foi depois duma sedição militar e não depois de «um grande movimento de opinião nacional» que se proclamou a República. Agora, os militares monopolizam-na como se fosse só deles.

Le Temps prevê uma vitória dos revoltosos, mas não tem a certeza que de Melo poderá concretizar o sonho de uma república «apaziguadora».

On a dit, lors de la chute de l'empire de dom Pedro, que l'Amérique du Sud perdait sa seule république. Ce qui pouvait passer alors pour la boutade paradoxale de quelque «sébastianiste» impénitent est en voie de devenir une vérité historique. Le Brésil paye à son tour un large tribut à cet esprit révolutionnaire dont la contagion lui avait été longtemps épargnée et dont il avait pu contempler paisiblement, pendant un demi-siècle, les tumultueuses manifestations tout autour de lui : déjà même il dépasse ses voisins dans l'art de faire et de défaire *manu militari* les gouvernements.

La République argentine, un des États les plus experts en la matière, avait son pronunciamiento tous les quatre ans environ: c'est une moyenne respectable. Or il n'y a guère qu'une vingtaine de mois que le maréchal Fonseca fut déposé, après deux ans de pouvoir, par la marine brésilienne et que, selon la métaphore qui fit alors le plus bel ornement d'un ordre du jour de l'amiral Custodio de Melo, «les quilles des navires brésiliens tracèrent sur les eaux de la baie de Rio une page brillante de l'histoire nationale.»

Ce même amiral, candidat à la présidence de la République contre le maréchal Peixoto peut se justifier par bien des raisons, ne fût-ce que par la néfaste politique inconstitutionnelle que le chef du pouvoir exécutif s'obstine à suivre au Rio-Grande-do-Sul, préparant peut-être de ce côté le premier démembrement de l'Union.

Cependant, pour être juste, il faut reconnaître que le prétexte apparent de l'insurrection a été mal choisi. Alors que tant d'actes illégaux du vice-président avaient laissé jusqu'ici les vengeurs de la Constitution impassibles et comme indifférents, puisque ceux-ci étaient restés sourds même aux appels de l'amiral Vandenkolk, — lequel, déporté aux Amazonas, est aujourd'hui prisonnier à

Santa Cruz pour avoir tenté ce que l'amiral de Melo a essayé à son tour, — on peut s'étonner d'une pareille levée des boucliers contre un veto présidentiel ayant toutes les apparences de la légalité pour lui.

Le texte de la loi votée le 23 août et objet de ce veto est maintenant sous nos yeux. L'article qui a mis le feu aux poudres est ainsi conçu : «Est inéligible aux fonctions de président et de vice-président de la République le vice-président qui aura remplacé le président à défaut de celui-ci. (article 43 de la Constitution).» Or, la Constitution dit expressément : «Le vice-président qui aura exercé la présidence pendant la dernière année de la période présidentielle ne pourra être élu président pour la période suivante.»

Cette altération manifeste d'un texte constitutionnel par une loi ordinaire a, sans doute, motivé le veto do maréchal Peixoto. Ses adversaires ont vu, dans ce refus de sanction, une tout autre signification, lui ont fait un procès de tendance, le traitent déjà en usurpateur et semblent avoir de leur côté l'opinion publique.

Le Congrès, au contraire, tient pour le vice-président, malgré son veto. Ce Parlement expirant, que des élections générales devaient renouveler en octobre, conserve sa vieille solidarité avec le maréchal Peixoto. N'a-t-il pas, d'ailleurs, à maintes fois couvert les actes irréguliers du vice-président et légalisé pour ainsi dire sa dictature, en lui conférant des pouvoirs discrétionnaires et en lui accordant des bills d'indemnité ?

En somme, chez les deux pouvoirs, c'a été la même absence d'éducation républicaine et de sens constitutionnel et il est fort caractéristique à ce point de vue que les grands premiers rôles du drame soient tenus exclusivement par des militaires ; en somme, le présent conflit est une querelle d'hommes de guerre, non pas une dispute entre politiciens. Aussi, les républicains de vieille date, les «historiques», comme on les appelle, doivent-ils éprouver plus que jamais cette profonde déception dont ils ont déjà tant de fois exprimé toute l'amertume à la tribune du Congrès. Ils voient ce qu'il en coûte d'avoir fait sortir la République d'une sédition militaire et non d'un grand mouvement d'opinion nationale.

La force armée qui a fait la République l'a accaparée comme sa chose et ses chefs s'en disputent la première magistrature par des procédés sur lesquels les événements sanglants qui se déroulent à Rio-Janeiro nous ont édifiés. En vérité, c'est pour la nation brésilienne un cruel et ruineux apprentissage des institutions démocratiques.

Quant au dénouement, et tout en se gardant de vouloir rien prophétiser, on peut dire que les chances paraissent incliner du côté des insurgés, qui s'appuient sur celle du Sud, et à laquelle profitent toutes les défections survenant dans le parti du dictateur. Son succès acquis, il restera à voir si le régime qu'elle aura fondé sera cette république d'apaisement depuis longtemps rêvée, que ne troubleraient plus le cauchemar de l'anarchie ou de la dictature, ni de calamités sans nombre, prélude d'une restauration possible, ou si le peuple brésilien, irrémédiablement livré aux ambitions rivales de l'armée et de

la marine, fatalement voué à un despotisme militaire dissolvant, n'aura fait que tomber de Charybde en Scylla.

### **12.** «Ce qui se passe. La politique», *Le Gaulois*, 1 de outubro

Le Gaulois pensa que o que se passa no Brasil merecia mais atenção da imprensa que não se devia limitar a publicar despachos. Quatro anos depois da proclamação da República, o diário monárquico continua a lamentar a queda de D. Pedro. Na sua opinião, o Brasil fez uma má escolha deixando que uma «tropa de rebeldes» afastasse o imperador. Agora, os brasileiros têm uma república positivista, mas, sobretudo, «lutas intermináveis, constantes revoltas» e «melinita<sup>9</sup> no governo».

Nous avons tort de ne pas nous occuper un peu de ce qui se passe au Brésil.

Nous sommes tellement absorbés para la prochaine arrivée de nos amis les Russes, que nous enregistrons comme une chose naturelle et sans y joindre le moindre commentaire des dépêches dans le genre de celle-ci :

Le premier bombardement de Rio par la flotte insurgée a fait de nombreuses victimes et causé des dégâts considérables. Un second bombardement va commencer.

Nous avons l'air de trouver tout simple que la flotte brésilienne joue, au moyen de ses obus, une seconde partie de quilles avec les édifices de la capitale.

<sup>&</sup>lt;sup>9</sup> Explosivo.

Voilà un pays qui possédait un souverain et qui, sous la monarchie, était assez tranquille pour que son Empereur fût plus souvent en France qu'au Brésil. C'était, d'ailleurs, le tort de Dom Pedro, qui aurait mieux fait de regarder ce qui se passait chez lui au lieu de venir causer avec nos académiciens. Dans tous les cas, on ne pouvait pas se plaindre de sa tyrannie ; puisqu'il n'était jamais là. C'était bien le roi-soliveau par excellence.

Les Brésiliens ont laissé une troupe d'insurgés le mettre à la porte, et ils ont connu les douceurs de la république. Ils ont même eu la république d'un modèle tout à fait perfectionné ; la république positiviste, la république scientifique.

Résultat : des luttes incessantes, des révoltes perpétuelles, et, finalement, l'intervention de la mélinite dans le gouvernement.

Maintenant que les nations sont majeures, elles n'ont plus le droit de se plaindre des catastrophes qu'elles attirent sur leur tête.

Il est bien certain, en tout cas, que si, à la chute de Dom Pedro, le bourgeois de Rio était sorti de chez lui en criant : «À bas la république !» et «Vive l'Empereur!» il vaquerait paisiblement à ses petites affaires, sous le sceptre peu lourd de son souverain. Il a préféré rester dans sa maison, et maintenant sa maison lui tombe sur la tête.

À qui la faute?

#### **ÉTRANGER**

#### La révolution au Brésil

Nos dépêches ont appris à nos lecteurs les graves événements qui viennent de se passer à Rio-de-Janeiro. La marine, sous le commandement de l'ancien mi-

Fig. 1: Journal des Débats, 9 sept.

# LA RÉVOLUTION AU BRÉSII

Le gouvernement américain a reçu avis que l'état de siège est proclamé à Rio-Janeiro.

Le secrétaire de la marine prépare l'envoi de quelques vaisseaux de guerre dans les eaux brésiliennes. Le croiseur *Char-*

Fig. 2: Le Radical, 12 sept

# A L'ETRANGER

#### LA REVOLUTION AU BRESIL

Cette fois-ci, ce sont les Brésiliens qui sont dans leur tort! D'habitude, leurs manifestations deviennent des émeutes pu des révolutions avec assez de rapidité

Fig. 3: Le Figaro, 19 sept.

## LA REVOLUTION AU BRÉSIL

Il est vraiment difficile, non seulement de se faire une opinion sur l'insurrection qui a éclaté au Brésil, mais encore de contrôler les dépêches qui nous arrivent par différentes voies, car elles sont aussitôt démenties par le délégue spécial du gou-

Fig. 4: Le Journal, 19 sept.

## BULLETIN DU JOUR

#### LA RÉVOLUTION BRÉSILIENNE

On a dit, lors de la chute de l'empire de dom Pedro, que l'Amérique du Sud perdait sa seule république. Ce qui pouvait passer alors pour la boutade paradoxale de quelque « sébastianiste » impénitent est en voie de devenir une vérité historique. Le Brésil paye à son tour un large

Fig. 5: Le Temps, 20 sept

## UN CONFLIT TÉNÉBREUX

L'insurrection au Brésil continue à fournir aux journaux et aux agences télégraphiques un cadre à souhait pour dépêches à sensation.

Nous constatons la plus formelle contradiction entre les informations de source officielle et celles qui sont transmises de New-

Fig. 6: La Justice, 6 de out.

Nos jornais franceses da altura, os títulos dos artigos eram pequenos.

# **13**. Eugène Clisson «La Révolution à Rio-de-Janeiro», *Le Figaro*, 2 de outubro

Este artigo, enviado da capital brasileira, descreve as várias fases da revolta a partir da noite de dia 5 de setembro até aos primeiros confrontos entre os rebeldes e as tropas de Peixoto. A situação parece bloqueada: na baía pela marinha, na terra pelo exército.

Na opinião de Eugène Clisson, esta revolta da marinha «é uma consequência» da Revolução Federalista e, também, tem a ver com o processo contra o almirante Wandenkolk.

O autor do texto — que fala também da atitude de espectativa da população carioca — não se atreve a falar do desfecho. Pensa, porém, que «é prematuro prever, desde agora, a queda do presidente que pode muito bem sair reforçado desta crise», mesmo tendo em conta o facto dos rebeldes estarem mais bem armados.

Rio-de-Janeiro, le 11 septembre

Depuis que le régime impérial s'est écroulé avec la «tyrannie» paternelle de Dom Pedro, l'ère des révolutions et des pronunciamientos s'est ouverte au Brésil. Le mouvement révolutionnaire parti de Rio-Grande-du-Sud menace aujourd'hui de s'étendre dans tout le pays, et, depuis quelques jours, Rio-de-Janeiro est en état de siège.

Le télégraphe a dû faire connaître cet événement en Europe, bien que l'on affirme ici que les câbles sont coupés. Il n'est pas inutile cependant d'indiquer sommairement les causes de la dernière insurrection, d'en énumérer les incidents, et d'en tirer s'il se peut, une conclusion.

Ainsi que je viens de le dire, la révolution actuelle est la conséquence de cette qui règne, depuis un an bientôt, dans la province de Rio-Grande-du-Sul. Bien que, dans cette province, le prétexte des troubles soit de protester contre le pouvoir du gouverneur Julio Castilho, c'est, en réalité, contre le président de la République brésilienne, le maréchal Floriano Peixoto, que le mouvement insurrectionnel est dirigé. On oublie qu'il est l'un des fondateurs de la République pour l'accuser d'exercer non pas ses légitimes fonctions de chef du pouvoir exécutif mais une véritable dictature. On trouve qu'il se passe trop facilement de la volonté du Congrès pour agir suivant la sienne; bref, comme il arrive dans ce pays où chacun convoite la succession de l'homme en place, et où manque un gouvernement énergique et puissant, on tente d'agiter les esprits, de s'emparer de la confiance des troupes, et de renverser le gouvernement pour s'y placer soi-même.

C'est la doctrine du : Ôte-toi de là que je m'y mette.

On n'y réussit pas toujours. Quand on échoue, on risque sa tête. Telle est la réflexion que peut faire aujourd'hui l'amiral Wanddelcoch [sic !], naguère encore commandant de l'escadre et sénateur détenu à présent dans le fort du Santa-Cruz.

Cet amiral s'était mis en tête, au mois de juin dernier, d'aller secourir les insurgés de Rio-Grande-du-Sul. Cédant aux sollicitations des deux principaux chefs des insurgés, les généraux Silva Tavares, vieillard de soixante-douze ans, et Gomercindo Saraiva, il avait armé en guerre quelques navires, et les

conduisait à Rio-Grande, montant lui-même sa frégate *Jupiter*, lorsqu'il fut poursuivi, arrêté et ramené à Rio-de-Janeiro par le cuirassé *República*.

Cette arrestation fit du bruit, comme l'on pense. On dit que le Congrès aurait préféré que l'amiral fût allé se faire pendre ailleurs, et qu'il n'est pas favorable, en majorité, à sa mise en jugement. Le maréchal Floriano Peixoto, président de la République, voulant faire, ce semble, un exemple, a, de sa propre autorité, donné l'ordre d'instruire le procès de l'amiral. De là, la révolte actuelle de toute la marine brésilienne.

Elle s'est produite inopinément, sans que rien ne pût le faire prévoir, mardi dernier 5 septembre dans la nuit. Il n'y avait, ce jour-là, une représentation de gala à l'Opéra. Tous les personnages officiels y assistaient, ainsi que l'amiral Custodio de Melo, commandant de l'escadre, et la plupart des officiers de la marine.

À minuit, l'amiral rentra chez lui, revêtit son uniforme et se rendit à l'arsenal, où il trouva tous les navires sous pression, ainsi qu'il l'avait ordonné. Il y trouva également tous ses officiers réunis. Il s'embarqua sur le vaisseau-amiral *Aquidaban*, qui prit le large dans la baie, suivi de cinq autres cuirassés, des huit torpilleurs et de trois canonnières comprenant l'escadre. Le lendemain matin, la ville apprit avec stupeur qu'elle était bloquée.

Aux vaisseaux brésiliens, bien armés de canons Krupp, et monté para un millier d'hommes exercés, le président n'a pu jusqu'ici opposer que 4,000 hommes de mauvaises troupes, l'armée régulière, une vingtaine de mille

d'hommes, étant occupée dans le Rio-Grande-do-Sul à batailler contre les insurgés. Malgré ce faible effectif, le maréchal Peixoto — Floriano, comme on l'appelle — a disposé des postes tout autour de la baie, et opposé blocus à blocus. La terre est bloquée, la rade l'est également. Des escarmouches se produisent sur différents points. Les soldats — police et garde nationale — tirent sur les bâtiments qui passent à portée, les vaisseaux ripostent par quelques coups de canon et par des décharges de mousqueterie. Il y a des morts des deux côtés. Les marins, mieux protégés, en comptent moins. On m'affirme qu'ils n'ont eu jusqu'à présent que 325 tués et 40 blessés, tandis qu'il y a 160 soldats morts et 250 blessés.

Le premier jour de l'insurrection, mercredi 6 septembre, un incident s'est produit qui aurait pu avoir de graves conséquences : le canot à vapeur d'un cuirassé italien, battant pavillon italien, passait prêt de la terre, à la nuit tombante, ayant à son bord le consul d'Italie, lorsqu'il fut accueilli par une vive fusillade. On l'avait pris pour une embarcation insurgée. Le patron du canot fut tué. Le lendemain matin, la ville versait une indemnité de cent *contos* de reis (150,000 francs) et faisait au marin des funérailles officielles. On s'est contenté de cette satisfaction.

Les hostilités sont, d'ailleurs, gênées par la présence dans la rade de cinq navires de guerre étrangers : un croiseur de 1<sup>ère</sup> classe français, l'*Aréthuse*, trois croiseurs anglais et un cuirassé italien. L'amiral français, M. de Libon, a réuni à son bord les commandants des navires étrangers, et a tenu avec eux une

conférence où il a été décidé que si les circonstances les y obligeaient, les vaisseaux étrangers interviendraient pour la protection de leurs nationaux.

Jusqu'ici, aucune intervention n'a été nécessaire. L'amiral Custodio de Melo a reculé devant un bombardement qui courait le risque d'atteindre les familles ou les amis de ses partisans. Il se contente de réquisitionner —en payant — les vivres qu'il a pu trouver à bord des bâtiments en rade et de mettre la main sur les magasins de charbon. On croit cependant que, pour sortir d'une situation qui menace de s'éterniser, il sera forcé de lancer bientôt quelques obus dans la ville, après avoir laissé aux étrangers le délai légal, de quarante-huit heures pour en sortir.

Tels sont, rapidement esquissés, les derniers événements. Quelle est, entre la troupe fidèle et la marine insurgée, l'attitude de la population ? Elle ne manifeste de sentiment d'aucune sorte. Elle attend l'issue de la lutte engagée, prête à acclamer le président s'il a le dessus ou à le laisser tomber s'il est le moins fort.

Il est impossible de préjuger aujourd'hui de cette issue. Si l'on envisage les forces militaires des deux parties, il semble que la marine, mieux armée et à l'abri derrière ses vaisseaux, puisse réduire à sa volonté la résistance par l'effroi d'un bombardement. Mais si elle est la maîtresse de la rade, il lui est impossible d'en franchir la passe, gardée par les canons du fort de Santa-Cruz, que les Brésiliens appellent la terreur du monde !...

Il serait prématuré de prévoir, dès à présent, la chute du président qui peut sortir plus fort que jamais de cette épreuve. Les insurgés lui donnent cependant — déjà — un successeur. Ce successeur, à défaut de l'amiral de Melo, qui n'accepterait pas, croit-on, la présidence, serait M. Prudente de Moraze [sic!], le président actuel du Sénat.

### **14**. *La Liberté*, 5 de outubro

O bombardeamento no Rio parou graças à intervenção dos chefes das esquadras estrangeiras, menos a alemã. Segundo o jornal católico, estes querem que as desordens continuem para que se chegue a um desmembramento do Brasil, favorável aos seus projetos de expansão colonial.

En dépit des renseignements fournis à la presse par l'agent à Paris du gouvernement, à la fois positiviste, et si peu positif, du Brésil, le bombardement de Rio-Janeiro a eu lieu et continuerait encore aujourd'hui si les chefs d'escadre étrangers, dont les vaisseaux sont ancrés dans la baie, ne s'étaient interposés pour faire cesser cette inutile cruauté. C'est ailleurs que doit se vider le débat entre M. Peixoto et ceux qui veulent lui arracher le pouvoir ; il est évident que si l'opinion se prononce contre le président actuel isolé à Rio-Janeiro, celui-ci s'affaissera et disparaîtra dans les troisièmes dessous du théâtre gouvernemental. Le commandant des forces navales allemandes n'a pas voulu se joindre à ses collègues français, anglais, italiens et américains. C'est très naturel: l'Allemagne, qui convoite une partie du Brésil où ses

nationaux sont nombreux, ayant intérêt à ce que le désordre continue et provoque le démembrement du pays.

### 15. «Un conflit ténébreux», *La Justice*, 5 de outubro

Como outros colegas, o jornal recebe notícias contraditórias sobre a revolta da marinha.

L'insurrection au Brésil continue à fournir aux journaux et aux agences télégraphiques un cadre à souhait pour dépêches à sensation.

Nous constatons la plus formelle contradiction entre les informations de sources officielle et celles qui sont transmises de New York.

D'après ces dernières, l'insurrection serait à la veille de triompher.

De son côté, le gouvernement brésilien réfute point par point toutes les allégations des amis de l'amiral Melo. Le délégué brésilien en Europe, M. Alcindo Guanabara, assure aujourd'hui que le blocus de Santos est d'invention pure.

Il nie la défection de la flottille du Haut-Uruguay.

Enfin, il oppose un démenti formel au *New-York Herald* annonçant que les états de Parana e de Santa-Catarina se sont ralliés à l'insurrection.

Ce qui donnerait une grande vraisemblance aux rectifications du gouvernement brésilien, c'est la déclaration collective des puissances (l'Allemagne exceptée) enjoignant l'amiral Melo de renoncer à bombarder Riode-Janeiro, sous peine d'essuyer, à son tour, le feu des cuirassés européens.

Ici, comme dans la révolution chilienne, la vérité ne se fera pleinement jour que lorsque l'un des adversaires aura été irrémédiablement écrasé.

### **16.** G. C., «Bombardement de Rio», *L'Univers*, 6 de outubro

Na primeira parte, o articulista faz troça de Sarah Bernhardt que queria absolutamente sentir a adrenalina do perigo bélico na Bahia do Rio; na segunda, ironiza sobre o facto de uma revolta que tem, segundo a legação do Brasil em Paris, ao todo 28 oficiais num só navio, não tenha já sido esmagada.

«La population se portait sur la place pour voir ça.» (Paroles de Sarah Bernhardt)

La grande Sarah Bernhardt a assisté au bombardement de Rio-de-Janeiro — où n'a-t-elle pas été, la grande Sarah Bernhardt ? — histoire de chercher des émotions.

Mais elle a eu beau se mettre au milieu des assaillants et de la ville assiégée, elle n'est pas parvenue, dit-elle, à courir le plus petit danger, à sentir le plus léger frisson.

Elle a eu la patience de compter les coups de canon tirés pendant toute une journée, de cinq heures à minuit. Mais c'est en vain que la grande tragédienne regardait avec sa longue vue : pas un des coups ne portait. Si bien que «la population se portait sur la plage pour voire ça».

Alors Sarah Bernhardt a demandé une chaloupe à vapeur pour se rendre au milieu du danger, et comme on ne refuse rien à Mme Sarah Bernhardt, on l'a menée où elle voulait. Et là encore, elle n'a rien vu.

«Des boulets de la Lique de la paix n'auraient pas été plus pacifiques.»

On ne s'explique guère d'après les dires de la grande tragédienne, ce que pouvaient devenir les boulets tirés, et il faudrait, sans doute, nommer une commission chargée de fouiller le pays et la mer, pour en retrouver deux ou trois.

La population du pays qui s'installe sur la place, comme pour voir un feu d'artifice, afin d'assister au bombardement — les premières places doivent être très chères — la population suivrait avec intérêt ces fouilles d'un nouveau genre.

Quoi qu'il en soit, le siège continue.

La légation du Brésil nous a bien fait savoir que l'insurrection «reste réduite aux seules ressources avec lesquelles elle est née», mais, comme nous ne savons pas avec quelles ressources elle est née, nous pouvons difficilement nous faire une idée de ce qu'elles sont maintenant.

Il est vrai que tous les navires qui se trouvent au loin «soutiennent le gouvernement», mais il faut avouer que c'est là un appui bien lointain, si ces navires sont aux antipodes. Ce n'est vraiment pas de chance. Heureusement que l'insurrection n'a que «28 officiers à peine» sur 500, «deux navires» dont un «ne peut pas naviguer», et que l'armée de terre «s'est prononcée à l'unanimité

contre l'insurrection», ce qui revient à dire que les insurgés n'ont en tout et pour tout, en fait de troupes de terre et de mer, qu'un navire sur lequel se trouvent 28 officiers.

On comprend alors que la population se porte sur la plage pour voir ça!

Mais alors, comment se fait-il que toutes les troupes de terre du Brésil, que toute la marine du Brésil, que les 472 officiers fidèles au gouvernement, ne soient pas encore parvenus à prendre, en s'amusant, ce seul et unique vaisseau, qui doit tant s'ennuyer d'être seul, ou à le faire couler, à titre d'exemple et d'exercice?

C'est pour le coup que la population se porterait sur le rivage pour voir ca!

#### 17. «Une restauration», Le Radical, 7 de outubro

São os Bragança e a Alemanha que estão por trás desta revolta da marinha brasileira!

Nous comprenons maintenant pourquoi, seuls, les commandants des navires allemands en rade de Rio de Janeiro, avaient décidé de ne pas s'associer à la protestation des représentants de la France, de l'Angleterre, du Portugal et des États-Unis contre le bombardement de la capitale du Brésil.

On annonce, en effet, que le duc Auguste de Saxe, fils de la princesse Léopoldine du Brésil et petit-fils de feu l'empereur Pedro, s'est embarqué à Pauillac<sup>10</sup> sur le paquebot Brésil.

Ce qui veut dire, en bon français, que le soulèvement de l'escadre brésilienne contre le gouvernement républicain du Brésil s'est fait à l'instigation de l'ancienne famille régnante : c'est simplement une restauration monarchique qui se prépare.

Le duce Auguste de Saxe est bien né à Rio de Janeiro, cela ne l'empêche pas d'être l'obligé et l'allié de l'Allemagne. Il part là-bas pour chercher une couronne, peut-être trouvera-t-il, comme Maximilien d'Autriche, un peloton d'exécution.

### **18.** *La Liberté*, 12 de outubro

Segundo o jornal, que lamenta a falta de intervenção das potências europeias na baia do Rio, a Alemanha está à espera de um desmembramento do Brasil para «ter boas oportunidades de negócio».

Les nouvelles du Brésil sont de plus en plus désolantes. Cette guerre impie et sans résultat favorable possible, continue à la confusion de la diplomatie européenne, qui n'a pas su y mettre un terme, car l'intervention navale des chefs des escadres étrangères ancrées dans la baie de Rio, ne s'est

<sup>&</sup>lt;sup>10</sup> Localidade que se situa no estuário da Gironda, perto da cidade de Bordéus.

pas réalisée. Sans blesser en rien les susceptibilités nationales des Brésiliens, on pouvait faire entendre aux belligérants la voix de la raison et leur imposer un accommodement équitable. C'est précisément à cela que doit servir la diplomatie. Mais l'Allemagne, qui n'a pas de colonies en Amérique, quoiqu'elle y compte tout un peuple d'émigrants, possède sur le démembrement de l'ancien Empire portugais dans l'Amérique du Sud pour s'y tailler un débouché.

#### **19**. *L'Univers*, 17 de outubro

Na opinião deste jornal católico, as medidas tomadas por Peixoto provam que o chefe do executivo «não se sente realmente forte».

Du Brésil, on annonce des arrestations. Le président Peixoto, se sentant de plus en plus menacé, essayerait de se maintenir par la violence. Cela ne concorde guère avec les communications optimistes du représentant du gouvernement plus ou moins légale des États-Unis du Brésil. Le fait même d'avoir transformé en pirate l'amiral de Melo et ses adhérents, prouve que le représentant Peixoto n'est nullement rassuré. On ne se sert pas de ces moyens extrêmes quand on ne se sent réellement fort.

### **20**. *La Liberté*, 25 de outubro

O jornalista — que tem a certeza que os revoltosos irão triunfar pensa que o país está à beira de se desarticular. Na sua opinião, o sistema federal americano não se pode aplicar ao Brasil. L'insurrection brésilienne a cessé d'être purement maritime, car elle a pris domicile à terre ; elle a cessé aussi d'être purement militaire, l'amiral Melo ayant choisi dans son entourage un positiviste quelconque pour en faire un président civil de la République, dont les titres négatifs sont après tout aussi légitimes que ceux de M. Peixoto, issu lui-même d'un pronunciamiento. C'est à la suite de l'ajournement des élections que M. Melo a pris cette résolution. Nous n'avons jamais douté du succès de l'insurrection : l'affaire finira comme celle du Chili. Le Brésil est, à n'en pas douter, en état de dislocation. Le principe fédéral, qui a été si fécond aux États-Unis, en raison de l'état rudimentaire et primitif de la société américaine, ne pouvait avoir que des résultats fatals chez un peuple où la politique est depuis longtemps une industrie lucrative, où l'armée joue le rôle considérable qui lui est dévolu dans les monarchies, et où l'on ambitionne autre chose que la fortune pour regagner le plus tôt possible sa patrie d'origine.

# **21**. «Le droit d'intervention au Brésil», *Journal des Débats*, 1 de novembro

Depois dos representantes europeus no Rio terem tentado evitar o bombardeamento da cidade e terem afixado um aviso «na porta das legações e dos consulados» para informar os seus compatriotas dos perigos da situação, a imprensa governamental e alguns quotidianos norte-americanos reagiram com uma certa veemência. Os últimos «fulminaram» contra a diplomacia europeia, invocando a doutrina Monroe.

O jornalista parisiense não percebe o que é que esta doutrina tem a ver com os factos e pensa que não se devia aplicá-la ao Brasil. O artigo censura ainda a atitude de alguns jornais de Nova Iorque, segundo os quais o navio americano que está a navegar em direção à capital brasileira tem a missão de «impedir o conluio entre as legações estrangeiras e os rebeldes».

Au commencement du mois d'octobre, alors que la flotte de l'amiral Melo venait de bombarder Niteroi, le bruit courait à Rio-de-Janeiro que c'était au tour de cette ville de subir le jeu de l'escadre insurgée ; l'émoi fut grand, aussi bien parmi les Brésiliens que dans les colonies étrangères, et, comme il était naturel, les représentants de puissances s'efforcèrent de prendre des mesures pour protéger la vie et les intérêts de leurs nationaux.

Non seulement plusieurs d'entre eux s'entremirent auprès du maréchal Peixoto et de l'amiral de Melo pour leur demander d'éviter la transformation de la grande place commerciale en une véritable place de guerre, et empêcher, s'il était possible par une action commune, un bombardement désastreux ; mais presque tous affichèrent aussi à la porte des légations et des consulats, faisant connaître à leurs nationaux les dangers qui les menaçaient s'ils demeuraient en ville, et les précautions qu'eux-mêmes comptaient prendre pour la sûreté de leurs colonies; ces précautions consistaient à réclamer le concours des compagnies de débarquement des navires étrangers mouillés en grand nombre dans la baie, au cas où les événements militaires amèneraient le pillage et l'anarchie dans la capitale.

On conçoit qu'un tel avis n'ait été qu'à moitié agréable au gouvernement du maréchal Peixoto et aussi qu'il ait répondu par un Manifeste où il déclarait hautement qu'il maintiendrait l'ordre et répondait de la sûreté de tous les habitants de Rio-de-Janeiro — ce qui, d'ailleurs, ne s'est pas toujours vérifié ; l'on peut admettre aussi que la presse gouvernementale, renchérissant encore sur l'attitude du Président, ait profité de l'occasion pour faire la leçon aux agents diplomatiques, — bien que plusieurs journaux, tel que le *Rio News*, aient au contraire considéré l'attitude des légations, comme parfaitement raisonnable, prudente et justifiées par la situation présente.

Mais ce qui est plus surprenant, c'est que la presse des États-Unis partît en guerre et qu'au nom de la fameuse doctrine de Monroe elle critiquât violemment l'action de la diplomatie européenne ; le *Sun* du 10 octobre<sup>11</sup> et le *New-York Herald* du 11 fulminèrent contre elle et ce ne fut que le commencement d'une vraie campagne. Or la doctrine de Monroe n'a assurément rien de commun entre le projet de faire descendre à terre quelques centaines de marins pour protéger la vie et le bien des résidents étrangers et une intervention politique, — sans compter d'ailleurs qu'on ne voit pas très bien en vertu de quels principes la doctrine de Monroe s'appliquerait au Brésil.

Et voici pourtant qui est plus fort: comme le gouvernement des États-Unis donnait des ordres ces jours-ci à un croiseur américains de se rendre dans les eaux de Rio, la presse de New-York annonce que, les États-Unis

<sup>&</sup>lt;sup>11</sup> Cf. A Segunda Revolta da Armada na imprensa norte-americana, Texto 126.

ayant grand intérêt à ce que les concessions commerciales qui lui ont été faites en 1891 par le Brésil ne fussent pas retirées, ce qui arriverait immanquablement si un gouvernement monarchique était installé par l'amiral de Melo, à la place du gouvernement républicains actuel, ce croiseur a reçu l'ordre de parer à tout événement et d'empêcher que la connivence des légations étrangères avec les insurgés ne leur permit d'accomplir ce plan. C'est la *Tribuna* qui a découvert la conspiration.

Que l'amiral de Melo songe à rétablir l'empire, nous n'en savons rien, bien que le fait soit peu vraisemblable, mais que le simple Avis des représentants étrangers à leurs nationaux soit une preuve de complicité, cela est un peu fort. Heureusement, nous avons bon espoir que le gouvernement, si prudent à l'extérieur, du Président Cleveland<sup>12</sup> ne partage pas de semblables imaginations. Le plan d'intervention qui lui est prêté, — car c'en serait un celui-là et bien caractérisé— semble né de toute pièce dans l'esprit chimérique de quelques journalistes.

#### **22.** *L'Univers.* 2 de novembro

Sans annoncer aucun changement grave dans la situation des belligérants, les dépêches relatives au Brésil ne manquent pas d'intérêts. D'une

<sup>&</sup>lt;sup>12</sup> Steven Grover Cleveland (1837-1908) é o único presidente democrata entre 1861 e 1913. E também o único chefe de Estado norte-americano a ter sido eleito por dois mandatos não consecutivos (1885-1889 e 1893-1897).

part, elles disent que le mouvement du général de Melo aurait pour objet une restauration de l'empire ; d'autre part, elles parlent d'une intervention de la république des États-Unis, qui, il est vrai, est contestée.

### 23. La situation au Brésil», *La Justice*, 8 de novembro

Este correspondente do Rio, depois de ter acusado os revoltosos de terem preparado um atentado (que foi frustrado) contra o caminho de ferro, ataca os federalistas do Rio-Grande do Sul que anunciam grandes vitórias, mas que, na prática, não conseguiram «destronar» Julho de Castilhos.

O jornalista, que escreve da capital carioca, denuncia os «propagadores de notícias falsas», como os correspondentes do New-York Herald. Agora, salienta o jornalista, já «não fabricam os telegramas em Buenos Aires», «mas transportaram» tudo para Paris, onde dois periódicos — que não cita pelo nome — colaboram com eles. Na capital francesa, um jornal publica a fala informação e, alguns dias depois, um semanário desmente-a.

#### On nous écrit de Rio :

«La révolte de l'escadre touche à son terme. Le 6 septembre, au moment de son explosion, elle espérait obtenir l'adhésion d'une partie de la population de Rio et même de celle du pays. Cette adhésion lui a fait défaut, et, bien au contraire, le sentiment populaire, exaspéré par le bombardement de la capitale et de la ville de Niteroi, s'est absolument tourné contre les rebelles.

Abandonnés par l'opinion publique, la révolte a eu recours à la dynamite pour détruire le chemin de fer central du Brésil, par lequel s'effectue le ravitaillement de la ville de Rio; elle se proposait ainsi d'affamer la population.

C'est sous le coup de cette tentative que les partisans de la révolte annonçaient, par télégrammes, que la ville de Rio allait être réduite dans les six jours par la famine. Depuis ce délai, un mois s'est écoulé, et la ville ne s'est pas rendue. Deux Italiens ont été arrêtés le 23 septembre, au moment où ils tentaient de faire sauter le grand tunnel du chemin de fer central. L'attentat avorta; tous les services de ligne ne cessent de fonctionner avec la plus grande régularité. Entreprises criminelles d'anarchistes et gasconnades, tels sont les signes caractéristiques de l'entreprise de M. de Melo. C'est une vieille habitude des rebelles aux abois d'annoncer d'avance des victoires fantastiques qui ne se réalisent jamais.

D'après le dire de certains amis de la révolte, à Rio-Grande, elle marche depuis de longs mois de triomphe en triomphe, et cependant l'État de Rio-Grande ne bouge pas et son gouverneur Castilhos est toujours solidement en place, alors que M. Silveira Martins est toujours en fuite. Quand on annonçait, au mois de juillet, que Vandenkolk était victorieux, celui-ci était déjà vaincu et conduit prisonnier à Rio. Aussitôt ses amis annonçaient qu'il serait passé par les armes, assertion fausse, puisqu'il va être jugé régulièrement, d'accord avec les lois libérales de la République. Quelques jours après l'explosion de la révolte de l'escadre à Rio, les fabricants de fausses nouvelles annonçaient l'adhésion de Pernambuco, de Bahia, de Saint-Paul et du Para, voilà deux mois que la révolte dure, et tous ces États sont demeurés fidèles à la Constitution et gouvernement qui la défend. Le 16 septembre, les mêmes propagateurs de fausses nouvelles, tel que les correspondants du *New-York Herald* à la Plata,

annonçaient que le président Peixoto avait abandonné Rio pour se réfugier à Santa-Ana ; or, le président n'a jamais quitté Rio, où il est solidement appuyé par l'opinion et par tous les pouvoirs publics.

Devant les fréquent démentis infligés à leurs assertions mensongères, les auteurs des fausses nouvelles ont changé de tactique. Au lieu de fabriquer leurs télégrammes à Buenos Aires et de les transmettre en Europe par voie de New- York, ils ont transporté leur officine à Paris, où certain grand journal leur offre une étrange hospitalité : ajoutons qu'après coup, leurs nouvelles ayant été démontrées fausses, ils les font démentir dans une autre feuille parisienne hebdomadaire. C'est ainsi que la première de ces feuilles annonçait, à la date du 5 octobre, le départ du prince dom Augusto pour Rio, et la seconde démentait le fait trois jours après. C'est ainsi encore que l'une publiait la fausse nouvelle de l'arrestation du vicomte de Ouro Preto, du docteur Afonso Celso, du baron de Lucena et du comte Figueiredo, et que l'autre démentait encore une fois cette nouvelle.

On serait tenté de supposer que la même personne se livre à l'agréable jeu de certains reporters donnant de fausses nouvelles pour trouver l'occasion de les démentir : c'est là ce qui s'appelle faire d'une pierre deux coups. Inutile de dire que tous ces manèges n'ont guère avancé les affaires de la révolte ; c'est le contraire qu'il est permis de constater.»

### **24**. *La Liberté*, 12 de novembro

Mais um ataque do quotidiano católico — que pede uma intervenção da Europa para pôr termo a «esta luta fratricida» — contra o «positivismo cosmopolita que quer aniquilar a sociedade» e que, na opinião do jornal parisiense, transformou a capital brasileira numa «espécie de pandemônio».

Le gouvernement de M. Peixoto vient d'édicter un décret relatif à l'expulsion des étrangers avec séquestre de leurs biens. Le Brésil, depuis la révolution, est devenu le rendez-vous du positivisme cosmopolite, en quête de démolition sociale. Rio-de-Janeiro est une sorte de pandémonium de la révolution universelle où se coudoient tous les systèmes et surtout tous les appétits imaginables. M. Peixoto rendrait un véritable service à son pays, s'il arrivait à le débarrasser de cette foule encombrante et bruyante. Mais l'autorité de ce président se meut dans un rayon très court. L'amiral Melo fait des progrès incontestables, malgré l'appui que les États-Unis prêtent à son rival. L'Europe doit rester indifférente entre les deux prétendants, mais elle a le droit et le devoir d'influer pour que cette lutte fratricide prenne fin immédiatement.

#### **25**. *Le Matin*, 15 de novembro

O diário francês reconhece que há descontentes no Brasil, sobretudo nas «províncias meridionais e nas da Amazónia». Porém, não acredita minimamente numa possível restauração monárquica por parte do almirante de Melo: antes pelo contrário, prevê «uma derrota completa» desta insurreição.



Fig. 7: Custódio de Melo (L'Illustration, 4 de nov.)

Il se peut que le Brésil ne soit pas encore mûr pour le régime républicain, peut-être parce que ceux qui l'ont gouverné jusqu'à ce jour au nom de la République lui ont fait apprécier les inconvénients plutôt que les avantages de ce système de gouvernement, mais ce n'est point un motif pour que l'amiral de Melo réussisse dans le plan qu'on lui prête de restaurer la dynastie impériale sur le trône si bénévolement abandonné par le placide dom Pedro.

Nous ne voyons pas trop où et sur qui le Monck en herbe prendrait ses points d'appui, en dehors de quelques officiers subalternes qui, pour gagner un facile avancement, ont cru devoir s'associer à sa fortune.

S'il existe des mécontents au Brésil, ce qui n'est pas niable, ils sont surtout fournis par les provinces du Sul et des Amazones. Or, les séparatistes de ces contrées, loin de songer à la restauration des Bragance, ont, au contraire, pour objectif un plus large développement des libertés républicaines et rêvent même une complète autonomie, que l'ambitieux amiral leur avait presque promise.

Aussi, maintenant que le chef des insurgés a jeté le masque libérateur dont il s'était affublé au début de son pronunciamiento, craignons-nous pour lui un échec complet qui, d'ailleurs, n'en laissera pas moins malheureux le Brésil dans une situation très troublée et assez inquiétante.

Pour détruire complètement le mal, il faudrait l'attaquer à la racine.

### **26**. «L'insurrection brésilienne», *La Justice*, 16 de novembro

Contradições de Rui Barbosa que, primeiro, publica um manifesto contra a insurreição e que, agora, escreve outro «contra o governo do presidente Peixoto». O jornalista assinala, entre outras coisas, que o antigo ministro das Finanças não é a pessoa mais indicada para criticar um sistema que ele próprio criou, e que provocou uma enorme desvalorização da moeda brasileira.

«A insurreição será esmagada» e o «Senhor Barbosa será definitivamente eliminado da arena política», conclui perentoriamente o articulista.

On nous écrit de Londres à la date du 13 :

M. Barbosa, ancien ministre des finances du gouvernement provisoire, a publié dans le New-York Herald un manifeste hostile au gouvernement du président Peixoto.

Dans ce manifeste, M. Barbosa blâme l'état de siège proclamé à la suite de la révolte d'une partie de l'escadre dans le port de Rio-de-Janeiro.

Dans les cercles politiques de Londres, on fait observer que M. Barbosa devrait être le dernier à critiquer une mesure exceptionnelle prévue par l'art. 80 de la Constitution du Brésil votée par lui.

À l'égard des appréciations défavorables formulées par l'ancien ministre sur l'état des finances, on constate que le désarroi du Trésor contre lequel il s'élève, remonte à l'époque où il avait sous sa garde l'administration des deniers publics. C'est lui qui a déterminé la dépréciation du billet de banque brésilien par la fondation de banques d'émission qu'il a prises sous son patronage, avec le concours d'agioteurs notoires, aujourd'hui dans le camp des insurgés.

M. Rui Barbosa a été longtemps réputé pour son entente des affaires, mais un grand fond de légèreté a toujours stérilisé ses efforts.

Il donne une nouvelle preuve de cette légèreté, lorsqu'il affirme dans son manifeste que l'escadre brésilienne et deux bâtiments de guerre actuellement à Toulon se sont déclarés en faveur de M. Melo.

M. Rui Barbosa n'ignore cependant pas que l'escadre de l'Uruguay est au service du gouvernement légal et que les bâtiments actuellement à Toulon ne sauraient faire cause commune avec l'insurrection, attendu que l'un est encore à la Compagnie des Forges et Chantiers et que l'autre, le *Riachuelo*, puissant cuirassé sous le commandement du capitaine Proença, reste fidèle au gouvernement légal ainsi que l'a déclaré l'officier. D'ailleurs, le *Riachuelo* est en réparation à la Seyne et ne pourra pas prendre la mer avant six mois.

Monsieur Barbosa sait fort bien que ces deux vaisseaux ne sauraient en aucune façon adhérer efficacement au mouvement insurrectionnel qui persiste dans la rade de Rio, mais qui reste circonscrit dans son premier foyer sans réussir à prendre pied dans le pays.

Le manifeste actuel de M. Barbosa contient une flagrante contradiction de celui qu'il a publié précédemment contre l'insurrection.

Dans ce premier manifeste, il refusait toute chance de succès à l'amiral Melo. Aujourd'hui, il affecte de croire au triomphe de ce dernier.

Il n'ignore pas, cependant, que le pays tout entier se prononce contre l'insurrection et que le gouvernement, soutenu par l'opinion, a déjà organisé une escadre qui lui permettra d'écraser la révolte.

Il n'ignore pas non plus que le succès, d'ailleurs impossible, des insurgés préparerait la ruine du Brésil. Dominé par le militarisme et en proie aux intrigues des agioteurs de toutes sortes auxquels se livrerait l'entourage actuel de l'amiral Melo, le pays ne tarderait pas à s'effondrer irrémédiablement.

Pour tout observateur impartial des événements actuels au Brésil, il demeure certain que l'insurrection sera écrasée incessamment; quant à M. Barbosa, il sera éliminé, sans retour, du domaine politique.

Ce sera la suite et la consécration de ses précédents échecs au Sénat.

# **27**. Armand Villette, «La situation au Brésil», *Le Gaulois*, 19 de novembro

Na véspera, o jornal monárquico tinha recebido um despacho que comunicava a intenção do almirante de Melo de restaurar o império, mensagem que Le Gaulois interpreta com pouco espírito crítico.

Para obter mais informações, um enviado do jornal vai à residência dos condes de Eu, do duque de Nemours, interroga o primeiro secretário da legação brasileira na capital francesa e, a seguir, um «velho diplomata brasileiro». Este parte do princípio que, depois de ter vivido quatro anos, o sistema republicano já morreu no Brasil.

De facto, tanto o «velho diplomata» — que narra a história brasileira dos últimos quatro anos — como o jornalista parisiense precipitam-se nas suas análises e tomam os seus desejos por realidades.

Hier, après la dépêche qui annonçait que l'amiral Custodio de Melo se préparait à accomplir la restauration de l'Empire, au profit du prince impérial d'Alcantara de Bragance-Orléans, fils aîné de Madame comtesse d'Eu et de Mgr le comte d'Eu, nous avons pensé qu'il convenait de nous renseigner immédiatement auprès des personnes les plus autorisées; et nous publions, aujourd'hui, les renseignements que nous avons pu recueillir.

#### Chez Madame la comtesse d'Eu

Nous nous rendons tout d'abord chez les augustes parents du jeune prince qui, depuis un an, ont quitté Versailles et se sont installés à Boulogne-sur-Seine, dans une belle villa sur la lisière du bois.

Madame la comtesse d'Eu et Mgr le comte d'Eu sont absents.

Nous remarquons sur les tables du salon des centaines de télégrammes. Rien de politique. Ce sont des dépêches de souhaits que l'on adresse à Madame la Comtesse d'Eu de tous les coins de la France, d'Europe et même du Brésil, à l'occasion de la Sainte-Elisabeth, fête patronale de la princesse, que l'Église célèbre aujourd'hui.

#### Che Mgr le duc de Nemours. – M. de Riancey

En quittant Boulogne-sur-Seine, nous nous présentons cher Mgr le duc de Nemours.

Il y a quatre ans, nous arrivions, le 15 novembre, à l'hôtel du prince, 9, avenue Kléber, pour demander des renseignements sur la révolution brésilienne qui avait détrôné la maison de Bragance.

Aujourd'hui, nous venons demander des nouvelles de la restauration de l'empire par les amiraux Custodio de Melo e Saldanha de Gama.

Nous sommes reçus, comme il y a quatre ans, par M. le comte de Riancey, secrétaire des commandements de Mgr le duc de Nemours, et ami personnel de la famille impériale du Brésil.

M. le comte de Riancey, avec beaucoup de courtoisie, mais avec la réserve d'un bon diplomate et d'un homme de Cour, nous déclare que chez la famille impériale et chez Mgr le duc de Nemours on en connaît, sur les événements brésiliens, que ce qu'en disent les dépêches.

Nous lui demandons alors des renseignements sur le jeune prince qui, suivant ces dépêches, aurait été proclamé empereur. Il se plaît d'abord à nous rappeler qu'il a connu le prince Pierre lorsqu'il n'était encore qu'un enfant. Voici le portrait qu'il nous en esquisse :

#### Le prince Pierre de Bragance-Orléans

Le prince impérial est né au palais de Petropolis, le 15 octobre 1875. Il a donc atteint, depuis un mois, sa majorité, suivant la Constitution de l'ancien empire brésilien.

Beau et fort, le jeune prince ressemble beaucoup à son grand-père, l'empereur Don Pedro. Il a reçu, en naissant, le titre de prince du Grão Para (Grand Para).

Ainsi que ses frères, les princes Louis et Antoine, il a suivi les cours des RR. PP Eudistes, à Versailles, pendant le séjour de Mgr le comte d'Eu et de Madame la comtesse d'Eu en cette ville.

Le prince Pierre a passé l'année dernière au collège Stanislas. Son nom a été cité avec succès au palmarès.

Après avoir passé brillamment son examen de baccalauréat, il est allé faire ses études militaires à la célèbre école de Wiener-Neustadt, près de Vienne. Il a été admis à cette école en raison de sa proche parenté avec l'empereur d'Autriche, qui est cousin germain de l'empereur défunt et neveu à la mode de Bretagne de Mgr le duc de Nemours.

Le prince Pierre se fait remarquer par sa vive intelligence. D'un caractère très réfléchi, il a en même temps tout l'enjouement de la jeunesse. Il aime tous les sports athlétiques et est surtout un parfait cavalier.

Les études militaires le passionnent, et il sera aussi brave dans les armes que l'a été son père Mgr le comte d'Eu, qui a sauvé autrefois l'indépendance du Brésil, en finissant glorieusement la guerre contre le Paraguay.

M. le comte de Riancey a bien voulu nous confier pour quelques jours le dernier portrait du prince Pierre, que nous exposons, dès aujourd'hui dans notre salle des dépêches.

\_\_\_\_\_

#### À LA LÉGATION DU BRÉSIL

A la légation du Brésil, où les attachés, en l'absence du ministre, semblaient très affairés, on a prétexté l'envoie du courrier par le prochain paquebot pour refuser de nous répondre :

— Impossible... D'ailleurs, nous n'avons pas de nouvelles. La presse en connaît plus que nous.

Ces messieurs obéissaient évidemment à un mot d'ordre; d'ailleurs, comme nous quittions les bureaux de la légation, nous avons entendu le premier secrétaire, M. Alberto Fialho, qui disait :

 La situation est grave; le ministère nous a fait défense de communiquer le moindre renseignement aux journaux.

Nous ne nous étions pas trompés. Il était aisé de déduire de cette attitude que la légation n'avait reçu que des dépêches fort mauvaises... pour le gouvernement républicain du Brésil, sinon ses attachés se fussent empressés de nous en faire part.

Les nouvelles que M. Alberto Fialho nous a refusées nous ont été données par un vieux diplomate brésilien, pour lequel les affaires qui nous occupent n'ont aucun secret. Et c'est documents en mains que notre interlocuteur a bien voulu nous faire une sorte d'historique de la politique de son pays, depuis la chute de l'Empire jusqu'à ce jour.

\* \* \*

— Mes renseignements particuliers me permettent de vous confirmer les dépêches d'hier relatives à la restauration de l'empire. La république aura donc vécu quatre ans presque jour pour jour, puisque c'est le 15 novembre 1889 que Dom Pedro fut exilé, après avoir régné pendant cinquante-huit ans.

Il était facile de prévoir qu'un pays aussi foncièrement impérialiste ne pourrait supporter longtemps un gouvernement républicain.

En 1889, les partisans de la république menèrent une campagne des plus vives ; le 30 avril, ils organisèrent un congrès à San Pablo ; les républicains de chaque province s'y firent représenter par cinq délégués. Ce fut incontestablement de ce congrès que naquit la révolution de novembre.

M. Quintino Bocaiuva, rédacteur au *País*, qui voulait jouer un grand rôle, se proclama chef de l'opposition; il publia un manifeste dans lequel il faisait connaître les noms des membres d'un comité qu'il s'était adjoint pour mener à bien sa tâche.

Le mouvement républicain ne tarda pas à gagner la Chambre ; en séance, des députés crièrent «Vive la république !»

Mais des Brésiliens, et surtout ceux des provinces du Sud, ne voulurent pas suivre le mouvement, et quand, après le 17 [sic!] novembre, la république

fut proclamée, une insurrection se produisit, et le maréchal Fonseca, élu président de la république, dut, avec son gouvernement, provoquer un grand Congrès, destiné à le confirmer dans ses fonctions.

Quant au chef de l'opposition, M. Quintino Bocaiuva, son ambition fut satisfaite; il fit partie du ministère provisoire, de même que M. Rui Barbosa, qui, aujourd'hui, est du côté des insurgés. Ce dernier était ministres des finances.

Les premiers mois du nouveau régime furent très pénibles ; cependant, le calme semblait renaître quand on apprit, presque coup sur coup, la mort de l'Impératrice, puis celle de l'empereur. Dom Pedro succomba, à Paris, le 4 décembre 1891.

Dès lors, ceux qui avaient consenti à adhérer à la république redevinrent ce qu'ils étaient : impérialistes ; le gouvernement eut à réprimer de nombreux troubles ; il y eut de fréquentes crises ministérielles ; de Fonseca dut abandonner la présidence où le maréchal Peixoto fut appelé.

Les impérialistes ne cessèrent pas leur campagne, qui, le 5 septembre dernier aboutit à la révolution. Et l'amiral de Melo se mit à la tête du mouvement.

Cependant, dès le début, l'amiral déclara qu'en cas de succès, il continuerait d'adhérer aux institutions républicaines; et avait rallié à sa cause les marins nationaux — anciens marins impériaux— et le corps de la marine appelé les *fusiliers marins*, soit près de trois milles hommes de troupes

Le 30 septembre, l'amiral adressait au peuple une longue proclamation dont voici les principaux passages :

Le vice-président Peixoto n'a en sa faveur que les autorités créées par lui. Il est isolé de la nation et n'a d'autres éléments de lutte que le mensonge, la corruption, la ruse, la perfidie, le crime même, sous les formes les plus indignes et les plus répugnantes.

On a employé le mensonge en affirmant que le but du chef de la révolution était de s'emparer du pouvoir, et en prétendant que l'escadre est bloquée dans le port par les torpilles placées à la barre.

On a employé la corruption en tentant de gagner les officiers de marine resté à terre, en faisant offrir de grosses sommes aux officiers inférieurs du corps des marins nationaux pour soulever la garnison de Villegagnon, enfin en augmentant la solde des garnisons de terre.

On a employé la ruse en envoyant, à la forteresse de Villegagnon, de nouveaux officiers comme le capitaine de vaisseau Baptista Leao et le vice-amiral en retraite Jeronimo Gonçalves, que celle-ci a d'ailleurs reçus à coups de fusil; en envoyant le cuirassé *Bahia* stationner à Rosario de San-Fé [sic!], et en retenta le croiseurs *Tiradentes* à Montevideo, où on a mis ses machines dans l'impossibilité de fonctionner, ce qui a, du reste, soulevé l'équipage; en s'efforçant de rendre l'escadre insurgée odieuse sous le faux prétexte qu'elle a bombardé la pacifique population de Rio dans le but de la pousser à forcer le vice-président de résigner le pouvoir.

On a recouru à la perfidie en arborant le pavillons anglais sur une chaloupe à vapeur, chargée d'une torpille et de plusieurs centaines de cartouches de dynamites, et qui, grâce à ce pavillon, aurait pu s'approcher traîtreusement de l'Aquidaban.

Cette chaloupe, surprise et capturée par une embarcation du croiseur anglais *Sirius*, avait à son bord deux Anglais, deux Américains, un Allemand et trois Brésiliens.

On a, enfin, recouru au crime même d'assassinat. En effet, le soir du 24 septembre, il s'est présenté, à bord de l'*Aquidaban*, un Espagnol se disant porteur d'un objet qui devait être remis personnellement à l'amiral de Melo.

Cet objet était une machine infernale préparée dans un livre au moyen de la dynamite.

La preuve en a été conservée dans un acte signé para de nombreuses personnes se trouvent à bord, et la machine infernale a été montrée aux commandants des navires de guerre étrangers.

Le simple exposé de ces faits suffit pour montrer la faiblesse du dictateur en face de la révolution qui le tient bloqué dans la capitale, et trahit cette politique antipatriotiques, immorale et criminelle qui a réduit le Brésil à l'état où il est, et qui justifie pleinement la révolution

\* \* \*

La panique était grande à Rio-de-Janeiro. Le Brésil dit que les batteries établies par ordre du gouvernement sur les collines de Castelo et de Sao Bento, ayant attiré forcément, dans ces directions, le feu de la flotte insurgée, la chute des projectiles dans ces quartiers populaires de la ville, fit croire à une intention arrêtée par l'amiral Custodio de Melo, de bombarder Rio, malgré ses déclarations.

L'affolement devint général le 13 septembre ; la population des quartiers du centre s'enfuyait dans les faubourgs, les environs et même loin de l'intérieur. Le tramway de la banlieue et les trains du chemin de fer Central étaient littéralement pris d'assaut par des familles qui allaient se réfugier à Minas. D'autres gagnaient à pied la campagne, et le *País* calcule à cent mille habitants le nombre de ceux qui s'enfuirent en cette journée.

Cependant les employées désertaient leurs postes, les boutiquiers fermaient leurs magasins et les étrangers enlevaient le drapeau de leur nationalité respective.

Le mouvement devenait d'autant plus grave, que M. Gumercindo Saraiva, général en chef du premier corps d'armée, datait d'une des provinces du Sud (Itapua) une proclamation révolutionnaire qui commençait ainsi :

Citoyens!

Aux armes ! aux armes ! Tous ceux pour qui la vertu n'est pas un mythe, la liberté une illusion et la justice un mensonge.

Six mois de lutte n'ont pas abattu un seul instant le courage de nos héroïques concitoyens, qui préfèrent mille fois la mort dans ces montagnes, témoins de la grandeur de nos aïeux, à vivre esclaves dans une patrie avilie.

...Aidez-nous à terminer cette guerre, qui nous ruine, à rendre la paix à Rio- Grande en chassant de son sein les hommes néfastes qui ont fait du vol, du pillage, de l'assassinat, de la violation de tous les droits, du mépris de tous les sentiments humains des armes du gouvernement.

Soyons dignes de nos ancêtres et, dans un effort suprême, balayons le gouvernement qui nous humilie et qui nous ruine, qui nous déshonore et nous avilit devant l'Amérique et devant le monde.

Le gouvernement prenait alors un grand parti : il décrétait l'état de siège à Rio-de-Janeiro ; c'était le 25 septembre. Les États de San-Pablo, Santa-Catarina, Rio-Grande-do-Sul et Parana étaient également visés dans ce décret.

Et les hostilités se poursuivaient entre l'armée régulière, et l'escadre révolutionnaire, ayant à sa tête l'*Aquidaban*, battant pavillon de l'amiral de Melo.

Le succès de l'amiral ne faisait pas de doute. Un rapport officiel du 9 octobre constatait que la révolution gagnait du terrain, quoique lentement : elle était déjà parvenue, à cette époque, à mettre pied sur la terre ferme et à s'y maintenir dans quelques endroits.

Le fait suffisait à démontrer que le succès de la révolution n'est qu'une affaire de temps et qu'il s'affirmera à mesure que l'amiral de Melo développera les éléments d'attaque sur lesquels il peut compter, mais qu'il ne peut concentrer et accroître qu'avec lenteur et difficulté, en raison des longues distances et de la résistance acharnée qui lui est opposée.

Les prévisions de ce rapport se sont donc réalisées. D'ailleurs, dès fin septembre, la révolution entrait dans une nouvelle phase ; limitée jusqu'alors à la baie de Rio-de-Janeiro, elle étendit son champ d'action aux côtes du Sud, d'où était partie la proclamation du général Gumercindo Saraiva.

Le croiseur *Republica*, les torpilleurs de haute mer *Marcilo Dias* et *Igatemi*, les deux vapeurs à grande vitesse *Palbas* et *Marte*, protégés par le cuirassée *Aquideban*, ayant à son bord l'amiral de Melo, réussirent à forcer la barre de Rio, malgré les feux des trois forts qui défendaient l'entrée.

Pour cette délicate opération, qui fut un succès pour les révolutionnaires, l'amiral de Melo avait fait peindre en noir les navires et avait blindé les deux vapeurs avec des balles de coton et de luzerne, qui, lancées ensuite dans la mer et rejetées sur le rivage comme des épaves, avaient fait croire que l'un ou l'autre des bâtiments avait été coulée par les forts.

Les navires insurgés se dirigèrent vers Santa-Catarina, où la révolution compte de nombreux partisans, afin de créer par terre une base d'opérations pour agir avec les révolutionnaires de Rio-Grande-do-Sul.

Cette tactique réussit parfaitement ; elle décida du succès final.

\*\*\*

Tandis que le vice-président de la république et les ministres signaient un décret, daté du 10 octobre, contre la flotte insurgée, déclarant «déchus de leurs immunités et privés de la protection du drapeau national les navires de guerre sous le commandement du contre-amiral Custodio-José de Melo depuis le 6 septembre, et les navires de commerce armés par les révoltés, l'amiral de Melo lançait une nouvelle proclamation :

Depuis le 6 septembre, le peuple a vu se dérouler sous ses yeux une longue série de pénibles événements dont la cause unique est l'obstination du vice-président Peixoto à retenir à tout prix ce pouvoir, dont il a usé et pour violer la Constitution et sacrifier les ressources vitales du pays, en l'exposant pendant des mois à la guerre civile.

J'ai solennellement déclaré, et je le répète maintenant, que, ni moi ni mes compagnons n'aspirons au pouvoir à notre propre bénéfice. Notre seul but est de rendre la paix au pays et de délivrer le peuple écrasé sous le joug de fer de la tyrannie, par l'inconcevable manque de patriotisme du chef du gouvernement qui refuse d'entendre les clameurs de l'opinion publique, demandant la pacification et la retraite du maréchal Peixoto.

On peut se demander par suite de quelles circonstances l'amiral de Melo, qui avait déclaré «continuer d'adhérer fidèlement aux institutions républicaines», s'est tout à coup prononcé en faveur de la restauration de l'Empire.

L'amiral a agi ainsi après avoir reçu le concours de l'amiral Saldanha da Gama, un des officiers les plus distingués de la flotte brésilienne, et celui de l'ancien ministre des finances sous la présidence Fonseca, M. Rui Barbosa. Ces deux personnages, qui jouissent au Brésil d'une très grande autorité, se sont ralliés à l'amiral avec la conviction que le rétablissement de l'empire était chose nécessaire.

Il n'a pas fallu autre chose à l'amiral de Melo pour que celui-ci se prononçât contre la république, en haine surtout de son gouvernement actuel. D'ailleurs, en agissant ainsi, il était certain de se rallier tous ceux qui hésitaient encore à le suivre dans sa campagne révolutionnaire.

# **28.** J. Cardane, «Les événements du Brésil», *Le Figaro*, 19 de novembro

Como o seu colega de Le Gaulois, o jornalista do Figaro, entrevista uma «alta personalidade da colónia brasileira em Paris», para saber se a notícia da proclamação do novo imperador do Brasil corresponde à verdade.

Este brasileiro não tem mais informações par lhe dar. Embora um pouco mais prudente que o seu colega entrevistado pelo quotidiano monárquico, acredita na notícia e fala do príncipe Pedro de Alcântara, neto de D. Pedro II, como se já fosse imperador do Brasil e como se a revolta da armada já tivesse derrotado Floriano Peixoto.

Aucune dépêche ayant un caractère officiel n'est venue confirmer hier la nouvelle, de source madrilène, d'après laquelle l'amiral de Melo aurait proclamé le fils aîné du comte d'Eu empereur du Brésil. Au contraire, une dépêche datée de Washington annonce que les vaisseaux insurgés ont pavoisé vendredi en honneur de l'anniversaire de l'établissement de la République.

Les entraves apportées aux communications télégraphiques par le gouvernement du maréchal Floriano Peixoto ne permettent pas de savoir avant quelques jours, d'une façon sérieuse, ce qui se passe actuellement au Brésil.

En attendant la confirmation ou le démenti de la nouvelle mise en circulation, nous nous sommes rendu auprès d'une haute personnalité de la colonie brésilienne, naguère attachée à la personne de l'empereur dom Pedro II, afin de recueillir son impression sur l'éventualité d'une restauration monarchique au Brésil.

— J'ai lu ce matin dans les journaux, nous a déclaré ce personnage, la dépêche à laquelle vous faites allusion ; mais je ne possède aucun renseignement particulier me permettant de confirmer d'une façon certaine la grosse nouvelle qu'elle nous apporte. Tout d'abord, j'ai été surpris, comme vous avez dû l'être, que l'annonce de cet événement nous parvînt de Madrid, au lieu de nous arriver par New-York, Londres ou Lisbonne ; il n'y a là, cependant, rien que de très naturel. Depuis quelque temps, comme vous le savez, le gouvernement de M. Peixoto a interdit toutes les communications télégraphiques ayant un caractère politique et toutes les dépêches chiffrées ; mais sur les vives réclamations du représentant de l'Angleterre, cette mesure a dû être rapportée en ce qui concerne les ministres des puissances étrangères. Il est donc admissible que le ministre des affaires étrangères d'Espagne, d'où nous vient la nouvelle, a pu recevoir, par dépêche chiffrée, de son représentant à Rio-Janeiro.

Voilà pour la source. Voyons, maintenant, ce qu'il faut penser de l'événement lui-même. Je crois absolument à son authenticité et je vais vous en donner les raisons :

Lorsque l'amiral de Melo, en ardent patriote écœuré du gâchis dans lequel était plongé le pays et des honteux gaspillages qui le menaient à la banqueroute, résolut renverser le gouvernement de Floriano Peixoto, son intention très formelle était de ne pas toucher à la forme républicaine. À la place du gouvernement actuel, il voulait installer un gouvernement civil composé d'hommes de valeur et d'une intégrité reconnue. Il ouvrit de ce projet à l'amiral Saldanha da Gama, dont le dévouement à la cause impérialiste n'a jamais été dissimulé. Ce dernier fut très net : «si vous faites la révolution pour rétablir la monarchie, dit-il à l'amiral de Melo, vous pouvez compter sur mon concours le plus absolu; mais si votre intention est de remplacer le gouvernement actuel par un autre gouvernement républicain, je ne suis pas votre homme. Tout ce que je pourrai faire pour vous sera de conserver la neutralité.» L'amiral de Melo dut se résigner à entamer les hostilités contre le gouvernement du maréchal Peixoto, sans l'appuis de l'amiral Saldanha da Gama.

Or, depuis une dizaine de jour, l'accord est complet entre les deux amiraux. Les canons du fort occupé par l'amiral Saldanha da Gama, muets jusque-là, selon la promesse de neutralité qui avait été faite dans la conférence dont je viens de vous parler, ont joint leur voix à celle de la flotte commandée par l'amiral de Melo. Il n'est donc pas douteux pour moi que l'amiral de Melo, en

présence d'un mouvement nettement impérialiste qui s'est dessiné dans plusieurs provinces, ait abandonné sa première idée de conserver la forme républicaine. Le concours qui lui est prêté par l'amiral Saldanha da Gama témoigne qu'un engagement formel a été pris à cet égard. La proclamation lancée par l'amiral de Melo est la consécration de cet engagement.

- Comment expliquez-vous alors que hier les vaisseaux insurgés aient pavoisé hier en honneur de l'anniversaire de l'établissement de la République ?
- S'il est vrai que ces vaisseaux aient pavoisé, qui vous a dit que ce n'est pas à la suite de la proclamation de l'amiral de Melo et en honneur du nouvel empereur ?
- Pourquoi, demandons-nous à notre interlocuteur, l'amiral de Melo a-t-il proclamé Empereur le fils aîné du comte d'Eu, alors que l'héritière directe du trône impérial est S.A.I. la comtesse d'Eu ?
- Le comte et la comtesse d'Eu, malgré leurs qualités très grandes, sont impopulaires au Brésil et leur avènement serait, par la suite, mal accueilli. En abolissant l'esclavage du jour au lendemain, d'un trait de plume, alors qu'une loi très sage étendait sur six années les effets de cette abolition, S.A.I. la comtesse d'Eu a porté, durant sa régence, un coup terrible à la Monarchie. Cet acte généreux, mais impolitique, a gravement lésé des intérêts particulièrement respectables et jeté pour longtemps la perturbation dans tout le pays. En prévision de la mort de l'Empereur dom Pedro, un parti s'était formé qui avait jeté les yeux, pour lui succéder, sur l'un de ses petits-fils, le prince

dom Pedro-Augusto, fils du duc Auguste de Saxe-Cobourg et de la princesse Léopoldine. La révolution a réduit ses projets au silence. Aujourd'hui, le prince dom Pedro- Augusto est, comme vous le savez, enfermé dans une maison de santé à Vienne. Il n'est donc plus permis de l'opposer comme prétendant à l'un quelconque des membres de la branche ainée. Le frère de l'infant dom Pedro-Augusto, l'infant Augusto, qui faisait le tour du monde sous la conduite de l'amiral de Melo, lorsque l'empereur dom Pedro et sa famille furent expulsés du Brésil, est aujourd'hui officier dans la marine autrichienne. La marche à la succession ayant été arrêtée par l'établissement de la République, il est permis, si la Monarchie est restaurée, de passer un degré dans la famille impériale, en appelant à régner l'infant dom Pedro d'Alcantara, prince du Gran-Para.

- Ne craignez-vous pas que LL.AA.II. le comte et la comtesse d'Eu se prévalant de leurs droits à la couronne impériale, n'engagent leur fils à la refuser?
- Je ne le crois pas. S.A.I. la comtesse d'Eu tient de l'empereur dom Pedro son père le respect des volontés populaires ; elle s'inclinera devant le choix de la nation, heureuse encore, par une abdication volontaire de pouvoir faciliter le relèvement de son pays, qu'elle a toujours ardemment aimé.
  - Le prince dom Pedro d'Alcantara est-il bien connu des Brésiliens?
- Certes. Il a laissé partout où il a passé le meilleur souvenir. On le savait doué d'un caractère excellent, doux et studieux ; on lui trouvait l'attitude simple

et l'accueil familier. Le défunt Empereur avait pour l'aîné de ses petits-fils une prédilection marquée.

Aujourd'hui, l'infant dom Pedro de Alcantara, prince de Gran-Para, a dixhuit ans. C'est un grand jeune homme, de taille élancée, à la physionomie ouverte, à l'intelligence très développée. Élève du collège Stanislas, il a brillamment passé son baccalauréat ès-sciences. Depuis le mois dernier, il est entré au Theresium-Collège, à Vienne, pour y parfaire ses études. Voilà qui servira de réponse à ceux de vos confrères qui représentent le jeune prince comme faisant partie de l'armée autrichienne et à ceux qui le montrent comme devant prendre part demain à un match de bicyclette.

Les frères du prince dom Pedro d'Alcantara, les infants Louis et Antoine, âgés l'un de quinze ans, l'autre de douze ans, font leurs études à Paris, au collège Stanislas.

#### 29. «L'insurrection brésilienne», La Justice, 20 de novembro

Ponto de vista de Alcindo Guanabara, delegado especial do governo brasileiro na Europa, sobre a proclamação do príncipe do Grão-Pará como imperador do Brasil. Trata-se da «última carta jogada pelo almirante de Melo», agora «quase sem recursos», numa tentativa de «procurar a adesão do almirante da Gama»

Un rédacteur du *New-York Herald* a interviewé, hier, M. Alcindo Guanabara, délégué spécial du gouvernement brésilien en Europe, au sujet de la

nouvelle proclamation du prince de Grão-Para comme empereur du Brésil par l'amiral de Melo.

M. Guanabara a déclaré qu'il avait immédiatement télégraphié à son gouvernement, mais n'en avait encore reçu aucune réponse. La nouvelle ne l'a pas surpris, a-t-il ajouté, la restauration de la monarchie étant la dernière carte qui reste à jouer à l'amiral de Melo. Mais cette nouvelle évolution du chef de la révolte lui portera le dernier coup, car, assure M. Guanabara, la nation est républicaine, et seul l'entourage peu nombreux de M. de Melo est impérialiste.

D'ailleurs, la révolution est au bout de ses ressources.

M. Guanabara ajoute que, si le prince de Grão-Para venait au Brésil, il y trouverait un sort analogue à celui de Maximilien au Mexique. Il ne croit pas à l'intervention des puissances européennes en faveur de la monarchie et, en tout cas, le Brésil pourrait, même sans l'aide des États-Unis, maintenir le régime républicain.

Comme on le voit, le délégué du gouvernement brésilien admet, comme vraisemblable, la nouvelle de la proclamation de l'empire par l'insurrection. Ce qui pourrait lui donner surtout un caractère d'authenticité, c'est la récente adhésion faite au mouvement insurrectionnel par l'amiral Saldanha da Gama, monarchiste convaincu

L'amiral de Melo, qui s'était déclaré républicain même avant la chute de l'empire, a commencé la révolution actuelle dans le seul but de renverser le maréchal Peixoto ; mais, devant l'impuissance de ses efforts, il a dû rechercher

l'adhésion de l'amiral Gama qui, jusqu'ici, était resté neutre avec l'École navale et le fort de Villegagnon. Pour s'assurer cette adhésion, indispensable dans la situation critique où il s'est engagé, l'amiral de Melo pourrait vraisemblablement s'être vu dans la nécessité d'accepter les conditions imposées par l'amiral de Gama en faveur d'une restauration.

## **30.** F. De Santa-Anna Néry, «La Restauration au Brésil», *Le Journal*, 20 de novembro

Este colaborador do Journal faz uma análise muito realista da situação. Por um lado, justifica a iniciativa de proclamar Dom Pedro de Alcântara imperador pelo facto do almirante de Melo estar, militarmente, num beco sem saída. O chefe da revolta tenta, desse modo, cativar o apoio dos monarquistas.

Por outro lado, uma restauração «provocaria uma longa guerra civil» e «acabaria numa catástrofe para o príncipe que estaria implicado nisso». Além disso, o jovem Pedro de Alcântara não possui nenhuma das qualidades indispensáveis a um futuro imperador. Por conseguinte, na opinião do barão de Santa-Anna Néry, os condes de Eu não irão deixar o seu filho atravessar o Atlântico, onde ele iria inevitavelmente «ao encontro de um trágico fim».

[Notre collaborateur le baron de Santa-Anna Néry, mieux placé que tout autre pour connaître les événements qui se passent au Brésil, nous envoie l'article suivant en même temps qu'une photographie représentant le nouveau prétendant et toute l'ancienne cour impériale du Brésil, photographie que nous exposons dans notre Salle des Dépêches.]

Des télégrammes de sources diverses annoncent que le contre-amiral Custodio José de Melo, le chef des révoltés de la baie de Rio-de-Janeiro, aurait arboré le drapeau de la monarchie et proclamé empereur Dom Pedro d'Alcantara, prince du Gram-Parà [sic ].

Tout invraisemblable qu'elle paraisse, la nouvelle peut être vraie. Il est possible qu'en se jetant dans les bras de la monarchie, M. de Melo ait obéi à deux ordres d'idées ; d'abord, sauver sa mise et celle de ses compagnons de révolte, destinés fatalement à un échec piteux dès que la flotte puissante, préparée par le maréchal Floriano Peixoto, aux États-Unis et en Europe, aura pénétré dans la rade de Rio pour anéantir son escadre ; ensuite, se ménager, grâce à ce stratagème dicté par le désespoir, des complicités à l'intérieur et des appuis financiers à l'extérieur.

Jusqu'ici, en effet, quoique la sédition provoquée par le contre-amiral de Melo dure depuis deux mois et demi, il n'a pas réussi à s'emparer d'une seule parcelle du territoire national ; son escadre se trouve prise dans la baie de Rio comme dans une souricière, et c'est à peine si quelques-uns de ses vaisseaux ont pu sortir de la baie et se rendre maîtres de l'île de Santa-Catarina. Tandis que le gouvernement légal, ayant à sa disposition toutes les ressources du pays, fait des achats considérables de matériel naval des deux côtés de l'Océan, M. de Melo voit diminuer chaque jour ses munitions et ses vivres, et les financiers d'Europe lui refusent tout crédit en insinuant qu'ils seraient sans doute plus confiants s'il voulait prêter la main à une restauration monarchiste.

Aura-t-il écouté ces suggestions? Se sera-t-il convaincu que sa révolution à lui, sans arrière-pensée monarchiste, n'a aucune chance de triompher, et que le seul moyen d'échapper aux conséquences de cette mésaventure mélodramatique consiste à passer avec armes et bagages dans le camp impérialiste ?

Nul ne le sait, pas même ses amis de ce côté-ci de l'Atlantique.

Deux choses sont certaines, cependant : c'est que la restauration, si elle se faisait, entraînerait sans doute une guerre civile prolongée ; c'est qu'elle ne pourrait pas se maintenir et se terminerait pas une catastrophe pour le prince qui s'y prêterait.

Il ne faut pas oublier, en effet, que, depuis quatre ans, le Brésil a subi de grands changements. Devenu une République fédérale, il a vu ses anciennes provinces élevées à la catégorie d'États autonomes, ayant leur gouverneur élu, leurs assemblées propres, leur budget, leur police, leurs lois spéciales. Grâce à cette autonomie, plusieurs de ces États ont eu un développement économique rapide : L'amazone, Pará, Pernambuco, Bahia, Espirito-Santo, Rio-de-Janeiro, San-Paulo, Minas Gerais se trouvent dans une situation financière enviable. Ils n'accepteront plus l'humble rôle de fournisseur du Trésor impérial recevant le mot d'ordre du gouvernement central.

Puis, si les monarchistes, maîtres du Brésil depuis 1822, ont laissé renverser, sans le défendre, le trône semi-séculaire d'un vieux souverain entouré de prestige, comment sauraient-ils défendre le trône d'un jeune homme inconnu et inexpérimenté? Le prince dont il s'agit est, en effet, fils aîné de Dona Isabel, fille aînée de feu l'empereur Dom Pedro II, et du comte d'Eu, fils aîné du duc de Nemours. Il a eu dix-huit ans le 15 octobre dernier, a été reçu

bachelier ès-lettres, à Paris, il y a quatre mois, et se trouve actuellement au collège, à Vienne. D'apparence chétive, paraissant moins que son âge, il est estropié d'un bras... comme l'empereur d'Allemagne.

Tous ceux qui connaissance de jeune homme timide doutent fort que ses parents le laissent aller de gaieté de cœur au-devant d'une fin tragique, car, sur libre sol d'Amérique, jamais aucun souverain n'y a fini ses jours en régnant. Le seul qui y soit mort, c'est l'archiduc Maximilien d'Autriche, qu'on a fusillé.

### 31. «La révolution au Brésil», Le Temps, 21 de novembro

Na primeira parte do editorial, o jornal de referência fala duma tragicomédia que se desenrola na baia do Rio de Janeiro, onde os rebeldes não conseguiram nenhum sucesso significativo. Agora parece que «estão condenados a uma irremediável derrota».

Na segunda, o editorialista fala da conversão às ideias monárquicas por parte do almirante de Melo como de «um golpe de teatro». Cita a seguir a opinião do sobrinho do almirante, de passagem em Toulon, que desmente esta notícia, e as declarações de Rui Barbosa que trata de Melo de «mentiroso» e de ser «um homem mau».

Depois de ter recordado que, nas revoluções, há pessoas que têm mais habilidade do que escrúpulos e também simplórios que se deixam enganar, o jornal parisiense encontra duas explicações a esta volte-face do chefe dos rebeldes: a influencia do monarquista Saldanha da Gama e os resultados nada brilhantes de quatro anos de regime republicano no Brasil.

Depuis près de trois mois que l'amiral de Melo, avec sa flotte, s'est embossé dans la baie de Rio-Janeiro pour bombarder à loisir la capitale du Brésil, la marche des événements a été singulièrement lente. D'avance il eut paru de la plus haute invraisemblance qu'une pareille entreprise pût traîner en longueur indéfiniment. Elle rentrait, semble-t-il, dans la catégorie de ces coups de main qui, s'ils ne réussissent pas du premier élan, sont condamnés à une irrémédiable défaite.

L'imagination la plus complaisante a quelque peine à se figurer une poignée de bâtiments, ancrés dans une rade que commandent de toutes parts des fortifications et des batteries, tenant en haleine toutes les forces de terre du président d'une grande république, commençant, suspendant, reprenant à son gré une canonnade sans merci et se procurant sans trop de difficultés vivres, munitions et renforts. C'est là une situation sans précédent et qui rappellerait invinciblement à l'esprit les bouffonneries de l'opéra-comique de MM. Gilbert et Sullivan<sup>13</sup>, s'il n'y avait pas, après tout, un côté sérieux à cette affaire et si des femmes et des enfants, pour ne parler que de ces victimes innocentes, n'avaient payé de leur vie les frais de cette équipée.

Il était difficile en Europe, soit à cause de la distance, soit surtout à cause de la censure rigoureuse exercée sur les dépêches du Brésil, de se faire une idée même approximative de la marche des événements et du caractère véritable de la rébellion. Si, d'une part, l'absence presque complète de résultats immédiats depuis la prise de Niteroi tendait à faire prévoir l'échec final de l'amiral de Melo, d'autre part, l'impuissance de l'amiral Peixoto à balayer la rade

<sup>&</sup>lt;sup>13</sup> Trata-se do libretista W.S. Gilbert (1836-1911) e do compositor Arthur Sullivan (1842-1900) que escreveram 14 operetas durante a Era Vitoriana,.

de sa capitale et à reconquérir les forts de la baie et la propagation de la révolte dans les États du Sud étaient propres à faire croire à la désorganisation graduelle du gouvernement républicain.

On savait que les agents du président s'efforçaient de constituer par des achats à l'étranger une flotte nouvelle. On affirmait que l'amiral de Melo se préparait à quitter la baie de Rio pour aller écraser ces bâtiments ennemis, encore que les machines de son vaisseau-amiral l'*Aquidaban* ne fussent guère en état de tenir la mer en cette saison. En somme, rien que des fragments d'informations, des fantômes de nouvelles, derrière le rideau desquels on apercevait les grands gestes du président Peixoto ou de l'amiral de Melo, de l'amiral Gama ou du sénateur Barbosa.

Le public accueillait avec assez de flegme cette longue tragi-comédie, bien qu'il eût espéré mieux du Brésil après plus d'un demi-siècle de légalité constitutionnelle et de paix intérieure et bien qu'il souffrît dans ses intérêts de cette contagion de l'anarchie gagnant les deux seuls États équilibrés de l'Amérique espagnole [sic ], le Chili et le Brésil.

A-t-on senti à Rio qu'il fallait réveiller l'intérêt languissant ? Toujours est-il qu'un coup de théâtre vient de se produire qui ramène l'attention sur ce tête-à-tête interminable d'une flotte rebelle et d'un gouvernement paralysé.

Le bruit court que l'amiral de Melo s'est prononcé en faveur de la restauration de l'empire au profit du petit-fils aîné de dom Pedro, le prince do Grão-Para, fils du comte et de la comtesse d'Eu. Grand émoi dans le camp

républicain. Des associés, des complices de l'amiral de Melo se précipitent au-devant des reporters pour démentir cette nouvelle.

Un neveu de cet officier général, en ce moment de passage à Toulon, jure ses grands dieux que son oncle est républicain, qu'il est à cent lieues de songer à ramener le Brésil à la monarchie et qu'on le calomnie gratuitement en lui prêtant des vues aussi peu conformes à ses convictions les plus profondes. Avant d'accepter ce démenti, il faudrait savoir si ce neveu empressé est bien le gardien de la conscience de son oncle et si un entrepreneur de révolutions a toujours soin de communiquer par circulaires confidentielles à ses petits- cousins et à ses oncles à la mode de Bretagne ses pensées de derrière la tête.

Puis, c'est le tour du sénateur Rui Barbosa. Solennellement, comme le grand-prêtre, inspiré du républicanisme de droit divin, il télégraphie au New-York Herald, non pas qu'il sait que le fait est faux, mais qu'il tiendrait l'amiral pour un fou et pour un méchant homme s'il tentait un pareil coup d'État. La caution n'est guère bourgeoise. M. Barbosa a peut-être encore à apprendre que dans les révolutions et les restaurations n'est pas complice jusqu'au bout qui veut : il y a aussi les dupes — et ce ne sont pas les instruments les moins utiles entre les mains d'un politicien doué de plus d'habilité que de scrupules.

Au fond, nous ne savons encore rien de précis. Il faut attendre les événements. Deux circonstances, toutefois, semblent militer en faveur du *pronunciamiento* monarchique. L'une, c'est l'accession au mouvement d'un

impérialiste avéré, l'amiral Saldanha da Gama, l'autre, c'est que décidément quatre ans de république ne semblent pas avoir merveilleusement profité à la santé matérielle et morale du Brésil. Le malade demande peut-être à se retourner de l'autre côté.

### **32**. «Au Brésil», *Journal des Débats*, 21 de novembro

É verdade que durante o império, «o Brasil tinha as finanças em bom estado» e que, na América do Sul, «era o único país que não tinha sofrido por causa de guerras civis» observa o articulista. No entanto, apesar da atual revolta e dos erros feitos durante quatro anos pelo regime republicano, «o país ainda não está maduro para reinstalar o império», nota o jornal francês, Este julga a notícia da partida do jovem príncipe Pedro de Alcântara de Saint-Nazaire, no litoral atlântico, para o país onde nasceu como «pouco verosímil».

O Journal des Débats desvaloriza também a violência da guerra civil e compara o confronto entre a marinha e Peixoto, às «lutas entre as cidades italianas no século XVI».

Le bruit s'était répandu hier après-midi que le prince Pierre d'Alcantara, fils aîné du comte d'Eu et petit-fils de l'empereur du Brésil dom Pedro, avait pris à la gare Saint-Lazare le train pour Saint-Nazaire, où il fallait s'embarquer pour l'Amérique: la situation troublée du Brésil l'engageait, disait-on, à s'en approcher à tout événement et il partait pour l'Amérique, où il serait à même de gagner plus rapidement Rio-de-Janeiro, le cas échéant.

La famille du jeune prince a démenti cette nouvelle et déclaré qu'il n'avait pas quitté Wiener-Neustadt, où il continue ses études militaires;

plusieurs journaux croient pourtant maintenir l'exactitude de la première information et il faut avouer que le démenti était nécessaire, tant la nouvelle était peu vraisemblable.

Sans doute, l'amiral de Melo s'est toujours montré ferme républicain et, ces jours derniers encore, il faisait célébrer solennellement à bord de la flotte insurrectionnelle l'anniversaire de la proclamation de la République; de même M. Rui Barbosa, un des plus considérables d'entre les amis des insurgés, publiait hier, dans le *New-York Herald* une dépêche indignée que nous avons reproduite où il affirmait avec énergie qu'il n'y a aucune arrière-pensée de restauration dynastique chez les adversaires du maréchal Peixoto et que c'est uniquement pour défendre la Constitution républicaine, menacée par l'arbitraire du Président, qu'ils se sont soulevés. Et tout cela est vrai assurément; mais on ne saurait dissimuler toutefois que les fautes qu'a commises la République brésilienne, depuis son établissement, n'aient ôté à beaucoup de républicains de la première heure certaines de leurs illusions sur les bienfaits de ce régime dans l'Amérique du Sud.

Le Brésil, sous l'empire, avait de bonnes finances; grâce à l'administration imprévoyante et parfois saugrenue de ceux que les ont dirigés depuis quatre ans, grâce au népotisme qui s'est étalé à Rio, du temps du maréchal da Fonseca, avec la plus belle imprudence, le désordre s'y est introduit. C'était le seul pays qui n'eût jamais connu la guerre civile et les coups d'État militaires dont les Républiques voisines sont à chaque instant le théâtre; le premier Président, ce même maréchal da Fonseca, y a installé la dictature, et

contre elle constitutionnels sincères ou ambitieux sans scrupules n'ont trouvé que l'insurrection.

Peut-être, à la vérité, la guerre civile se poursuit-elle dans ces contrées sans trop d'horreur et ressemble-t-elle moins aux effroyables hécatombes qu'on vues certaines capitales de l'Europe en 1848 et Paris en 1871 qu'aux luttes des cités italiennes du seizième siècle, ou l'on ne relevait guère plus de dix morts sur les champs de bataille; depuis tant de semaines que dure le siège de Rio, le bombardement, à part quelques incident sérieux, n'existe guère que sur le papier et les forces des deux adversaires, quand on les analyse, sont vraiment infimes: l'Aquidaban, le fameux bateau de l'amiral de Melo, n'est qu'un assez médiocre cuirassé, et les artilleurs de Peixoto ne sont pas arrivés encore à le couler; la vie locale et les affaires n'ont pas été interrompues. Le malaise n'est est pas moins général et la politique républicaine perd chaque jour du terrain.

Ce n'est pas à dire d'ailleurs que le pays soit encore mûr pour réinstaller l'empire : sans même nous arrêter à ces informations qui étaient venues de New-York et d'après lesquelles le gouvernement des États-Unis serait décidé à ne pas autoriser une restauration de la Maison de Bragance, — M. Cleveland ne songe sans doute pas à courir des aventures qui n'auraient guère pu tenter qu'un Blaine ou un Harrison, — il ne faut pas confondre le mécontentement contre les politiciens au pouvoir et le regret de la dynastie déchue; elle était fort peu populaire, malgré la prospérité dont le pays avait joui sous le long règne de dom Pedro et toute tentative de réinstaller sur le trône un prince de

l'ancienne famille régnante, ne paraît pas avoir actuellement chance de succès. Il n'est pas impossible cependant que, si le jeune prince, que l'on disait prêt à aller reconquérir son trône, attend patiemment que le désordre ait duré plus longtemps et lassé plus encore le pays, ce souvenir de la prospérité d'autrefois ne revienne à l'esprit des anciens sujets de son grand-père, et qu'ils ne songent enfin à une restauration.

### **33.** Jacques St-Cère, «Affaires du Brésil», *Le Figaro*, 21 de novembro

Quer o governo da República do Brasil, quer os rebeldes estão numa situação pouco brilhante e uma eventual restauração seria bem recebida por «uma grande parte da população», escreve o jornal parisiense. Porém, Jacques St.-Cère está consciente que esta tentativa de voltar ao antigo regime, colocaria o país perante enormes dificuldades por causa, entre outros, da oposição da Argentina e, sobretudo, dos Estados Unidos.

Qu'est-ce qui se passe au Brésil? Il est de toute évidence qu'il s'y passe quelque chose, puisqu'il nous arrive aucune nouvelle: le silence des gouvernants est, chacun le sait, la preuve d'événements désagréables pour eux.

On a lu, ici même, ce que pensaient les partisans du gouvernement déchu. J'ai eu l'occasion de voir quelques amis du régime actuel, et dam! il faut avouer que leurs démentis ne sont pas très énergiques. Ils disent, bien entendu, qu'il n'y a rien de vrai dans la nouvelle de la proclamation de l'empire,

seulement ils ont l'air de faire comprendre que si elle était vraie, ils ne seraient étonnés qu'à moitié.

Le fait est que, depuis l'établissement de la République, les affaires du Brésil vont de mal en pis : on ne compte plus les pronunciamientos et il faut être très fort en mathématiques pour se rappeler le nombre exact des révolutions.

Dans ces conditions, il ne faut guère s'étonner que le côté matériel de la plus jeune des Républiques américaines ait laissé quelque peu à désirer et que, le malaise financier aidant, le mécontentement politique ait pris des proportions à nulle autres pareilles. Il est évident que les affaires du maréchal Peixoto ne vont pas aussi bien qu'il veut bien nous le raconter, car, pour qu'une flottille de quelques navires plus ou moins cuirassés puisse pendant des semaines bombarder la capitale, se promener dans une rade qui peut de tous les côtés être balayée par les feux des forts encore aux mains du gouvernement régulier, il faut que ce gouvernement régulier soit bien peu sûr des forces dont il dispose. Maintenant, d'un autre côté, il faut avouer aussi que l'amiral en chef d'une flottille insurgée qui bombarde avec intermittence et prend des munitions on ne sait où est, lui aussi, du domaine de l'opérette.

Des deux côtés on se couvre de ridicule — et un essai de restauration trouverait là-bas accueil excellent dans la plus grande partie de la population. Seulement alors que les difficultés commenceront : les États-Unis recommencent à parler des doctrines de Monroe (bien que l'on ne voie pas très bien quel rôle l'Europe jouerait dans une éventuelle restauration impériale au

Brésil), et l'on annonce que la République Argentine elle-même s'oppose à un changement de gouvernement chez ses voisins. C'est une prétention qui, pour ridicule qu'elle puisse paraître, n'en ouvre pas moins la perspective de toute une ère de difficultés dont aucune des républiques de l'Amérique du Sud n'a besoin pour être plongée dans un pétrin d'une épaisseur extraordinaire.

### **34.** «Au Brésil», *Le Gaulois*, 21 de novembro

O jornal monárquico parisiense explica neste artigo como Rui Barbosa e Saldanha da Gama aderiram à revolta da Armada contra Floriano Peixoto e influenciaram a viragem monárquica do Almirante de Melo.

À la légation du Brésil, M. Alberto Fialho, premier secrétaire, nous a rassurés que le ministre était toujours sans nouvelles du gouvernement brésilien.

Les dépêches qu'il a reçues depuis quarante-huit heures ont trait, exclusivement, aux affaires courantes de la légation.

À ce propos, M. Alberto Fialho nous prie de constater que, samedi, nous avons fait confusion en lui prêtant ces mots: «La situation est très grave.» Ce n'est pas M. Fialho qui a prononcé cette phrase, pas plus que lui, d'ailleurs, d'ailleurs qui nous a fourni les renseignements et les documents publiés par *Le Gaulois* d'avant-hier, et que nous tenions, comme, du reste, nous l'avons dit, d'un diplomate brésilien.

Ce diplomate brésilien nous a encore dit que c'était l'adhésion à la révolution de l'amiral Saldanha da Gama et de M. Rui Barbosa, ancien ministre des finances de la république, qui avait subitement décidé l'amiral de Melo à se prononcer en faveur de la restauration de l'Empire.

Le rôle joué par ces deux personnages depuis le commencement des événements est intéressant à retracer; il montre jusqu'à quel point les agissements du gouvernement républicains et le despotisme du vice-président ont exaspéré et les anciens partisans de la république, et la marine, et le peuple.

Dès le début de la révolution, M. Rui Barbosa, qui ne se croyait pas en sûreté à Rio-de-Janeiro, quitta la capitale et s'embarqua à bord du *Magdalena*.

L'ancien ministre des finances crut devoir expliquer son attitude dans une lettre manifeste qu'il adressa à *La Nación*.

M. Rui Barbosa se défendait notamment d'avoir pris une parte quelconque à la préparation du mouvement révolutionnaire qui venait d'éclater; pourtant, il reconnaissait que les insurgés éprouvaient beaucoup de sympathie pour lui, en sa qualité d'avocat, avait pris souventes fois la défense de plusieurs d'entre eux. Voulant rester neutre, grâce à un ministre étranger, il gagna le paquebot anglais *Magdalena*.

Quelques jours après, la *Magdalena* revenait de Buenos-Aires à Rio, M. Rui Barbosa était encore à son bord. Le gouvernement de la république fit demander au capitaine de ce navire de lui livrer l'ancien ministre des finances; mais le consul britannique s'y refusa; la situation était critique; alors M. Rui

Barbosa accepta de passer à bord de l'*Aquidaban*. Dès ce moment, le directeur du *Jornal do Brasil* se déclarait ouvertement pour la révolution.

Et, au commencement de ce mois, il faisait publier une longue lettre dans laquelle il malmenait vertement le vice-président Peixoto et les membres de son gouvernement.

#### Et voici les dernières lignes :

Tous les marins influents du pays sympathisent avec Melo.

Je considère comme très invraisemblable que Peixoto arrive à étouffer la révolution.

\* \* \*

Quant à l'amiral Saldanha da Gama, directeur de l'École navale, il avait résolu d'observer la plus grande neutralité, refusant de se prononcer ouvertement pour ou contre le gouvernement.

Bien que l'amiral continuât à faire très loyalement son devoir, il ne tarda pas à être non seulement critiqué par la presse officieuse, mais encore vivement attaqué par ses chefs qui le déclaraient suspect.

Le directeur de l'École navale ne réfléchit pas longtemps; devant ces attaques et ces critiques, la situation devenant insoutenable, l'amiral Saldanha da Gama passa à la révolution, entraînant avec lui la plupart des jeunes gens de la *quarda moira* [sic !] du port et les élèves de l'École navale.

Cela faisant deux personnages considérables, jouissant d'une grande autorité, qui se ralliaient à la révolution et se joignaient à l'Amiral de Melo contre Peixoto.

Tel est succinctement le rôle joué par l'amiral Saldanha da Gama e M. Rui Barbosa dans le mouvement révolutionnaire.

# **35.** G. D.. «Le départ du Prince Pierre d'Alcantara», *Le Journal*, 21 de novembro.

Embora tenha alguma dúvida e ache tudo isto «surpreendente», o quotidiano parisiense descreve a partida da estação de Saint-Lazaire para Saint-Nazaire, rumo ao Brasil, na véspera, do que ele acredita ser do neto de D. Pedro e da sua numerosa comitiva».

Hier après-midi, le bruit courut que le prince Pierre d'Alcantara, fils du comte d'Eu, avait pris, à onze heures et demie du matin, à la gare Saint-Lazare, le train pour Saint-Nazaire, afin de s'embarquer, de là, pour le Brésil.

Le prince — disait-on — était accompagné d'une suite nombreuse, et son bagage était considérable. D'après un de nos confrères du soir, M. Dietz, le commissaire principal de la gare Saint-Lazare, aurait aussitôt prévenu le service de Sûreté de ce départ, qui coïncidait si curieusement avec la nouvelle récemment répandue de la proclamation par l'amiral de Melo, du petit-fils de Dom Pedro comme empereur du Brésil.

L'annonce d'un tel départ méritait confirmation.

Au commissaire principal de la gare Saint-Lazare, nous avons, hier soir, recueilli les renseignements suivants :

— Il est parfaitement exacte, nous a-t-on dit, qu'un groupe de vingt à vingt-cinq personnes, stationnant, ce matin, vers onze heures, dans la salle des Pas-Perdus a non seulement attiré l'attention de M. Dietz, commissaire principal, mais encore été l'objet de la curiosité des gens en attente dans le vaste hall de gare.

La «voix publique» désignait le plus jeune personnage de ce groupe comme devant être le propre fils du comte d'Eu.

Ce jeune homme, de taille moyenne, très brun, légèrement barbu, portant binocle, était coiffé d'un chapeau tyrolien, et, dans son étui, une jumelle très forte lui battait le flanc gauche.

Toutes les personnes qui l'entouraient — tous membres, suppose-t-on de la colonie brésilienne de Paris — avaient, à son égard, l'attitude d'un respect profond.

À 11 heures 20, le groupe a pris place dans deux des wagons qui formaient le train de 11 heures 25, à destination de Saint-Nazaire.

Le premier de ces deux wagons, le numéro 1506, comportait un salon entre deux coupés ; le deuxième comportait deux compartiments de 1<sup>ère</sup> classe, également entre deux coupés.

Deux voitures ainsi conditionnées peuvent recevoir quarante voyageurs environ.

Le jeune personnage et sa suite ont dû arriver à Saint-Nazaire à huit heures et demi, ce soir.

Les quinze énormes et solides malles entraînées, derrière eux avaient toutes une étiquette sur laquelle était inscrit le ce seul nom : PEDRO.

\* \* \*

Que le prince Pierre d'Alcantara soit effectivement parti, hier matin, de Paris pour Saint-Nazaire, cela, certes, n'a rien d'impossible.

C'est pourtant surprenant, si l'on prend la peine de se souvenir qu'interrogé, avant-hier par un de nos confrères du *Matin*, M. le comte de Riancey, secrétaire des commandements de Mgr le duc de Nemours, affirmait que le fils du comte d'Eu fait, en ce moment, ses études militaires à l'école de Wiener-Neustadt, près Vienne, — renseignement également donné, ici-même, hier, en toute assurance, par notre collaborateur F. de Santa-Anna Néry<sup>14</sup>.

#### **36**. «Un faux départ», *Le Journal*, 22 de novembro

No dia seguinte, Le Journal desmente a informação<sup>15</sup>: o neto de D. Pedro II não estava na Estação Saint-Lazaire, mas em Viena. Na realidade, tratava-se de dois comerciantes de Havana que estavam a regressar a Cuba.

<sup>&</sup>lt;sup>14</sup> Cf. Texto 30 deste capítulo.

<sup>&</sup>lt;sup>15</sup> Cf. texto anterior.

Quinze bagagens foram registadas ao nome de «Pedro». Foi este detalhe que enganou alguns funcionários da Estação, que, por conseguinte, espalharam o boato.

On est maintenant renseigné sur l'identité des personnes qui, hier, à la gare Saint-Lazare, avaient été prises pour le prince Pierre d'Alcantara et sa suite

Il s'agit de deux commerçants de La Havane, qui après avoir terminé leurs affaires à Paris, regagnaient leur pays d'origine en compagnie de leurs familles et de leurs domestiques.

Les nombreux bagages de l'un d'eux avaient été enregistrés au nom de «Pedro», et les employés de la gare Saint-Lazare, après avoir trop vite conclu qu'ils appartenaient au fils du comte d'Eu, le prince Pierre d'Alcantara, qui achève ses études à l'Académie de Wiener-Neustadt, n'a pas quitté sa résidence.

D'autre part, on télégraphie de Madrid ce qui suit :

«Au ministère des affaires étrangères, on déclare que la nouvelle communiquée, hier, relative à la proclamation du fils du comte d'Eu comme empereur du Brésil, est arrivée para voie postale et se rapporte à des bruits déjà anciens. À la légation du Brésil, on dément absolument cette nouvelle.»

# **37**. «La flotte du Président Peixoto», *Journal des Débats*, 22 de novembro

O jornal parisiense apresenta os navios que constituem a frota governamental e chega à seguinte conclusão: a maioria são improvisações. Por outras palavras, são navios de comércio transformados em navios de guerra. Na opinião do articulista, «o esquadrão de Melo, se tiver algum valor, poderá derrotar facilmente os adversários».

D'après le *New-York Herald*, la flotte du Président Peixoto va se concentrer dans les eaux du Brésil afin de livrer bataille aux bâtiments de l'escadre de l'amiral de Melo. De ces derniers, le meilleur est le cuirassé *Aquidaban*, de 5,000 tonneaux et cinq nœuds, et dont le principal armement se compose de quatre canons de 23 centimètres Armstrong, pièces assez médiocres, à en juger par leurs pareilles qui se trouvent sur le *Riachuelo*, cuirassé brésilien en réparation aux chantiers de la Seyne, près de Toulon.

La flotte de Peixoto se composerait des navires suivants<sup>16</sup> :

Canonnière *Tiradentes*, de 900 tonneaux, livrée l'an dernier par les chantiers anglais : c'est un navire de 14 nœuds, sans protection, armé de quatre canons de 12 centimètres à tir rapide, trois canons de 37 millimètres et deux tubes lance-torpilles. Il est actuellement à Montevideo.

<sup>&</sup>lt;sup>16</sup> Cf. também : «Peixoto's New Cruisers», *New York Tribune*, 29 de outubro; «Peixoto's Torpedo Fleet», *The New York Times*, 5 de novembro de 1893. *A 2ª Revolta da Armada na imprensa americana*. Vol. I. Textos 163 e 188.

Garde-côte cuirassé *Bahia*, de 1,000 tonneaux, armé de deux canons — bouche de 18 centimètres . Vitesse, 10 nœuds. Date de lancement, 1865.

Croiseur auxiliaire *Niteroi*. C'est un steamer du commerce armé en guerre, de 4,600 tonneaux, acheté récemment aux États-Unis. Il file 16 nœuds. On l'a armé d'un canon pneumatique à la dynamite, du système Zelinski; de deux canons de 10 centimètres, un de 12 centimètres, dix-huit pièces de petit calibre et quatre tubes de lancement pour torpille Howell. Le canon pneumatique — calibre 38 centimètres, — est du même modèle que la pièce qui forme le principal armement du croiseur *Vesuvius*, de la marine des États-Unis; mais il faut ajouter ici que cet engin a si médiocrement réussi que la marine américaine renonce à l'embarquer sur ses nouveaux navires. La Société qui exploite les brevets Zalinzki doit se montrer très satisfaire sous tous les rapports de l'achat que vient de lui faire le Président Peixoto. La torpille Howell est due à un capitaine de vaisseau de la marine des États-Unis; elle est d'un maniement facile et plus simple que la White-head.

Croiseurs auxiliaire *Britannia*. C'est également un paquebot qu'on arme en guerre. Il file 16 nœuds. Il portera deux canons de 10 centimètres et plusieurs pièces légères.

Canonnière *Destroyer*. C'est un petit bâtiment construit par le célèbre Ericsson, en 1883. Déplacement, 2210 tonnes; vitesse, 9n nœuds. Il est armé d'un canon sous-marin, lançant des torpilles de 40 centimètres de diamètres. Nous croyons que ce canon en est encore à la période d'études.

Torpilleur *Feiseen*. C'est un yacht à grande vitesse qu'on transforme en torpilleur en lui mettant deux tubes de lancement et plusieurs canons revolvers sur le pont.

Enfin, à ajouter, un vrai torpilleur de 2<sup>e</sup> classe d'Yarrow; deux autres petits navires transformés en torpilleurs, et un navire-école de 850 tonneaux,; telle est l'escadre Peixoto. La plupart des navires qui la composent sont, on le voit des improvisations; aussi, pour peu que l'escadre de Melo ait quelque valeur, viendra-t-elle aisément à bout de ses adversaires.

### **38.** Pierre-qui-sait, «Les événements du Brésil», *Le Gaulois*, 24 de novembro

O jornal monárquico — segundo o qual «está-se perto de um desenlace da crise» —, depois de ter sintetizado os telegramas do governo e os dos revoltosos, nota que algo se está a passar no Rio de Janeiro.

Na segunda parte do texto, fala do papel dos Estados Unidos que estão a ajudar Floriano Peixoto, nomeadamente com novos navios de guerra. Se a monarquia fosse restaurada, acrescenta o jornalista, Washington perderia uma grande parte da sua influência no Brasil.

Il semble que l'on s'approche d'un dénouement au Brésil. Les dépêches sont plus fréquentes, se contredisent, naturellement, selon qu'elles viennent des partisans de l'amiral de Melo ou du gouvernement du général Peixoto.

Essayons de mettre un peu de lumière dans ce méli-mélo (sans jeu de mots)

Télégrammes Peixoto: — Si l'on en croit ceux-ci, qui viennent par la voie des États-Unis, l'escadre rebelle serait dans une situation très précaire. Ils annoncent que l'amiral de Melo, qui a son pavillon sur l'*Aquidaban*, a pris le large, sans qu'on sache de quel côté il s'est dirigé.

Un télégramme plus récent, communiqué, hier, par la légation du Brésil, annonce que le cuirasse insurgé *Javary*, garde côté cuirassé, a coulé sous les feux du fort Sao-Joao, qui est à l'entrée de la rade de Rio.

Enfin, la flotte acquise par le gouvernement brésilien se concentre pour se rendre au Brésil.

Télégrammes de Melo. — Il n'y a pas, à proprement parler, de télégrammes venant de l'escadre insurgée. Mais une dépêche envoyée, à la date du 17 septembre, de Montevideo, ville qui compte de nombreux partisans de l'insurrection, dit que le feu de l'artillerie continue de part et d'autre et que de nombreux boulets, envoyés par les navires, sont tombés dans le fort de Lage<sup>17</sup>; un obus, qui a éclaté dans ce fort, a tué un officier et dix-sept hommes. Les insurgés, dit le même télégramme, qui font des progrès dans leurs mouvements vers le nord, ont confiance dans le succès final.

Tels sont les télégrammes envoyés par les deux partis.

Il faut, cependant, que la situation, à Rio, ne soit pas très bonne; car le corps diplomatique, résidant à Rio, a transféré sa résidence à Petropolis. Et, puisque nous parlons du corps diplomatique, annonçons que le gouvernement

<sup>&</sup>lt;sup>17</sup> É o atual forte Tamandaré da Laje, situado na Ilha da Laje.

portugais a rappelé à Lisbonne son ministre plénipotentiaire, le comte de Paco d'Avers [Sic !]<sup>18</sup> Pour quelle raison? D'autre part, la république argentine a rappelé également son représentant, parce qu'il avait demandé l'appui des États-Unis contrairement à la volonté de son gouvernement.

Les États-Unis, eux, surveillent, on pourrait dire, heure par heure, ce qui se passe au Brésil. D'après la *Gazette de Voss*, ils font tout ce qu'ils peuvent pour empêcher une restauration monarchique. Ils donnent au général Peixoto un sérieux appui; ils lui fournissent une flotte, et comme les insurgés menacent de la capturer sur le chemin, ils songent à la conduire à destination sous le pavillon étoilé. D'où vient cette attitude des États-Unis? De ce qu'ils savent bien que la restauration de l'empire au Brésil aurait pour effet de refaire l'unité morale et politique de ce pays et de le soustraire à leur influence.

Que la république brésilienne, au contraire, dure, et, du train dont elle va, le Brésil sera vite morcelé en quatre ou cinq États différents; on aura promptement quatre ou cinq Brésils. Et cette division serait propice à l'ambition des États-Unis, qui répètent tout bas, en attendant qu'ils le crient tout haut : «L'Amérique du Sud aux Américains du Nord!»

C'est à cela que tous les Brésiliens, quels qu'ils soient — devraient songer.

106

<sup>&</sup>lt;sup>18</sup> Trata-se de Carlos Eugénio Correia da Silva (1834-1905) primeiro conde e visconde de Paço d'Arcos. Depois da queda de D. Pedro, é o primeiro diplomata português no Brasil (1891-1893).

### **39.** J. Legrand, «La Bourse», *Le Radical*, 26 de novembro

Nota irónica sobre o eventual empréstimo de guerra civil emitido por Peixoto.

Du Brésil, parvient une nouvelle qui, selon nous, a une certaine saveur.

On affirme que le maréchal Peixoto aurait l'intention d'émettre un emprunt de 150 millions de francs pour faire face aux dépenses de la guerre civile.

Franchement, c'est une idée qui ne viendrait pas à tout le monde ; un emprunt de guerre... civile !

On ne voit pas trop les Brésiliens apportant leur argent au maréchal Peixoto, dans les circonstances actuelles.

Et si le maréchal Peixoto était renversé, que deviendrait l'emprunt ? Il irait probablement rejoindre le fameux emprunt Don Miguel<sup>19</sup>, de portugaise mémoire

Allons, allons! on ne s'ennuie pas dans le Nouveau-Monde.

107

<sup>&</sup>lt;sup>19</sup> D. Miguel emite este empréstimo em 1833. No ano seguinte é derrubado e já não pode pagar os juros. A Rainha D. Maria II suspende os pagamentos em 1835-36 e repudia-o em 1837.

## **40**. *L'Univers*, 2 de dezembro

Mais uma notícia que precisa ser confirmada: o assassinato de Floriano Peixoto.

Qui pourrait se reconnaître au milieu des contradictions des dépêches et des communications officielles relatives à la lutte engagée au Brésil? À peine une nouvelle est-elle donnée qu'elle est démentie. Aujourd'hui on annonce un fait de la plus haute gravité : le président Peixoto aurait été assassinée. Mais la nouvelle qui vient par Montevideo, demande confirmation.

### **41**. *L'Univers*, 5 de dezembro

Carta do almirante de Melo que reitera a sua fé republicana.

Une lettre de l'amiral de Melo met fin aux bruits relatifs à la proclamation du fils du comte d'Eu comme empereur du Brésil : l'amiral se déclare «républicain constitutionnel» et dément les «plans monarchiques» qu'on lui a prêtés.

Il va sans dire que les bruits venant de Rio-de-Janeiro et des autres ports de l'Amérique du Sud continuent à être contradictoires.

### **42.** «Au Brésil», *Le Radical*, 19 de dezembro

Contrariamente às afirmações dos «jornais a soldo do motim», «Melo e os seus reacionários estão a perder terreno», afirma o jornal. Os revoltosos — que só tem dois navios «verdadeiros» — não alcançaram nenhum objetivo, nota o jornalista.

Agora, com a chegada dos novos navios que «Peixoto mandou vir da Inglaterra e dos Estados Unidos», tudo vai acabar. Todavia, o almirante Saldanha da Gama poderá conspirar nos salões parisienses, juntamente com os seus amigos e com D. Isabel, ironiza Le Radical.

Les journaux à la solde de l'émeute font des commentaires fantaisistes sur la situation au Brésil.

Ils annoncent tous les jours une victoire de l'amiral Melo contre le tyran Peixoto qui emprisonne des milliers de personnes, la révolte de tous les États, la marche rapide de l'insurrection de Rio Grande sur Rio de Janeiro, la bataille de Bagé, où le général Isidoro et son état-major sont faits prisonniers et fusillés.

La vérité, c'est que Melo avec ses réactionnaires perd chaque jour du terrain et que ses forces au lieu d'augmenter diminuent.

Il n'a pu sortir de Rio de Janeiro avec l'*Aquidaban* qu'en sacrifiant deux navires dans la passe et son escadre est diminuée de six navires de guerre coulés dans la rade de Rio par l'artillerie de Peixoto.

Il a dû créer son espèce de gouvernement provisoire, à Buenos Aires (République Argentine) et dans une île appelée Desterro (ce qui veut dire exil,

État de Sainte-Catherine), habitée par cinq à six mille individus dont la plupart ne vit que de pêche.

Il n'a donc pu former, comme on dit, cette armée formidable envahissant l'État de Sainte-Catherine, faisant le siège de Curitiba (capitale de l'État de Parana), de là s'emparant de Sorocaba dans l'État de Sao Paulo, prenant ensuite la capitale de cet État et cela en quelques jours, dans un pays où pour ainsi dire il n'y a pas de route, avec une armée révolutionnaire, c'est-à-dire non organisée; quand il faudrait à une armée européenne bien des mois pour parcourir ces distances. D'ailleurs toute l'insurrection, d'après les télégrammes, se trouve circonscrite au rayon de la frontière de l'État de Rio Grande et de la République de l'Uruguay.

De même, pour cette escadre composée de deux seuls navires sérieux, le *Republica* et l'*Aquidaban*, qui doit anéantir celle que Peixoto fait venir d'Angleterre et des États-Unis.

L'escadre de ce dernier a comme point de concentration Pernambuco, c'est-à-dire le Nord, et le *Republica* et l'*Aquidaban* vont la chercher du côté de Sainte-Catherine, c'est-à-dire au Sud.

L'approche de l'escadre de Peixoto est le signal de la fin des événements brésiliens. Elle déblaiera la baie de Rio de Janeiro et réduira bientôt l'amiral Saldanha à venir conspirer avec ses amis dans les salons de sa future impératrice in partibus à Boulogne-sur-Seine. Elle délivrera les malheureux pêcheurs de Sainte-Catherine; il suffira ensuite de quelques régiments de

cavalerie envoyés à Rio Grande pour porter le dernier coup à cette soi-disant révolution qui devait ressusciter l'empire et les finances du pays et qui n'aura servi qu'à le conduire aux limites de l'anarchie.

## 43. «Le Président Peixoto», La Justice, 20 de dezembro

Este artigo enviado da capital britânica estigmatiza as informações manipuladas pelos «representantes do partido imperialista brasileiro e defende Floriano Peixoto do qual faz um retrato muito lisonjeiro, afirmando até que tinha obtido o doutoramento em ciências!

On nous écrit de Londres, 18 décembre :

Un grand nombre d'informations publiées sur les événements actuels du Brésil par la presse européenne sont puisés à des sources suspectes.

Le mouvement insurrectionnel qui jette momentanément le trouble dans la grande Confédération de l'Amérique du Sud, a, quoi qu'on en dise, une origine monarchiste.

Les partisans déguisés du régime déchu ont pris à tâche de fausser toutes les nouvelles sur les hommes et les choses au Brésil.

Ils s'évertuent à faire rayonner sur les deux mondes des informations erronées, dont les tendances ne trompent plus personnes.

La presse anglaise a été mise en garde contre ces manœuvres des représentants du parti impérialiste brésilien; elle s'est renseignée auprès des partisans les plus justement réputés du régime républicain dans ce pays au la libre pensée subit les persécutions opiniâtres et envenimée du fanatisme religieux.

On sait aujourd'hui quel cas il faut faire des racontars d'après lesquels le président Peixoto serait un aventurier vulgaire.

Il suffit, en effet, d'ouvrir l'annuaire pour acquérir la preuve que le président du Brésil est un homme éminent, dont les états de service figurent parmi les plus brillants de la République.

Il est sorti de l'école Polytechnique avec un des premiers numéros. Après avoir reçu son diplôme de docteur ès-sciences, il a embrassé la carrière militaire, choisissant l'artillerie.

Il a fait campagne au Paraguay contre le dictateur Lopez. Il est revenu de cette campagne avec le grade de capitaine.

Il a combattu le régime impérial. Il l'a servi toutefois dans l'intérêt majeur du pays. Quand l'empereur fut renversé, Peixoto fit respecter la personne du souverain déchu et mit le peuple en garde contre les tentatives de représailles indignes d'une nation éclairée.

Il a toujours pensé que l'élément militaire ne devrait servir qu'à comprimer les tentatives de réaction et que, seul, le peuple avait la libre direction des affaires du pays.

Ce fut dans un élan d'enthousiasme que la nation brésilienne le proclama vice-président à la réunion de l'Assemblée constituante.

Que l'on mette en parallèle les deux hommes qui attirent aujourd'hui l'attention sur le Brésil, on constatera que le maréchal Peixoto, gardien de la Constitution républicaine, a été acclame par le peuple et par l'armée, et que l'amiral Melo a déchaîné la guerre civile avec l'appui de tous les éléments réactionnaires.

### 44. «L'insurrection brésilienne», La Justice, 25 de dezembro

Pequeno artigo que estigmatiza os «informadores fantasistas». Neste caso propalaram mais uma notícia falsa: a tomada da capital brasileira pelos revoltosos.

Les racontars les plus risqués sont mis en circulation touchant la lutte qui se poursuit au Brésil.

Le ministre du Brésil à New-York, interrogé sur le bruit qui a couru que la ville de Rio-de-Janeiro aurait été prise par les insurgés, a dit avoir reçu du ministre de la marine une dépêche en date du 20, signalant que tout allait bien.

D'un autre côté, le ministre du Brésil à Washington a reçu hier un télégramme de Rio-de-Janeiro qui ne parle pas de cette prétendue victoire des insurgés.

Gageons que ce nouvel échec ne découragera les informateurs fantaisistes.

### **45**. *Le Matin*, 26 de dezembro

Esta guerra civil está a destruir a capital e resume-se a uma luta entre dois ambiciosos, que, no entanto, não se expõem muito. Como «a opinião pública não tem a coragem» de escolher entre os dois, isso vai continuar, nota o jornal parisiense.

A conclusão do artigo não é muito elogiosa nem para o novo regime nem para o seu antigo imperador:

«Decididamente, o Brasil não estava ainda maduro para a República.

Se Dom Pedro tivesse conhecido melhor o seu país, não teria abandonado tão facilmente o poder».

Le Prussien naturalisé Français Anacharsis Cloots<sup>20</sup> avait bien raison de recommander aux peuples de se défier des individualités.

Cette juste prévision des choses lui coûta, il est vrai, la vie, mais elle aura fait connaître son nom aux générations les plus reculées. Entre autres, lorsque les Brésiliens s'en seront pénétrés, ils ne se laisseront plus ballotter entre un Peixoto et un Melo, qui n'ont d'autre pensée que de faire servir leur patrie à leur ambition

Rien n'est lamentable, en effet, comme le récit des événements dont Rio-Janeiro est le théâtre depuis l'ouverture de la guerre civile : cette capitale, naguère encore si florissante et si gaie, ne sera plus bientôt qu'un amas de ruines, pour peu que la querelle des deux guerriers en chambre qui se disputent

114

<sup>&</sup>lt;sup>20</sup> Anarchis Cloots (1755-1794), pensador prussiano francófilo, ateu militante, nacionalizado francês em 1792, é guilhotinado por ordem de Robespierre.

le pouvoir, en exposant d'ailleurs le moins possible leurs personnes, dure encore quelques mois.

Le pire est que l'opinion publique, ahurie, n'a pas le courage de se prononcer pour l'un ou pour l'autre des deux concurrents, de sorte qu'il n'y a aucune raison pour que la fête ait une fin. Le peuple reste entre l'enclume et le marteau, faute de direction et de volonté.

Décidément, le Brésil n'était pas encore mûr pour la République.

Si dom Pedro l'avait mieux connu, il n'eût pas mis aussi facilement la clé sous la porte.

### **46.** «Au Brésil», *La Lanterne*, 31 de dezembro

O quotidiano denuncia as falsas notícias enviadas pelos revoltosos à imprensa europeia, como a acusação que as tropas regulares teriam incendiado um hospital que, na realidade nunca existiu. Outro exemplo: falou-se de distúrbios no Rio, quando, de facto, se tratava só da detenção de alguns bêbados.

Nous avons raconté, il y a quelque temps, quelle était la façon d'agir des chefs de l'insurrection brésilienne, décidés à tout prix à susciter des difficultés au gouvernement régulier de leur pays. Pour arriver à leurs fins, ils font adresser de Buenos-Aires et Montevideo des nouvelles sensationnelles tendant, toutes, à faire croire à de nouveaux troubles.

La dernière dépêche est envoyée de Montevideo au *New-York Herald*; elle annonce que les troupes du gouvernement ont incendié l'hôpital que les insurgés ont installé à San Gabriel et que cent-vingt blessés ont péri.

Quelques officieux français reproduisent cette dépêche sans s'apercevoir qu'ils paraissent s'associer aux ennemis d'un gouvernement établi. Ils auraient pu contrôler l'information du *New-York Herald*, et ils auraient vu que le fait annoncé est non seulement faux, mais encore absolument impossible.

En effet, San Gabriel est dans l'État de Rio Grande do Sul, à une grande distance de la frontière de l'Uruguay où les insurgés se sont toujours tenus. De plus, c'est un point où le gouvernement a toujours eu des troupes et les révoltés qui, au plus fort des troubles, n'ont jamais eu le moindre hôpital en quelque lieu que ce soit, ne pourraient, aujourd'hui que tout est tranquille, soigner leurs blessés sur le territoire brésilien au milieu des soldats réguliers.

Il en est de cette histoire comme de la prétendue bataille aux environs de Pelotas, ville de plus de 40,000 habitants. Cette bataille se réduit à un vol de chevaux et moutons commis au préjudice d'un grand cultivateur que nous connaissons bien. Tout dépend de la façon de présenter les choses. Ainsi, n'a-t-on pas dit qu'il y avait eu des troubles à Rio de Janeiro alors qu'il s'agissait de l'arrestation de quelques pochards, gens plus bruyants que méchants.

# **47**. A. Witness, «M<sup>me</sup> la Comtesse d'Eu et le trône du Brésil», *Le Figaro*, 9 de janeiro

Texto quase hagiográfico sobre a família da filha de D. Pedro II. Este «amigo da família imperial» faz um retrato muito elogioso da princesa, do marido e dos filhos, nomeadamente de Pedro e de Luís. O autor fala deles como se a dinastia dos Bragança tivesse uma grande probabilidade de governar outra vez o Brasil. A. Wittness faz também os elogios de Custódio de Melo e de Saldanha da Gama, o «neto de Vasco da Gama» !!

Un ami de la famille impériale du Brésil nous donne les curieux détails qui suivent sur la révolution de Rio, et sur les projets de Mme la comtesse d'Eu.

Mieux que les reporters, les pauvres gens connaissent un hôtel hospitaliers du boulevard de Boulogne dont la porte s'ouvre toute seule devant eux. C'est là qu'habite, à l'orée du Bois, écartée du monde, au milieu de ces enfants, Mme la comtesse d'Eu, l'héritière du trône du Brésil. C'est un pur charme que de partager pendant quelques instants cette existence simple, discrète, familiale, je dirais bourgeoise, si par un essor naturel l'esprit de la princesse ne vivait familièrement avec les hautes idées et les grands sentiments. Tout chez elle décèle de vives préoccupations d'artiste : le piano ouvert sur lequel sont éparses des partitions de maîtres, des fleurs partout, des tableaux, — ces autres fleurs, — placés habilement dans son salon pour en éclairer et en réchauffer la pénombre, lui offrent des pures consolations dans son bannissement immérité. Son goût très vif pour la musique comporte un éclectisme intelligent : elle applaudit Wagner après avoir écouté Gounod et

Ambroise Thomas. Professant pour les lettres françaises un véritable culte, elle connaît et admire toutes nos œuvres classiques, et quant aux productions modernes, tel jeune romancier serait aussi surpris qu'honoré de trouver son dernier livre ouvert sur la table du salon.

Les fleurs et les plantes inspirent à la princesse une touchante sollicitude : d'une sensibilité exquise, elle paraît souffrir pour elles et défend sévèrement à ses enfants de briser la moindre branche des rosiers et des orangers qui entourent la maison.

Une attrayante délicatesse de cœur, une profonde touchante de sentiments sont les traits caractéristiques de sa figure toujours jeunes. Il semble qu'à la regarder on se sente devenir bon. Le grand acte de sa vie n'est-il pas la preuve la plus éclatante de cette sensibilité toujours en éveil? Ce fut la princesse, la première qui, sous le règne de son père, porta son active pitié sur les esclaves; son influence s'exerça d'une façon décisive dans la voie de la loi qui les émancipait, et cette bonne et loyale action fut peut-être le principe de ses malheurs actuels. Elle s'attira ainsi la haine des grands propriétaires qui la poursuivent encore, s'acharnent et publient sur elle les calomnies les plus étrangers et les plus odieuses.

\* \* \*

Depuis quatre mois les événements du Brésil ont sinon passionné, du moins intéressé l'opinion publique en France. Ces débuts malheureux d'une jeune République sur laquelle les utopistes avaient fondé tant d'espérances fournissent aux monarchistes des arguments auxquels les républicains s'efforcent de répondre : et ainsi on en est arrivé à faire de la politique française à propos de l'insurrection de l'amiral Custodio José de Melo.

Il est temps de redresser, sur ce point, le sentiment public qui s'égare, et cela n'est possible que par un exposé véridique des situations et des faits.

Le Brésil est foncièrement monarchiste. L'insurrection qui en 1889 substitua la République à l'Empire ne fut nullement un mouvement populaire. Ce fut au contraire le résultat imprévu pour tous d'une conspiration militaire, appuyé sur quelques rancunes aristocratiques et sur le scepticisme des bourgeois. Le détestable esprit de certains professeurs de l'École Militaire que la magnanimité de Dom Pedro maintenait dans leurs fonctions, malgré de visibles écarts, avait enflammé l'imagination des jeunes officiers. L'un de ces professeurs, nommée Benjamin Constant, devenu plus tard une manière de grand homme, se distinguait par ses tendances ouvertement révolutionnaires. Son influence, accrue par l'impunité, fit sombrer dans beaucoup de cœurs jusque-là fidèles la notion de l'honneur militaire.

Le sage Dom Pedro, que Victor Hugo compara à juste titre à Marc Aurèle, croyait avoir rempli tout son devoir en aimant son peuple. Aussi la révolution ne ressembla-t-elle à aucune de celles que nous avons contemplées et subies en Europe. Elle n'eut pas de peine à surprendre un homme trop grand pour croire aux petitesses et trop généreux pour croire à la trahison, et d'un coup de main renversa l'Empire.

Ce fut le même Floriano Peixoto, aujourd'hui Président, alors adjudant général, — titre qui correspond dans notre hiérarchie française à celui de chef d'état-major du ministre de la guerre, — ce fut ce petit officier du Nord, assez vilain homme, moustaches sournoises et front têtu, qui, au premier coup de feu du *pronunciamiento*, endormit les soupçons de son chef, le trompa, puis brusquement jeta le masque et refusa de tirer sur les insurgés lorsque l'ordre lui en fut donné.

Aujourd'hui la situation a changé. Il est devenu par un étrange retour des choses, le despote sanguinaire que l'on veut renverser à tout prix, et contre qui se sont ligués les deux grands hommes de mer du Brésil, l'amiral Custodio de Melo et le plus illustre amiral Saldanha da Gama.

L'un et l'autre son nôtres par une tête bien gauloise, les yeux francs, par la décision et la droiture. Melo rappelle Galliffet <sup>21</sup>; allure cassante, énergie, vivacité d'esprit. Les journaux français ont rapporté de lui, ces derniers jours, un trait caractéristique de son *Humour* dont s'est égayé toute la ville de Rio. C'est l'histoire du chaland rempli de vivres que l'amiral met à la portée des gardes nationaux républicains; ils s'y précipitent et sont entraîné vers le vaisseau amiral, l'*Aquitaban*, et incorporés dans la marine insurgée.

Melo se rapproche encore de nous par la grâce presque coquette qu'il met à risquer sa vie. Lorsque dernièrement il franchit le formidable goulet de Rio

<sup>&</sup>lt;sup>21</sup> Gaston de Galliffet (1831-1909) é um militar francês, conhecido por ter participado na feroz repressão da Comuna de Paris durante a trágica Semana Sangrenta em maio de 1871. Será também ministro da Guerra entre junho de 1899 e maio de 1900.

sous les yeux des trois forts gouvernementaux, il avait pris grand soin d'avertir Peixoto.

Le Président se trouvait là avec sa lorgnette, et put ainsi admirer son ennemi faisant un salut courtois, canonnant ses forts et les aveuglant de ses projections électriques.

D'autre part, celui qu'il s'est donné librement pour chef, figure aux lignes accentuées, attitude calme, traits énergiques, l'œil luisant, est le petit-fils de l'illustre Vasco da Gama. C'est un Monk doublé d'un Garcia Moreno<sup>22</sup>.

Ainsi, par l'autorité de son caractère, il a pu se créer sous le régime actuel une situation exceptionnelle. Impérialiste avoué, il a su se faire respecter des républicains et commander, avec un Peixoto comme maître, l'école des Cadets, sans jamais renier ses principes.

D'abord neutre au début des hostilités, mais de cœur avec de Melo, il a pris en main les opérations et lancé le 7 décembre un manifeste retentissant dont nous traduisons la phrase la plus significative :

Le respect que l'on doit à la volonté de la nation librement manifestée conseille qu'elle choisisse elle-même solennellement et sous sa propre responsabilité la forme des institutions sous lesquelles elle désire développer ses glorieuses destinées.

<sup>&</sup>lt;sup>22</sup> Gabriel García Moreno (1821-1875) é uma figura de relevo na História do Equador do qual é presidente de 1861 a 1865 e de 1869 a 1875. Religioso, autoritário, contribui para a modernização do país. É assassinado a 6 de agosto de 1875.

On reconnaît là le diplomate trop fin pour appeler immédiatement Mme la comtesse d'Eu, trop fier pour celer ses opinions, proclamant bien haut que la nation doit se prononcer elle-même sur la forme du gouvernement, mais ne le proclamant si haut que parce qu'il sait ses compatriotes monarchistes.

En ce moment, l'insurrection semble victorieuse : la fortune lui sourit. Déposition du gouverneur de Pernambuco, agitation dans l'État de Santa Catarina, succès des fédéralistes dans le Sud, défection de l'amiral Gonçalves que le gouvernement avait mis à la tête de l'escadre de la Plata, marche victorieuse vers le Nord de l'armée insurgée de Rio-Grande, autant de bonnes nouvelles qui sont venues réjouir le cœur de Mme la comtesse d'Eu. Personne plus qu'elle ne s'afflige de ces luttes sanglantes qui ruinent son Empire autrefois si florissant : mais elle ne peut s'empêcher d'applaudir aux succès de son fidèle serviteur, l'amiral da Gama, celui qu'elle a tant de fois admiré à la tête de son bataillon des *imperiaes marinheiros*.

\* \* \*

L'imminence d'une restauration monarchique au Brésil est tellement évidente que les défenseurs hypocrites des combattants républicains dans la presse française ont essayé d'une manœuvre indigne afin d'égarer à la fois l'opinion de l'Europe et les sympathies de la population brésilienne.

Ils ont représenté Mme la comtesse d'Eu comme une mère ambitieuse décidée à barrer la route du trône à son fils si celui-ci était appelé à régner. Ils ont même imaginé un petit mélodrame : des envoyés de l'amiral da Gama

venus à Boulogne se seraient jetés aux genoux de la princesse, la suppliant de passer ses droits à son fils. Mais en vain lui montraient-ils les intérêts les plus sacrés de la famille : la princesse resta inflexible.

À la suite de cette tentative infructueuse pour l'attendrir, ses émissaires se seraient retirés avec l'intention d'offrir le trône au prince Pierre de Saxe-Cobourg Gotha, représentant d'une branche cadette de la maison impériale.

Les inventeurs de cette ingénieuse histoire ignorent sans doute que le prince Pierre de Saxe-Cobourg Gotha est malheureusement enfermé depuis quinze mois dans une maison de santé.

Et quant à la résistance qu'aurait opposée Mme la comtesse d'Eu à cette démarche hasardée, ceux qui connaissent son cœur savent combien elle eût été invraisemblable.

La vérité est que la princesse n'a jamais eu à se prononcer sur un point aussi important : elle n'a pris personne pour confident de ses pensées. Son unique ambition est de garder sa vie simple, chrétienne, maternelle. Si donc les circonstances et le bien du pays l'exigeaient, elle n'hésiterait point à se sacrifier personnellement à l'avenir de son fils aîné.

Élevé par une telle mère et par un homme de la valeur morale de Mgr le comte d'Eu, ce fils aîné, le prince Pierre Alcantara, rappelle l'empereur dom Pedro par les traits réguliers du visage, la loyauté des sentiments et la bonté du cœur. Beau jeune homme de dix-huit ans, il achève ses études en Autriche. C'est un militant : il ne rêve que plaies et bosses, adore se battre, échanger des

beaux coups de poing, comme son aïeul Henri IV, en attendant les grands coups d'épée.

Son frère cadet, le prince Louis, plus réfléchi, possède déjà, à seize ans, une certaine originalité de style. Esprit éminemment studieux, au pugilat il préfère la lecture, la méditation, non seulement par amour, mais par devoir avant tout. S'il lit tant d'histoire de France, c'est qu'il y cherche des enseignements pour l'avenir, et sa jeune imagination note et retient les moindres leçons d'un Bossuet ou d'un Montesquieu. Plus tard, siégeant aux côtés de son frère aîné, il lui donnera ces conseils indispensables aux empereurs au milieu de courtisans serviles.

Tels sont, — sans compter le prince Antoine, trop jeune encore — les princes en qui s'incarnent les espérances du peuple brésilien.

C'est dans la maison modeste que nous avons décrite qu'ils ont grandi, qu'ils ont pris naturellement, rien qu'en regardant leur mère, cette simplicité de manières et cette grandeur de sentiments qui frappent tous ceux qui les approchent. Qui sait si, parvenus un jour au faîte de la grandeur et de la puissance, effrayés ou las des agitations que leur imposeront leurs devoirs royaux, ils ne regretteront pas les jours paisibles de leur jeunesse, l'existence cachée qui fut la leur dans cette retraite, et si, adoptant la formule d'Hamlet, ils ne résumeront pas toute la philosophie de la vie dans ces mots du prince de Danemark : «To sleep... to dream!» Dormir! Rêver!

# **48.** «La chute du président Peixoto», *Journal des Débats*, 10 de janeiro

O quotidiano de referência engana-se redondamente. Com efeito, constrói toda a sua análise sobre uma falsa notícia: a demissão e a derrota de Floriano Peixoto. Além disso, autoelogia-se, escrevendo que o «Journal des Débats, o único naquele momento na imprensa europeia», tinha previsto este desfecho.

O diário parisiense ataca duramente «este detestável regime militar» e os dois primeiros presidentes. Interroga-se, a seguir, sobre o futuro regime que irá governar o Brasil. Depois de ter afastado a possibilidade de um regresso da monarquia, pensa que «a atual Constituição de fevereiro de 1891» poderá «continuar a reger» o país. «Com um presidente civil [...] o regime republicano pode ter hipóteses de sucesso», realça o articulista.

La crise brésilienne approche de son terme : après avoir tenté de résister à l'insurrection, le président Peixoto renonce à la lutte. Ce résultat, nous l'avions depuis longtemps prédit ; avant même que la révolution éclatât à Riode-Janeiro, alors que la province de Rio-Grande s'épuisait à combattre le régime imposé d'un gouverneur qu'elle détestait, nous indiquions la suite des événements : l'inutilité des efforts impolitiques de l'autorité fédérale pour étouffer l'insurrection de Rio-Grande, le malaise sans cesse grandissant dans le pays, le danger d'une révolution à Rio-de-Janeiro même. Les sûrs renseignements qui nous parvenaient du Brésil<sup>23</sup> nous permettaient de prévoir

Nous aurions mauvaise grâce à ne pas citer ici, parmi les personnes qui nous ont tenu le mieux au courant, spécialement en ce qui touche la province de Rio-Grande, le nom de M. T. de Andrade, sans d'ailleurs faire tort à notre correspondant, auteur des «Note d'un témoin». [Nota do jornal]

ce qui devait arriver : toutes ces prévisions se sont réalisées. Quand, au mois de septembre dernier, l'amiral de Melo souleva la flotte contre M. le maréchal Peixoto, le *Journal des Débats*, seul en ce moment dans la presse européenne, n'hésita pas à se prononcer sur l'issue du mouvement. Les événements disent, aujourd'hui, si nous avions été mauvais prophètes.

En démissionnant, M. Peixoto avoue sa défaite : la révolution triomphe. Que va-t-il arriver maintenant? Nous sommes peut-être trop près des événements pour l'indiquer avec certitude. Ce qui paraît, en tout cas, évident, c'est ce détestable régime militaire, qui depuis la chute de l'empire a fait tant de mal au Brésil qui a dilapidé ses finances, compromis sa réputation, trafiqué de son crédit, qui a accumulé dans tout le pays les ruines et les hontes, est aujourd'hui fini : la nation en est dégoûtée, et les douloureuses épreuves que lui ont fait subir les présidences des maréchaux da Fonseca et Peixoto ont été trop dures pour qu'elle les oublie de longtemps.

Mais quel régime succédera au régime déchu ? Comment se réorganisera le Brésil ? Question difficile. On a beaucoup parlé en ces dernières semaines d'une restauration de la monarchie. L'adhésion au mouvement révolutionnaire de l'amiral da Gama, dont les opinions monarchiques sont connues de tous, et la situation exceptionnelle dont ce personnage jouit au Brésil, ont pu faire supposer la possibilité du rétablissement de l'empire, soit que la couronne soit offerte au fils aîné de la comtesse d'Eu, soit qu'en attendant un régime effectivement monarchique, il se forme à Rio de Janeiro un gouvernement provisoire, assisté d'un Conseil de régence. Mais, d'un autre côté, la facilité avec



**Fig. 8:** O Marechal de Ferro (*L'Illustration*, 4 de nov.)

laquelle l'empire est tombé (on se souvient que seul, le baron de Ladario, aujourd'hui ministre de la République en Chine, manifesta quelque désir de résistance), peut laisser croire que la monarchie a gardé peu de prestige et que rétablissement n'irait pas sans quelque difficulté.

Il serait donc fort possible que la Constitution actuelle, celle du 24 février 1891, continuât à régir le Brésil. Jusqu'à présent, cette Constitution, perpétuellement faussée par les présidents militaires, est restée lettre morte. Avec un président civil — ce président sera-t-il M. Prudente de Morais, l'ancien compétiteur de M. Peixoto, ou M. Pena, gouverneur de Minas Gerais? — le régime républicain peut avoir des chances de succès. Mais quel que soit le gouvernement qui arrive au pouvoir, la tâche qui l'attend est exceptionnellement lourde : les plaies de la guerre civile à fermer, le calme à rétablir, le déficit à combler, les finances à restaurer, le crédit national à raffermir, il y a là de quoi effrayer les hommes d'État les plus habiles, les patriotes les plus dévoués. Heureusement le Brésil est jeune et les merveilleuses ressources dont il dispose l'aideront à guérir rapidement les maux que lui a causés la déplorable administration du régime qui vient de finir.

# **49.** «AU BRÉSIL. La fin du regime militaire et de l'insurrection», *Le Matin*, 10 de janeiro

Também, Le Matin acredita no despacho que anuncia a demissão de Floriano Peixoto. A notícia não surpreende o jornalista que entrevista «um dos membros mais importantes da colónia americana de Paris».

La ténacité de l'amiral de Melo vient enfin d'avoir raison du régime despotique qui avait confisqué toutes les libertés du Brésil.

Une dépêche parvenue au quai d'Orsay annonce que le président, le maréchal Peixoto, a donné sa démission.

Cette nouvelle était attendue depuis un certain temps déjà par tous ceux qui connaissent les choses d'Amérique; elle n'a donc point étonné. Mais comme le changement de régime qui va se produire amènera probablement de grandes modifications dans la politique brésilienne, nous avons voulu connaître l'avis d'un des membres les plus importants de la colonie américaine de Paris; voici ce qu'il nous a répondu.

 La chute du maréchal Peixoto marque la ruine du régime militaire qui s'était installé à Rio-Janeiro le lendemain de la déposition de dom Pedro.

#### Le militarisme

Lorsque le maréchal da Fonseca s'empara du pouvoir, il rencontra l'adhésion presque unanime de la population. Personne, à ce moment, ne s'étonna de voir un officier à la tête du gouvernement. Il fallait un homme d'action, appuyé sur une force constituée, pour président à l'organisation du régime républicain.

Des troubles pouvaient se produire, des hésitations dégénérer en débandade, des résistances se fortifier, toutes choses auxquelles il fallait opposer une organisation régulière. L'armée seule — qui, du reste, avait participé au coup d'État — était en mesure de remplir cette mission.

Mais, une fois d'adhésion des provinces obtenues, une fois le régime fédéral accepté sans discussion par toute la population de l'ancien empire, on ne pouvait que s'étonner de voir se perpétuer une situation qui ne devait être que transitoire.

Le mécontentement s'accrut lorsqu'on vit ce régime prétendu libéral se transformer en un véritable despotisme. Les soldats sont les pires ennemis des Républiques. Fonseca, inconsciemment peut-être, ne tarda pas à porter atteinte aux libertés les plus élémentaires, et, dans son ignorance des devoirs d'un chef d'État, il laissa son entourage se livrer aux spéculations les plus lamentables.

L'opinion publique l'obligea à se retirer et le pouvoir arriva directement aux mains du vice-président élu. Malheureusement, c'était encore un militaire.

Aussi, le gouvernement du général Peixoto, suivant la même voie que le précédent, ne tarda pas à en exagérer les malheureux éléments.

#### Réactions

Ce fut alors que l'amiral de Melo, répondants aux désirs souvent exprimés des provinces et voulant venger les droits du Parlement méconnus par le président, se mit à la tête du mouvement insurrectionnel qui avait déjà tenté de naître sur plusieurs points du territoire.

La lutte a duré cinq mois. La manière dont elle se termine ne peut être que profitable aux intérêts du Brésil-.

Il est probable qu'un président civil sera porté au pouvoir et que les institutions, désormais à l'abri de l'arbitraire, retrouveront le calme qui convient à leur marche régulière.

L'amiral de Melo l'a proclamé maintes fois en effet. Tous ses efforts ont tendu, non pas à l'accaparement du pouvoir, mais au rétablissement de l'ordre républicain. C'est un esprit droit, résolu et incapable de commettre un acte contraire aux principes de liberté. Une fois déjà, lors de la démission du maréchal Fonseca, il manifesta de la façon la plus formelle sa manière de voir et son attitude contribua pour beaucoup à la retraite du président. Il ne voulut point toutefois abuser à son profit de l'influence dont il disposait et il reprit tranquillement ses fonctions dans la marine. Il est probable qu'il agira de même aujourd'hui et qu'une fois le pouvoir législatif rétabli dans la plénitude de sa liberté de sa liberté, il ne demandera aucune participation à la conduite des affaires.

Son épée loyale ne doit servir qu'à la sauvegarde de la République. Il l'a déclaré lui-même.

### Le régime républicain

Quant à la prétendue restauration monarchique dont il aurait combiné l'avènement, je ne crois pas qu'on doive en considérer le projet comme sérieux.

Pour faire un roi, il faut en avoir un sous la main et, lors même que le petit-fils de dom Pedro, prince de Grand-Para, serait prêt à accepter le pouvoir, il ne pourrait rien faire sans l'autorisation de sa mère, qui est la véritable héritière de l'empire. Or, la princesse n'a pas plus l'intention d'abdiquer qu'elle n'a de chances de régner.

Elle n'est pas aimée du Brésil. Bien qu'elle ait préparé l'abolition de l'esclavage et qu'elle ait exécuté cette grande réforme — peut-être à cause de cela — elle n'a recueilli que des antipathies pendant ses régences intérimaires. L'amiral de Melo est trop au courant de l'opinion publique, trop habile à discerner les vœux de des compatriotes, pour compromettre dans une aventure de restauration, condamnée par avance, les résultats de sa longue campagne militaires. Il veut conserver à son pays la liberté qu'il a conquise, sûr d'avoir l'assentiment de tous les Brésiliens qui prétendent se gouverner à leur guise.

Mais attendons les nouvelles qui ne peuvent manquer de nous éclairer complètement de la portée considérable de l'acte qui vient de s'accomplir.

## **50**. Tony Révillon, «Choses du Brésil», *Le Radical*, 11 de janeiro

Révillon censura Le Figaro que prevê um regresso da monarquia no Brasil e, ao mesmo tempo, critica os dois primeiros anos do novo regime: a política financeira de Rui Barbosa, a fraqueza de Deodoro, a incompetência do barão de Lucena. Acusa também a insurreição no Rio Grande do Sul por parte de Silveira Martins.

O jornal radical apoia sem reservas a política de Floriano Peixoto e constata que a insurreição começa a perder terreno. Na opinião do jornalista, a ajuda de Saldanha da Gama «enfraqueceu» de Melo que vai perder a luta.

La flatterie, lorsqu'elle s'adresse à des exilés, peut dépasser la mesure; tout au plus, son excès fait-il sourire. Les lecteurs du *Figaro* ont trouvé hier<sup>24</sup> dans leur journal le tableau d'une famille idéale, une famille royale, naturellement. Mme la comtesse d'Eu, héritière du trône du Brésil, artiste, musicienne, lettrée, s'impose à notre sympathie par un trait particulier: «Les fleurs et les plantes inspirent à la princesse une touchante sollicitude: d'une sensibilité exquise, elle paraît souffrir pour elles et défend sévèrement à ses enfants de briser la moindre branche des rosiers et des orangers qui entourent la maison». Son fils aîné, le prince Pierre d'Alcantara, est le plus beau et le plus brave des étudiants de Vienne. Son fils cadet, le prince Louis, représente au contraire la méditation et l'étude; à seize ans, son style a déjà de l'originalité. Quant au troisième fils, le prince Antoine, il est permis de tout espérer de lui, puisque ce n'est encore qu'un enfant.

Mais l'article du *Figaro* ne borne pas à mettre en valeur cette petite élite impériale; il annonce en même temps sa restauration; il ne parle pas seulement de «l'attrayante délicatesse de cœur» de Mme la comtesse d'Eu, mais aussi de la situation du Brésil. «Le Brésil, dit-il, est foncièrement monarchique et la République ne doit y être considérée que comme une insurrection!»

<sup>&</sup>lt;sup>24</sup> Cf. Texto 47.

Or, c'est précisément le contraire qui est la vérité, vérité qu'il est bon de démontrer et d'établir. La République brésilienne, proclamée le 15 novembre 1889, se recommande à nous par cette date du centenaire de notre Révolution. Elle a pris une autre date, celle du 14 juillet, pour sa fête nationale, et, en toute occasion, elle a manifesté ses sympathies pour la France. La République au Brésil, bien loin d'être une surprise, est née du mouvement populaire le plus universel. Le livre, le journal, la tribune de la Chambre, les discussions des assemblées provinciales, les conférences publiques, l'enseignement des écoles lui-même l'avait préparée.

Le gouvernement provisoire qui prit la direction des affaires le lendemain de la chute de l'empire eut un mérite et un malheur. Le mérite fut de faire voter par le congrès constituant une constitution très libérale. Le malheur fut de confier les finances à un homme d'un grand talent et d'une ambition plus grande encore. M. Rui Barbosa, en attendant de devenir président de la République, appliqua son activité à fonder des banques d'émission qui ne manquèrent pas d'abuser de la facilité qu'on leur laissait de créer du papiermonnaie; de là un jeu effréné à la Bourse, des fortunes d'une origine trop rapide pour n'être pas un peu douteuse, et des entreprises compromettantes pour la jeune république. Joignez cela à la faiblesse de caractère du président, le maréchal Deodoro da Fonseca, et l'influence de son entourage. Le baron de Lucena, choisi par lui pour ministre, était un ancien monarchiste, violent et incapable, qui, au bout de quelques mois, avait mécontenté tout le monde. Irrité de l'opposition dans les deux Chambres, Lucena osa proposer au président de

les dissoudre. Contre cet acte inconstitutionnel, le pays tout entier se leva. Le décret de dissolution porte la date du 3 novembre 1891. Le 23, le maréchal de Fonseca et son ministre étaient renversés et le général Peixoto, vice-président de la République, succédait constitutionnellement au président déchu.

Le général Peixoto, depuis qu'il est au pouvoir, n'a pensé qu'à consolider la République qu'il avait contribué à fonder. Il a pris pour auxiliaires et pour conseil les chefs de l'ancien parti républicain. Son ministre des finances, M. Rodrigues Alves, a réagi contre la politique financière de M. Barbosa, réduit le nombre de banques d'émission et la circulation du papier-monnaie. Le Brésil pouvait espérer un avenir de progrès, quand, de nouveau, les ambitions personnelles se sont mises en campagne.

M. Silveira Martins, ancien partisan de l'empire, a tenté de soulever Rio-Grande, pays de frontière ouverte, très difficile à garder.

Réfugié dans l'État voisin de l'Uruguay, trouvant le succès bien lent à venir, il aurait peut-être renoncé à la lutte, s'il n'avait trouvé des alliés inattendus

Le mandat du président Peixoto prend fin au mois de mars 1894. Deux candidats ambitionnaient sa succession, l'ancien ministre des finances, M. Barbosa, ne trouvant aucun appui dans le Parlement et dans le pays, déçu, irrité, embrassa la cause de M. Silveira Martins, se disant que l'insurrection lui donnerait ce qu'il ne pouvait attendre de la légalité. L'amiral Melo, lui, soldat brillant, très aimé, très populaire, comptait sur l'appui du président Peixoto qui

le présenterait pour son successeur. Mais il se trouve que Peixoto, qui connaît l'histoire des républiques de l'Amérique du Sud et qui se rend compte du très vif désir de son pays, tient à avoir pour successeur un simple citoyen et non un général ou un amiral.

Melo, comme Barbosa et Martins, crut à la facilité d'une insurrection militaire, et, tout de suite, avec sa crânerie, il se mit à l'œuvre. Aidé par une douzaine d'officiers dévoués, il surprit dans la nuit les vaisseaux de guerre mouillés dans la rade de Rio, et, sans écouter les conseils de ses amis désintéressés, sans souci de son passé, mû par l'espoir de renverser en quelques heures le gouvernement et de conquérir la présidence, lui aussi s'insurgea contre le gouvernement qu'il servait la veille.

Dans aucun pays du monde, une révolution de la marine ne peut être justifiée. Force uniquement destinée, à la défense du pays, la marine ne peut, sans crime, intervenir contre un gouvernement et des Chambres qui siègent en vertu de la Constitution. Aussi la révolte de l'amiral Melo, au grand étonnement de ce dernier, si populaire la veille, a rencontré dans le pays la résistance la plus vive. Le gouvernement n'a pas hésité. Il a pour lui l'armée de terre, une partie de l'armée de mer restée fidèle, les gouverneurs des États, les Chambres, la plus grande partie de la population et toute la jeunesse des écoles dévouée à la République. Il a commandé des bateaux aux États-Unis, en Angleterre, en Allemagne, et, en attendant leur arrivée, il a tenu tête à l'insurrection qui n'a obtenu que des succès partiels et sans importance.

Qui sera victorieux? Au début, on pouvait hésiter à se prononcer; aujourd'hui, la défaite de l'amiral Melo est certaine. Plus coupable que Boulanger<sup>25</sup> chez nous, puisqu'il s'est insurgé, sa fortune, chose étrange, a suivi la même marche que celle de notre ancien ministre de la guerre. D'abord, il a eu pour lui sa popularité et quelques amis, puis sont venus les ambitieux sans scrupule comme Silveira Martins, les joueurs de la politique, les ambitieux déçus comme Rui Barbosa, et enfin les royalistes qui, dans le triomphe de l'amiral, ont vu le retour de la monarchie. Melo avait rêvé de présidence. Vite découragé, il a accepté l'aide de qui? De l'amiral Saldanha da Gama, sur qui *Le Figaro* compte pour restaurer Mme la comtesse d'Eu<sup>26</sup>, comme *Le Gaulois* comptait sur le comité des cinq pour ramener M. le comte de Paris<sup>27</sup>.

L'amiral Gama, lui, n'y est pas allé par quatre chemins. Il a pris tout de suite la direction du mouvement et proposé dans un manifeste le rétablissement de l'empire.

Nomeado ministro da Guerra em 1886, Georges Boulanger (1837-1891) multiplica as provocações em relação à Alemanha. Em maio de 1887, não faz parte do novo governo, o que provoca fortes reações dos seus apoiantes, todos membros da oposição ao regime da 3ª República. Excluído do Exército em março de 1888, é eleito deputado em abril, com o apoio dos nacionalistas, dos bonapartistas e dos monarquistas. Depois da sua eleição em Paris, a 27 de janeiro de 1889, o general hesita e renuncia a tomar o Palácio presidencial o que permite ao governo contra-atacar. Foge para a Bélgica e é condenado por contumácia a prisão perpétua. <sup>26</sup> Cf. Texto 47.

<sup>&</sup>lt;sup>27</sup> Este jornal monárquico é naturalmente favorável a um regresso dos Orléans. Na altura, o pretendente ao trono era Luís Filipe Alberto de Orleães (1838-1894), um dos netos de Luís Filipe, rei dos franceses entre 1830 e 1848.

Ce concours, au lieu d'apporter du prestige et de la force à Melo, l'a affaibli et le perdra. Parmi les insurgés de Rio-Grande, il y a de républicains ; il y en a parmi les soldats de Melo. Tous les républicains du Brésil se sont groupés autour du gouvernement pour la défense de la République menacée, et cette entente unanime la sauvera. Mme la comtesse d'Eu pourra continuer à cultiver ses fleurs dans les bois de Boulogne, son fils aîné à prendre modèle sur Henri IV et son fils cadet à relire Montesquieu. Le Brésil, ce grand pays, avec ses seize millions d'habitants, ses terres fertiles, ses chemins de fer, vivra et prospèrera sous une République, qui est notre amie et notre alliée.

# **51**. «La Révolution au Brésil», *Le Temps*, 11 de janeiro

Contrariamente ao Journal des Débats, Le Temps analisa com cautela a eventual demissão de Floriano Peixoto e a possibilidade de um regresso ao antigo regime, regresso que, na sua opinião, está cheio de obstáculos. O que é certo, escreve o articulista, é que há «muitos pontos de interrogação» para os quais não há ainda uma resposta. Não se sabe, por exemplo, «se a demissão do marechal Peixoto é um facto consumado».

Est-ce bien révolution qu'il faut dire? N'est-ce pas une restauration qui se prépare? Un président s'en va: qui lui succédera? Sera-ce un nouveau président, amiral cette foi, au lieu d'être maréchal? Le seul changement auquel on va assister à Rio-Janeiro, est-ce l'entrée en scène de la marine comme pépinière des chefs d'un gouvernement soi-disant républicain aux lieu et place de l'armée, réduite à la portion congrue? Ou bien est-ce un gouvernement

provisoire avec la mission délicate de présider à la transition et de rétablir la monarchie?

On le voit : l'histoire contemporaine du Brésil doit s'inscrire avec force points d'interrogation. À vrai dire, l'incertitude est si grande que l'on ne sait même pas si la démission du maréchal Peixoto est un fait accompli et qu'en tout cas on ignore absolument dans quelles conditions se serait produit cet événement, inattendu à force d'avoir été trop longtemps attendu.

Dans ces derniers temps, il semblait plutôt que le conflit eût perdu de son intensité en gagnant, il est vrai, en étendue. Depuis que l'amiral de Melo a forcé la sortie de la baie de Rio et que l'amiral da Gama lui a succédé dans le commandement de la flotte à l'ancre dans les eaux de la capitale, le feu est devenu moins vif et moins constant entre les cuirassés et les forts. Un peu de langueur s'explique sans peine dans des opérations qui traînent, sans résultat sensible, depuis le mois de septembre dernier.

Il faut avouer que cette insurrection donne un spectacle presque sans précédent dans les annales des révolutions sud-américaines. On comprendra qu'il est bizarre de voir depuis des mois une flotte rebelle bombarder par accès une capitale avec laquelle ses relations ne sont pas totalement interrompues. Ce piétinement sur place était bien fait pour lasser les plus infatigables, surtout avec l'obscurité qui n'a cessé de planer sur les vrais motifs et l'objectif réel de cette querre civile.

Sans doute, dans les provinces, les événements marchaient à une allure plus rapide, la révolte avait pris corps et la victoire semblait s'être fixée sous les drapeaux des ennemis du maréchal Peixoto et du gouvernement fédéral. Mais après tout, de l'aveu de tous, c'est à Rio que se joue la partie suprême, c'est entre les deux amiraux et le maréchal que se décidera le sort du Brésil, et l'opinion constatait avec une impatience fort légitime que la solution semblait chaque jour reculer dans un lointain plus nuageux, et que marins et soldats paraissaient prendre goût à un état de choses intolérable pour la population civile.

L'explication de ces délais interminables est peut-être à chercher dans des négociations secrètes qui se poursuivraient pour préparer l'avènement d'un nouveau régime. Bien que l'amiral de Melo ait toujours soin de réserver expressément la forme républicaine et bien que l'on prête à l'amiral da Gama une proclamation où ses convictions monarchistes bien connues seraient désavouées explicitement, le public, au Brésil et en Europe, ne veut pas démordre de l'idée qu'il se trame quelque chose comme une restauration.

Les partisans de l'empire ont naturellement repris confiance à mesure que la république se montrait plus incapable d'assurer l'ordre et de garantir les libertés fondamentales. On parle d'allées de venues significatives. La dépositaire des droits de la dynastie de Bragance est mise plus ou moins directement en évidence. En dehors même des difficultés extérieures que ne marquerait pas de rencontrer une restauration sur un sol où il semble qu'il soit

aussi impossible d'établir solidement un trône que de s'en passer, il est certain qu'il existe également des difficultés intrinsèques assez considérables.

Si vraiment le maréchal Peixoto a donné sa démission, cela prouve que la place est vacante, cela ne démontre nullement que les représentants du régime monarchique soient prêts à l'occuper, ni surtout que le Brésil soit disposé à sanctionner un retour immédiat aux institutions du passé.

## **52.** Jacques St. –Cère, «Au Brésil», *Le Figaro*, 11 de janeiro

O jornalista, que ironiza sobre a falta de estabilidade política do Brasil, tem quase a certeza que os monárquicos irão, a curtíssimo prazo, a retomar o poder no Rio de Janeiro.

Qu'est-ce qui se passe au Brésil? Voilà ce que beaucoup de braves gens se demandent un peu partout et même au Brésil. Combien y a-t-il de présidents, car il peut y en avoir un, deux, trois... ou pas du tout. Une dépêche a annoncé hier que le maréchal Peixoto a donné sa démission; mais, sans compter que d'autres dépêches, venues plus tard, sont moins affirmatives, qui sait si les amiraux, à leur tour, ne voudront pas goûter de la présidence, et si les amiraux Melo et Gama, séparément, ensemble ou l'un contre l'autre, ne se seront pas proclamés présidents de la République? S'ils ne se proclament pas tout seuls, ils pourront attendre! Car il n'y a pas à espérer que le peuple brésilien prenne en ce moment une résolution quelconque.

Voilà deux ans qu'ils pataugent, ces bons Brésiliens, deux ans [sic !] qu'ils ont chassé un Empereur qui n'était pas gênant et renversé un Empire qui avait au moins l'avantage de leur donner et la tranquillité dans la rue et le paiement des coupons de leur Dette, toutes choses qui sont compromises depuis qu'ils ont la République.

Mais il paraît qu'ils vont les retrouver, car aux dernières nouvelles, le retour à la monarchie n'est plus qu'une question de temps, de jours ou d'heures même. Et comme il ne faut jamais souhaiter que du bien à ceux qui ne vous ont rien fait, je crois qu'en France on sera enchanté de voir le bonheur revenir au Brésil.

Il y a bien des gens de lettres qui trouveront qu'un pays où ils sont si effrontément pillés mérite l'anarchie elle-même : mais le Brésil se moque de la littérature! Ne se moquerait-il pas moins d'une intervention des États-Unis qui serait presque dans les choses possibles, sinon dans les choses probables?

# **53.** Georges Héroult, «Les affaires du Brésil», *Le Figaro*, 12 de janeiro

Em primeiro lugar, baseando-se, como outros jornalistas, numa falsa informação quanto à eventual saída de Peixoto, Héroult fala duma vitória dos revoltosos. Por outro lado, no fundo, não acredita numa restauração da monarquia e prevê uma situação confusa no país: vai haver divergência entre os dois almirantes da Gama e de Melo; os vencidos não irão abandonar a luta; os Estados Unidos não deixarão de intervir no caso dos Bragança quererem voltar ao poder.

No fim do artigo, o articulista espera que regresse a calma para que a França possa defender os seus interesses económicos na região.

M. Georges Héroult, rédacteur en chef d'un journal de Rio, est arrivé cette semaine à Paris, et nous envoie l'article suivant sur les événements dont il a été témoins au Brésil

Le télégramme qui annonçait que le maréchal Floriano Peixoto, président de la République des États-Unis du Brésil, a donné sa démission vient d'être démenti par la légation brésilienne. Toutefois, pour qui connaît les errements de ladite légation, le ton du démenti indique qu'il a dû se passer quelque chose, et ce qui n'était pas vrai le 9 décembre sera probablement vrai d'ici un mois.

Le télégramme nous a valu un déchaînement d'articles sur le Brésil et sa révolution.

Les journaux conservateurs annonçaient comme assuré le retour de l'Empire, les journaux républicains donnaient à entendre que, si Peixoto avait quitté le pouvoir, c'était l'indice d'une concentration du parti républicain au Brésil.

Les «Talleyrand»<sup>28</sup> du boulevard se sont, cette fois encore, un peu pressés, et l'on voit bien qu'ils ne connaissent que vaguement, oh! très vaguement, le pays du «*Tenha paciencia*».

<sup>&</sup>lt;sup>28</sup> Charles Maurice de Talleyrand (1754-1836), antigo bispo, figura muito polémica, ocupou muitos cargos político-diplomáticos entre a última década do século XVIII e os anos 30 do século seguinte.

Si, après quatre mois et quatre jours d'une résistance qui a vidé les coffres du Trésor brésilien, le maréchal Peixoto avait résigné le pouvoir, c'est qu'il aurait jugé toute résistance désormais inutile et qu'il lui aurait semblé inutile tout autant de continuer les fantastiques exactions auxquelles l'a condamné un mouvement qu'il ne dirige plus, mais qu'il subit passivement.

Le triomphe des révoltés est, après la publication du manifeste de l'amiral Saldanha da Gama, certain, et si ce fidèle serviteur de la princesse Isabelle avait adhéré nettement à la révolution, dès les premiers jours, cinq mois de «fantaisies tragi-comiques» auraient été épargnées au Brésil; Floriano Peixoto serait loin et peut-être le drapeau impérial flotterait-il au haut du *Pao d'Assucar*. Mais l'amiral s'était volontairement lié les mains jusqu'à l'arrivée d'«indications précises», et ces indications ont mis deux mois à venir de Paris : il est des tergiversations qui coûtent un trône.

Quand Floriano Peixoto résignera le pouvoir, et je répète que l'événement est proche, que se passera-t-il ?

Voilà ce qu'il est intéressant de pronostiquer. — Tout d'abord, il ne faut pas croire à un retour immédiat de la monarchie, je dirai plus, ce retour est improbable avec le temps.

Le but hautement avoué des révoltés est d'en finir avec le régime arbitraire présidentiel et de lui substituer le régime parlementaire. De la monarchie il n'était pas ouvertement question dans les commencements; chacun sentait seulement que c'était là l'X du problème : tout le monde aujourd'hui sent que de là viendront les difficultés intérieures.

L'amiral Saldanha da Gama, monarchiste avéré, avait refusé la direction du mouvement; il avait apparemment ses raisons pour cela. Outre qu'il n'était pas absolument sûr que ce mouvement puisse profiter uniquement à la monarchie, il voulait obtenir de Paris les instructions nécessaires : d'où trois mois d'une neutralité feinte qui a pesé bien souvent au loyal marin qu'est l'amiral.

Les révoltés en sont donc parvenus à leurs fins, du moins à celles qu'on avouait tout haut.

Mais qui remplacera Peixoto?

Si c'est une de ses créatures, la lutte recommencera sur de nouveaux frais ; si c'est, comme le veut la Constitution, le président du Sénat, Dr. Prudente de Morais, qui prend la charge de l'Exécutif, les révoltés ne supporteront vraisemblablement pas ce Pauliste qui a toujours marché avec le Président démissionnaire.

Si les révoltés victorieux ont suffisamment dégagé le terrain pour imposer toutes leurs volontés, il y aura, probablement, outre les compétitions et les appétits qu'il faudra concilier, du «courage» entre les deux amiraux Custodio de Melo et Saldanha da Gama.

Ce dernier possède sur la marine et même sur l'opinion publique, une influence nettement supérieure à celle de son collègue. Celui-ci a hautement déclaré à plusieurs reprises qu'il n'entendait pas travailler uniquement pour la Monarchie, que le Brésil pouvait parfaitement vivre heureux avec une République parlementaire, et Custodio de Melo a été si mal récompensé d'avoir, le 23 novembre 1891, tiré les marrons du feu pour Floriano Peixoto, qu'il est à supposer qu'il faudra de forts arguments pour le décider au rôle de Monk.

L'amiral Saldanha da Gama, je l'ai dit, est un monarchiste renforcé ; il ne l'a jamais caché ; il l'a toujours crié sur tous les tons. Un désaccord entre lui est Custodio est donc fort possible, et dans ce cas, la crise recommencerait plus violente.

De plus, en cas d'une restauration monarchique probable, les États-Unis, abritant leurs intérêts derrière l'élastique doctrine Monroe, interviendraient certainement et vigoureusement en faveur de la forme républicaine du gouvernement.

Ajoutez à cela que les «Rois en Exil» jugent d'ordinaire fort mal la situation de leur pays, que Paris est bien loin de la rue Ouvidor, et vous conviendrez que la situation qui est actuellement des plus embrouillées, peut parfaitement s'embrouiller davantage encore quand les plus malins jugeront tout terminé, et que la démission de Floriano Peixoto n'aurait pas terminé complètement la coup qui a failli conduite le Brésil à la culbute finale.

Il est naïf de croire, comme on l'a dit, que la démission du maréchal Floriano Peixoto est l'indice d'une concentration du parti républicain, et que l'amiral de Melo ait offert soumission, à condition que M. Floriano quitte le pouvoir.

Il faut pour cela ne connaître rien du maréchal et de l'amiral. L'un est entêté comme un Auvergnat et l'autre comme un Basque; celui-ci a été trop finement et trop durement «roulé» par celui-là pour jamais pardonner, et au fond de toutes révolutions, il y a une question de préférence, de haine, et d'ambition personnelle qui rejette bien loin tout compromis comme celui dont j'ai parlé.

Au reste, on semble ignorer qu'au Brésil, le régime de l'Empire se rapprochait beaucoup plus de notre forme républicaine que la dictature militaire qui, depuis 1889, a régenté le pays.

La combinaison à laquelle on s'arrêtera visiblement à Rio-de-Janeiro lorsque, pour une raison ou pour une autre, le maréchal Peixoto aura quitté le palais Itamarati, sera: Élection d'une Constituante qui se réunira immédiatement pour choisir la forme du gouvernement et donner au Brésil une Constitution de plus. Or, l'éducation politique de la masse brésilienne est encore à faire; les élections seront telles que les voudront les gouvernants d'alors. Ces derniers seront-ils en majorité monarchistes? Seront-ils plutôt républicains? Nul ne peut se flatter de le savoir.

Dans tous les cas, il y aura des vainqueurs et des vaincus, et, dans un pays où l'opinion publique n'existe réellement pas, mais où peut facilement

fleurir le pronunciamiento, les vaincus sont toujours dangereux et jamais désespérés.

Quoi qu'il en soit, on peut affirmer que, l'aventure terminée, les affaires reprendront rapidement au Brésil.

Le commerce français devra lutter pour regagner le terrain que lui ont fait perdre certaines maladresses diplomatiques; mais l'inconsciente sympathie des Brésiliens, qui sont bien les Français du Sud-Amérique, lui rendra la tâche facile. On peut espérer que le nouveau ministre de France au Brésil, M. Imbert, partira dans quelques jours pour Rio-de-Janeiro; c'est urgent, car pour notre ministre, il y a au Brésil une «situation à inaugurer» et des intérêts à défendre qui ont un peu trop souffert durant ces derniers temps.

# **54.** F.N., «Les monarchistes brésiliens aux abois», *La Justice*, 13 de janeiro

O jornal de Clemenceau ataca os monárquicos brasileiros que abusaram da boa fé da opinião pública europeia divulgando a falsa notícia da demissão de Floriano Peixoto. De qualquer forma, a frota rebelde não tem capacidade militar para vencer a marinha fiel ao Governo, afirma o articulista parisiense.

Le parti monarchiste au Brésil prend, avec l'opinion publique en Europe, des libertés qui achèvent de le déconsidérer.

La fausse nouvelle de la démission du président Peixoto, lancée par des agences complaisantes, vient enfin d'être démentie officiellement.

Pour prouver qu'il était toujours à la tête de la République brésilienne, le président Peixoto ne pouvait mieux faire que de battre les insurgés. C'est ce qui a eu lieu avant-hier dans les îles Mocangué et do Engenho.

En même temps, la nouvelle flotte républicaine opérait un mouvement de concentration dont l'effet certain sera d'envelopper les cuirassés insurgés. Ces navires, d'ailleurs, ont éprouvé de nombreuses avaries dans les divers combats d'artillerie qu'ils ont livré aux batteries du gouvernement.

Ils sont absolument hors d'état de se mesurer avec les nouveaux cuirassés nationaux.

Le sentiment d'impuissance de la conspiration monarchiste se révèle dans l'impudente proclamation de l'amiral da Gama, qui feint se rallier à la République, après l'avoir conspué hautement.

Le désarroi des amis du comte d'Eu paraît irrémédiable.

# **55.** Georges Héroult, «À propôs d'un télégramme», *Le Journal*, 14 de janeiro

Dois dias depois de ter publicado um artigo no Figaro<sup>29</sup>, o jornalista volta a debruçar-se sobre o Brasil, analisando o telegrama da Havas que

<sup>&</sup>lt;sup>29</sup> Cf. Texto 54.

falava da demissão de Peixoto. A fonte desta falsa notícia, escreve Héroult, foi a legação da França no Rio e nomeadamente o seu jovem encarregado de negócios que cometeu a ingenuidade de se deixar influenciar pelo ministro britânico na capital carioca.

O articulista sublinha um outro aspeto: os artigos publicados por «certos jornais franceses, muito lidos no Rio de Janeiro» descontentam toda a gente no Brasil: terão consequências negativas para a imagem da França no país sul-americano e para o seu «comércio de luxo», além de piorar as já delicadas relações com o Governo de Floriano Peixoto.

Le télégramme qui annonçait que le maréchal Floriano Peixoto, président de la République des États-Unis du Brésil, avait donné sa démission, a été démenti, après deux jours d'attente para la légation brésilienne.

Cette attente et le ton du démenti indiquent clairement qu'il a dû se passer quelque chose, et que si le maréchal Peixoto ne s'est pas encore dérobé aux exigences d'un mouvement dont il n'est plus le maître, le moment n'est pas éloigné où il devra donner satisfaction aux exigences des révoltés victorieux.

La façon dont est rédigé le communiqué officiel du peu francophile ministre du Brésil, M. de Piza, est donc significative ; ce ne sont plus les éclatantes et bien sud-américaines fanfares du mois dernier. «On» nous dit tout simplement que le gouvernement de M. Floriano Peixoto est solide ; tandis que fin décembre, «on» répétait sur tous les toits que l'écrasement des amiraux Saldanha da Gama e Custódio de Melo n'était plus qu'une question d'heure.

Ce malencontreux télégramme a permis, une fois de plus, à certains journaux de mécontenter par leurs commentaires les Brésiliens, à quelque parti qu'ils appartiennent, et il ne faudrait pas que certains journaux français, très lus à Rio-de-Janeiro, continuent de se livrer longtemps encore aux «écarts» d'appréciation dont ils sont coutumiers depuis le commencement de la Révolution brésilienne, pour que notre commerce de luxe, si important au Brésil, ait à en souffrir durement.

Dans le Sud-Amérique, on paraît trop l'ignorer, l'influence commerciale est nettement liée à l'influence morale : l'une ne va pas sans l'autre ; d'où l'importance que peuvent avoir nos affaires commerciales avec le Brésil, les appréciations sociales ou politiques des journaux de boulevards très lus au pays du café : il y en aurait long à dire là-dessus et l'article se pourrait intituler, « De l'influence du journalisme parisien sur le commerce français au Brésil.»

Pour cette fois, l'Agence Havas a eu la main malheureuse, mais il ne faut pas autrement lui en vouloir : le sensationnel mais fantaisiste télégramme qu'elle a publié lui venait d'une source officielle, sûre et recommandable pour tous ceux qui ne connaissent pas très particulièrement les dessous et les personnages de la diplomatie accréditée à Rio-de-Janeiro.

D'après les renseignements certains qu'on nous a fournis, l'information ne venait pas de l'agent de l'*Havas*, mais bien du chargé d'affaires de France au Brésil, dont le ministère des affaires étrangères a dû trouver la précipitation et les sources d'information bien étranges.

Certains de nos confrères, *Le Petit Journal* en tête, ont jugé, à diverses reprises, trop sévèrement même, l'attitude du bien jeune secrétaire

d'ambassade qui, de par l'absence du ministre plénipotentiaire, représente la France au Brésil depuis le mois d'août dernier.

«On ne prête qu'aux riches», dit-on, et l'on prête à M. Doubigny bien des maladresses qu'il n'a pas commises. Toutefois, il faut avouer qu'il s'est, à différentes reprises, «emballé», et que cet emballement a plutôt nui à la France et aux intérêts français, si importants au Brésil. L'influence du ministère anglais, M. Wyndham, a trop pesé, dès le commencement, sur notre jeune chargé d'affaires.

M. Wyndham savait ce qu'il faisait, où il allait et comment il y allait, quand il tenait la dragée si dure au maréchal Peixoto et si douce aux révoltés. Et, comme les intérêts anglais sont dans le Sud-Amérique, comme un peu partout d'ailleurs, diamétralement opposés aux nôtres, il était au moins «naïf» de suivre les conseils du ministre d'Angleterre. La volte-face en faveur de Peixoto était, après la première attitude, bien délicate à effectuer : c'est de cette façon que nous avons de mécontenter tout le monde au Brésil, et nos commerçants s'en apercevront et s'en sont déjà aperçus.

Le télégramme de notre chargé d'affaires va donc augmenter la tension qui existe dans nos rapports avec le gouvernement du maréchal Peixoto ; les journaux florianistes vont clabauder ferme contre notre diplomatie et contre l'*Agence Havas*, qui s'attend d'ores et déjà à l'expulsion de son agent à Rio-de-Janeiro, tout innocent qu'il soit de la chose : je souhaite audit agent des égards policiers dont on m'a gratifié pendant mon arrestation et lors de ma déportation.

Il faut espérer que le nouveau ministre de France au Brésil, M. Imbert, dont on fait les plus grands éloges, saura remettre les choses au point et reprendre sur le gouvernement brésilien, quel qu'il soit, l'influence qu'avait acquises notre précédent ministre, M. Gérard, nommé en Chine.

# **56.** «La révolution au Brésil. Campagne de fausses nouvelles», *La Lanterne*, 14 de janeiro

O quotidiano francês sublinha o facto de ter sido o único a desmentir a notícia da demissão de Peixoto. Ataca a seguir três jornais parisienses (o Journal des Débats, Le Matin e Le Figaro) que acreditaram sem nenhum espírito crítico na saída da cena política do Marechal de Ferro.

Na realidade, o governo brasileiro funciona e trabalha, realça o jornal, segundo o qual os rebeldes estão «na defensiva».

Il y a quelques jours, nous étions les seuls à démentir le bruit de la démission du président Peixoto.

Les faits ont confirmé notre démenti, prouvant ainsi combien nous étions bien informés

Plusieurs de nos confrères, moins bien renseignés, doivent regretter d'avoir si facilement accueilli ce bruit ridicule.

Tel, par exemple, ce journal qui se publie le matin et le soir<sup>30</sup>, et qui, argumentant doctement sur la prétendue démission du président du Brésil, se

<sup>&</sup>lt;sup>30</sup> Trata-se do *Journal des Débats* (Cf. Texto 48).

vantait d'avoir été le seul dans la presse européenne à prédire cet événement dès le début de l'insurrection.

Telle aussi cette autre feuille qui, elle, ne paraît que le matin<sup>31</sup>, et qui déclarait gravement avoir été informée de cette démission par une dépêche du quai d'Orsay.

Mais d'où provenait ce faux bruit auquel l'omniscience de ces journaux s'est laissé prendre si piteusement ?

Il ne sera pas difficile d'en découvrir la source si l'on considère que, par une curieuse coïncidence, une autre feuille, qui se fait volontiers l'organe des rois en exil, publiait, en même temps que ce faux bruit se produisait, des articles empreints d'une amusante sentimentalité et destinées à démontrer que la comtesse d'Eu, fille de Dom Pedro, était une femme d'État et que les Brésiliens se mouraient d'envie de restaurer à son profit le trône impérial<sup>32</sup>

Toutes ces billevesées, aussi ridicules qu'intéressées, crèvent comme des bulles de savon en présence de la réalité.

Et la réalité est celle-ci : Peixoto est plus que jamais le président des États-Unis du Brésil ; il résiste victorieusement à tout ce ramassis d'aventuriers coalisés pour tenter une restauration impossible, et les tient en échec.

Les révoltés en sont réduits à la défensive.

<sup>32</sup> Cf os artigos de *Le Figaro* de 9, 11 e 12 de janeiro (Textos 47, 52 e 53).

<sup>&</sup>lt;sup>31</sup> Trata-se de *Le Matin* (Cf. Texto 49).

Un de leurs chefs, l'amiral Gama, s'étant rendu compte de la mauvaise impression produite par son manifeste monarchiste, a essayé de l'atténuer en publiant une nouveau *factum* qui, malgré son hypocrisie calcule n'a pas eu plus d'effet.

Du reste, le gouvernement régulier lui a rivé son clou de la belle manière en faisant ressortir sa trahison dans un décret contre lui, qui est un coup d'assommoir.

Après avoir énuméré tous les actes de forfaiture commis par cet amiral, ce décret se termine ainsi :

Considérant etc.... le gouvernement des États-Unis du Brésil a résolu de considérer le contre-amiral Luis Felipe de Saldanha da Gama dans le nombre des insurgés portés comme déserteurs de le déclarer traître à la patrie, pour avoir cherché à détruire, par les armes, les bases de la République et de le soumettre, par ces crimes, aux peines de la loi militaire.

Le contre-amiral Felipe Firmino Rodrigues Chaves, ministre de la marine, est chargé de l'exécution du présent décret

Voilà comme le gouvernement régulier du Brésil est démissionnaire.

#### **57.** Une éclaircie au Brésil», *La Justice*, 17 de janeiro

A situação dos rebeldes complica-se.

Au milieu des informations contradictoires qui nous parviennent du Brésil sur le mouvement insurrectionnel, un fait se dégage assez nettement.

Les insurgés ne peuvent plus se ravitailler, et le recrutement devient chaque jour plus difficile.

L'amiral Melo est malade, — on feint de l'être, ce qui serait plus grave.

Les proclamations du vice-amiral de Gama ont eu pour effet de rendre aux États confédérés une cohésion qui leur faisait défaut.

Les préparatifs pour le Congrès suivent leurs cours, et si, comme tout porte à le croire, le président Peixoto tient en respect jusque-là la faction monarchiste, le nouveau président de la Confédération brésilienne rétablira définitivement l'ordre dans la grande République sud-américaine.

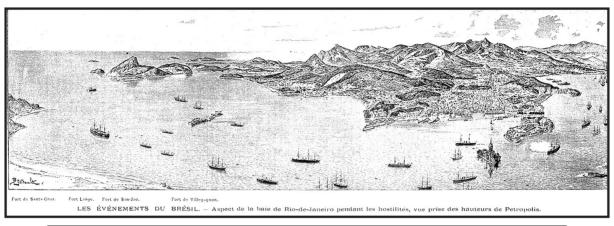
# **58.** «Au Brésil», *Le Gaulois*, 17 de janeiro

Estamos perto da batalha decisiva entre as tropas de Peixoto e os rebeldes...

Ainsi que nous le faisions prévoir, il y a quelques jours, le mois de janvier ne se terminera pas sans que des événements graves se produisent.

La rentrée dans la baie de Rio de l'*Aquidaban*, n'ayant plus à bord l'amiral de Melo, a été le signal d'une recrudescence de la canonnade.

Ce cuirassé, qui a amené des renforts, stationne devant la douane et se prépare à débarquer, tandis que toute l'escadre dirigeait une attaque contre le littoral



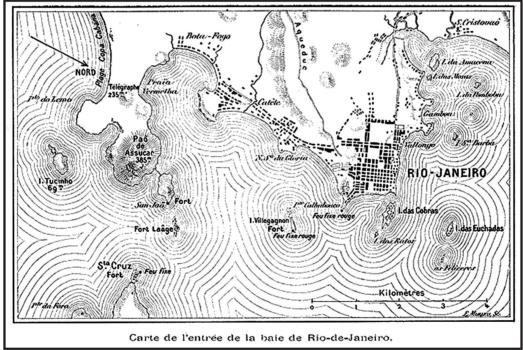


Fig. 9 e 10: Aspeto e mapa da baia do Rio de Janeiro (L'Illustration, 4 de nov.)

D'autre part, les troupes du maréchal Peixoto ont vainement essayé de prendre l'île de Boqueirao et ont été repoussés, perdant huit morts et dix blessés.

Les insurgés ont occupé les îles de l'Engenho et de Conceição, situées en face de Niteroi. Le gouvernement renforce cette ville et cherche à empêcher le ravitaillement des insurgés afin d'obliger l'amiral Saldanha à se rendre ou à évacuer le port.

Les batteries gouvernementales de Niteroi ont lancé dix bombes sur l'hôpital des insurgés, dans l'île das Enxadas. Cinq de ces bombes ont atteint l'hôpital, où il y a eu de nombreux morts et blessés.

Enfin, le général Saraiva s'avance avec un corps d'insurgés sur la côte de la province de Parana, dans le voisinage de Paranagua, où se trouve l'amiral Melo avec deux transports.

Ces efforts combinés — des deux côtés — ne peuvent aboutir qu'à une collision dernière et définitive.

#### **59**. «Au Brésil», *Le Gaulois*, 20 de janeiro

O jornal constata que as informações são contraditórias e que, aparentemente, não há fim à vista.

Voici qu'on nous annonce qu'il n'y aura point d'action décisive, au Brésil, avant mars et avril ; cela est désespérant ! Dire que, jusque-là, nous devrons

toujours suivre les bizarres péripéties de cette lutte extraordinaire, dire que les insurgés ont occupé telle île et que les troupes présidentielles se sont emparées de tel fort, que ceux-ci ont reçu des renforts, que ceux-là sont décimés! C'est à croire que les uns et les autres voient double et qu'ils nous racontent deux fois les mêmes événements.

Tout cela est un peu ridicule. On pense, involontairement, au Brésilien de la Vie Parisienne<sup>33</sup>

# **60.** «La guerre civile au Brésil», *Journal des Débats*, 31 de janeiro

O artigo refere-se ao incidente entre a frota rebelde e a americana que se encontra na baía do Rio. Esta dispara contra os navios do almirante Saldanha da Gama a 29 de janeiro, depois de três ataques dos rebeldes contra navios mercantes americanos nos dias anteriores.

Na opinião do jornalista parisiense, deve haver um «grave motivo» para que da Gama agisse como fez, prejudicando dessa forma «a vitória final criando-se um novo inimigo, muito mais forte» do que as tropas governamentais.

Finalmente, o articulista fala do papel dos Estados Unidos no Brasil. O jornalista indica duas razões que explicam a simpatia americana para com o presidente Peixoto; por um lado, os tratados comerciais entre os dois países; por outro lado, querem lutar contra as veleidades de restauração monárquica atribuídas ao almirante Saldanha da Gama.

<sup>&</sup>lt;sup>33</sup> Refere-se a uma personagem da obra em quatro atos que Jacques Offenbach escreveu em 1866.

Les nouvelles qui viennent de nous parvenir sur la marche des événements dans la baie de Rio nous ont paru, au premier abord, tellement extraordinaires, que nous avons douté un moment de leur exactitude, et que nous n'en avons admis l'authenticité qu'après les avoir vu confirmer de différents côtés. Alors que l'attention générale se concentrait sur la lutte engagée entre le Président Peixoto et l'amiral insurgé de Gama, voici que, à l'improviste, un conflit éclate entre ce dernier et l'amiral Benham<sup>34</sup>, commandant de l'escadre américaine mouillé, de même que les navires d'autres puissances, dans la baie de Rio ; ce conflit dégénère en une bataille en règle, et l'amiral de Gama fait soumission à l'amiral américain. Dès le début de l'insurrection brésilienne, l'attitude des États-Unis en face des partis belligérants a été considérée, et à juste titre, comme un des facteurs les plus importants de la question. On savait que le gouvernement de Washington accordait toutes ses sympathies au maréchal Peixoto, et il ne manquait pas de gens pour prédire qu'il mettrait un terme à la guerre civile par une intervention en faveur de ce dernier. Deux motifs, en effet, devaient rendre les États-Unis peu favorables aux insurgés ; d'abord, ils avaient conclu avec le Brésil, le maréchal Peixoto étant Président, des traités qui leur accordaient certains avantages et qu'ils pouvaient craindre de ne pas voir accepter par le nouveau gouvernement ; puis, malgré tous les démentis émanés des insurgés euxmêmes, on continue, en Amérique, de soupçonner l'amiral de Gama de former des projets de restauration monarchique, éventualité qui serait mal vue du

<sup>&</sup>lt;sup>34</sup> Andrew Benham (1832-1905).

gouvernement démocratique de Washington. Les journaux américains avaient donc commencé par proclamer bien haut que les États-Unis interviendraient, au besoin, pour empêcher une restauration monarchique. Jusqu'à présent, cependant, aucun incident remarquable ne s'était encore produit, si ce n'est le rappel de l'amiral américain Stanton, auquel son gouvernement reprochait, comme un manque de tact, d'avoir salué le pavillon des insurgés. Et encore faut-il reconnaître que cette manière de procéder était absolument correcte de la part du cabinet de Washington, le gouvernement du maréchal Peixoto ne pouvait être pour lui que le seul gouvernement légal du Brésil.

Rien ne pouvait donc faire prévoir l'incident qui vient d'avoir lieu, et qui, d'après la version américaine, se serait passé de la manière suivante : l'amiral Gama aurait notifié au commandant de l'escadre américaine qu'il s'opposait à ce que les navires de commerce des États-Unis approchassent des docks et qu'il ouvrirait le feu contre eux s'ils tentaient de le faire. L'amiral de Gama ayant mis ses menaces à exécution et le Guanabara ayant tiré sur la barque américaine *Good-News*, le croiseur américain *Detroit* aurait riposté, et, après un engagement insignifiant, de Gama aurait déclaré qu'il capitulerait devant une force étrangère supérieure à la sienne et qu'il remettait son épée à l'amiral américain.

Est-il besoin de faire remarquer ce que cet incident a d'étrange ? Le parti insurgé était pratiquement maître de la baie de Rio et les derniers engagements paraissant lui avoir été favorables, n'est-ce pas pure folie de sa part que de chercher querelle à l'escadre américaine et de compromettre le succès final en se créant un nouvel adversaire bien plus redoutable que le premier ? Il faut donc admettre que, si l'amiral de Gama a vraiment provoqué par son attitude l'intervention de l'amiral Benham, c'est qu'il avait, pour agir ainsi, quelque motif grave qui nous échappe encore.

D'autre part, la situation du parti insurgé vis-à-vis des puissances étrangères représentées à Rio par leurs navires de guerre ne laisse pas d'être délicate et peut donner lieu, au point du vue du droit international, à bien des interprétations, voire à des complications sur lesquelles il est difficile de se prononcer, puisque les escadres étrangères se trouvent, à Rio, en présence de deux adversaires, dont l'un n'est pas reconnu comme belligérant.

Pour le moment, comme le fait remarquer le *Standard* de ce matin, l'important est de savoir comme le gouvernement de Washington approuvera la conduite de l'amiral Benham, les autres puissances pouvant se croire autorisées à régler leur attitude sur celle des États-Unis.

#### **61.** Pierre-qui-sait, «La guerre au Brésil», *Le Gaulois*, 1 de fevereiro

«Os Estados Unidos intervieram» no conflito, que, como as outras potências, não lhes diz respeito», afirma o quotidiano parisiense que comenta o incidente entre a marinha americana e os revoltosos chefiados por Saldanha da Gama.

O editorialista dá duas razões para explicar esta atitude americana: por um lado, os acordos com Floriano Peixoto são vantajosos para eles; por outro lado, não simpatizam com «os projetos de restauração monárquica de da Gama.

Des nouvelles aussi graves qu'étrangères sont arrivées, hier, du Brésil. Le commandant de l'escadre des États-Unis mouillés dans la baie de Rio est directement intervenu dans la lutte.

La faute en serait, si l'on en croit les dépêches de source américaine, à l'amiral insurgé da Gama. Celui-ci voulut empêcher le déchargement des navires marchands, afin de couper les ressources du maréchal Peixoto. Il en résulta un grave conflit entre lui et l'escadre américaine, conflit qui, après un échange de quelques coups de canon, aurait forcé l'amiral da Gama à se rendre à l'amiral Benham.

[...]

Cet incident appelle quelques réflexions.

Tout d'abord, la scène s'est passée avec une telle précision, qu'on dirait vraiment qu'elle avait été réglée d'avance entre les deux amiraux.

Mais laissons cette supposition.

Ce qui est sûr, c'est que les États-Unis sont intervenus, effectivement, avec le canon, dans le différend qui ne les regarde pas plus que les autres puissances, et cela en faveur du gouvernement du maréchal Peixoto.

D'où vient cette attitude?

Question d'intérêt, tout d'abord. Les États-Unis ont conclu avec le général Peixoto des traités qui leur accordaient certains avantages. Un changement de gouvernement pourrait amener une modification des traités.

Question politique, ensuite. Les projets de restauration monarchique de l'amiral da Gama n'étaient pas du goût du gouvernement démocratique de Washington.

Une dépêche ajoute que le commandant français a félicité l'amiral Benham de son action énergique et que le commandant autrichien s'était préparé au combat afin de se joindre à l'amiral Benham, au cas où un engagement se serait produit avec les navires insurgés. Cette dépêche nous paraît sujette à caution. Toute cette histoire, en somme, demeure obscure.

# **62.** Jacques de St. Cère, «Les événements du Brésil», *Le Figaro*, 1 de fevereiro.

St. Cère ironiza sobre o facto de Custódio da Gama ter ousado enfrentar a frota americana. Não consegue perceber a razão desta «louca aventura» que resultou na inevitável rendição dos rebeldes. No entanto, deseja que esta decisão do almirante americano possa «beneficiar a toda a gente» e, nomeadamente, o comércio francês.

Pourvu que les dernières nouvelles du Brésil ne soient pas démenties demain! Elles sont si belles, si amusantes, si Sud-Amérique, qu'il serait dommage que le respect dû à la vérité nous obligeât à en donner d'autres demain. L'insurrection est, ou pour en parler avec la prudence commandée par l'habitude des dépêches américaines, serait terminée! À cela rien d'étonnant : ainsi que tout commence, il faut que tout finisse, comme l'a fait remarquer jadis le grand philosophe Hervé. Les insurrections même brésiliennes ne peuvent faire exception à cette règle. Seulement, d'habitude, dans l'Amérique du Sud, les insurgés finissent par triompher — et cette fois-ci ils ont fait leur soumission — et cette soumission, ils ne l'ont pas faite au président Peixoto, c'est-à-dire au gouvernement actuellement existant au Brésil, — ils l'ont faite à l'amiral Benham, de la marine des États-Unis, qui paraît être un gaillard qui va de l'avant et avec lequel il n'est pas bon de plaisanter de trop près.

L'amiral de Gama — auquel il ne suffit pas d'avoir pour aïeul un homme qui a été mis en musique par Meyerbeer<sup>35</sup> — a voulu faire parler de lui d'abord et la poudre ensuite, il a déclaré à l'amiral Benham qui si un seul des navires américains ancrés dans la baie de Rio s'approchait des docks, il le ferait canonner! L'amiral Benham n'hésita pas une seule seconde: il envoya à quai le *Good News* e le *Détroit*.

Alors Gama comprit que le moment était venu de prouver qu'on n'a pas besoin de s'appeler Vasco pour faire des actions d'éclat, et il donna l'ordre au Guanabara d'ouvrir le feu. Cinq minutes plus tard, il devait fortement se repentir d'avoir eu l'idée de se livrer à des exercices violents et bruyants, car le

<sup>&</sup>lt;sup>35</sup> A Africana é uma obra em cinco atos de Giacomo Meyerbeer (1791-1864) cuja personagem histórica principal é Vasco da Gama. Estreou-se em abril de 1865 em Paris, um ano depois da morte do compositor alemão.

brave Benham lui faisait savoir qu'il allait le faire canonner, torpiller, sauter, hacher par toute la flotte des États-Unis, ce sur quoi l'amiral de Gama déclara «qu'il capitulait devant une force étrangère supérieure à la sienne et qu'il remettait son épée à l'amiral américain». Et c'est tout.

Donc l'insurrection doit être finie maintenant.

Mais ne peut-on pas se demander pourquoi l'amiral brésilien s'est livré à une équipée tellement folle qu'elle doit être raisonnée et voulue? Ne peut-on pas se demander aussi ce que les États-Unis feront de l'amiral et de la flotte qu'ils ont capturée devant eux? Est-ce que les personnages chargés de représenter les autres pays à Rio approuvent l'amiral Benham? On pourrait le croire, puisqu'on nous annonce que le commandant autrichien avait eu l'intention de se joindre à son collègue américain. Tout cela est fort obscur et fort embrouillé, car voilà la vieille question de la reconnaissance des droits des insurgés posée de nouveau : ce n'est pas la première fois qu'elle embarrasse les témoins de luttes de ce genre. Il faut avouer qu'en Europe on aurait hésité à suivre la méthode très pratique et très expéditive de l'amiral Benham! Mais maintenant que les coups ont été tirés par les Américains, il serait bon qu'ils profitassent à tout le monde.

#### **63**. Pierre-gui-sait, «La guerre au Brésil», *Le Gaulois*, 1 de fevereiro

Le Gaulois fica surpreendido com o episódio na baia do Rio de Janeiro: «a cena desenrolou-se com uma tal precisão, que parece mesmo que os dois almirantes concordaram tudo entre eles de antemão. O jornal monárquico francês, segundo o qual os Estados Unidos intervêm num conflito «que não lhes diz respeito», dá duas razões que explicam a ação do marechal Benham. Por um lado, receiam que, se Peixoto perder o poder, haja uma modificação dos tratados comerciais entre os dois países; por outro lado, o governo americano não aprecia os «projetos de restauração monárquica» de Saldanha da Gama

Des nouvelles aussi graves qu'étrangères sont arrivées, hier, du Brésil. Le commandant de l'escadre des États-Unis mouillée dans la baie de Rio est directement intervenu dans la lutte.

La faute en serait, si l'on croit les dépêches de source américaine, à l'amiral insurgé da Gama. Celui-ci voulut empêcher le déchargement des. Navires marchands, afin de couper les ressources au maréchal Peixoto. Il en résultat un grave conflit entre lui et l'escadre américaine, conflit qui, après un échange de quelques coups de canon, aurait forcé l'amiral da Gama à se rendre à l'amiral Benham.

#### Voici comment les faits sont rapportés :

Trois navires marchands américains, le *Good-News*, le *Julia-Rollins* e l'*Amy*, ayant sollicité la protection de l'escadre des États-Unis pour pouvoir décharger sans être inquiétés par le feu des insurgés, le croiseur *Detroit* fut chargé de les escorter. Malgré cela, l'amiral da Gama ayant fait feu sur le *Good-News*, qui s'approchait des quais, le *Detroit* riposta en envoyant un boulet au *Guanabara*.

Ce croiseur fit feu à blanc contre le *Detroit*, qui logea un petit obus dans l'arrière du *Guanabara* et se préparait à le faire suivre d'une bordée lorsque ce dernier fit signe qu'il cessait le feu.

L'amiral da Gama fit alors savoir à l'amiral américain qu'il capitulait devant une force étrangère supérieure à la sienne et qu'il lui remettait son épée.

L'amiral da Gama réunit ensuite ses officiers en conseil et les invita à chercher refuge à bord de l'escadre américaine, qui leur offrait un asile. Les plus jeunes s'y refusèrent.

Cet incident appelle quelques réflexions.

Tout d'abord, la scène s'est passée avec une telle précision, qu'on dirait vraiment qu'elle avait été réglée à l'avance entre les deux amiraux.

Mais laissons cette supposition.

Ce qui est sûr, c'est que les États-Unis sont intervenus, effectivement, avec le canon, dans le différent qui ne les regarde pas plus que les autres puissances, et cela en faveur du gouvernement du maréchal Peixoto.

D'où vient cette attitude?

Question d'intérêt, tout d'abord. Les États-Unis ont conclu avec le général Peixoto des traités qui leur accordent certains avantages. Un changement de gouvernement pourrait amener une modification des traités.

Question politique, ensuite. Les projets de restauration monarchique de l'amiral da Gama n'étaient pas du goût du gouvernement démocratique de Washington.

Une dépêche ajoute que le commandant français a félicité l'amiral Benham de son action énergique et que le commandant autrichien s'était préparé au combat afin de se joindre à l'amiral Benham, au cas où un engagement se serait produit avec les navires insurgés. Cette dépêche paraît sujette à caution. Toute cette histoire, en somme, paraît bien obscure.

#### **64.** «Au Brésil. Fin de la Révolution», La Lanterne, 2 de fevereiro

O jornal parisiense, que sempre denunciou as «notícias fantasiosas sobre o Brasil vindas de Paris ou de Londres, interpreta este «simulacro de combate» entre da Gama e a frota americana.

Este traiu Peixoto e aderiu à revolta. Mas, constatando que a situação estava muito crítica para ele, organizou uma espécie de negociação para se render aos americanos e não a Peixoto.

La Lanterne — que considera também falsas as notícias das vitórias de Custódio de Melo no Sul do país — escreve que a «revolução acabou».

#### Nouvelles fantaisistes – Étrange conduite de l'amiral Gama – Double trahison.

Nous avons toujours tenu nos lecteurs en garde contre les nouvelles fantaisistes publiées soit à Paris soit à Londres sur la situation au Brésil. Les événements qui viennent de se passer à Rio prouvent que nous étions dans le vrai. L'amiral Gama s'est rendu, après un simulacre de combat, à l'amiral américain Benham. La conduite de l'amiral Gama demande quelques explications que nous sommes en mesure de donner.

Au début de l'insurrection, l'amiral Gama, directeur de l'École navale, par conséquent maître de toutes les îles de la baie de Rio, jouissait de toute la confiance du président Peixoto; il lui proposa un jour d'établir dans l'île las Cobras, située à quelques centaines de mètres à peine de la douane, et dans laquelle sont installés des dépôts de la marine militaire, un hôpital placé sous

la protection du drapeau de la convention de Genève et destiné à recevoir les blessés, tant des troupes régulières que des insurgés. Il agissait, en dessous, de concert avec l'amiral Melo et cela sans doute, à l'instigation de la princesse *In paribus*, refugiée à Boulogne-sur-Seine.

Le président Peixoto acceptant les propositions de l'amiral Gama, l'hôpital fut installé dans l'île las Cobras. De blessé des troupes gouvernementales en n'en vit pas, tandis qu'on apportait nombre de blessés insurgés ou soi-disant tels. Il profita d'une nuit pour armer l'île contenant alors plusieurs centaines d'hommes et, relevant le masque, se déclara ouvertement pour l'amiral Melo. C'était de sa part une double trahison.

#### Le plan de l'amiral Gama

Cette défection ne diminua cependant pas les forces du président Peixoto, et la preuve c'est que, peu de temps après, l'amiral Melo, voyant qu'il perdait du terrain au lieu d'en gagner, quitta la baie de Rio-de-Janeiro, laissant ses pleins pouvoirs à l'amiral Gama. Celui-ci vit à son tour la partie perdue, et sentant l'arrivée de l'escadre régulière, pour ne pas se rendre sous conditions au président Peixoto, il imagina les pourparlers avec la présence de l'amiral américain Benham pour arbitre.

Le prétexte était la fin des hostilités et l'on a vu que les plénipotentiaires n'avaient pas pu s'entendre; le motif réel était certainement l'entente avec l'amiral Benham pour la réalisation du plan dont nous avons dit quelques mots plus haut, c'est-à-dire la capitulation de l'amiral Gama après un combat avec la

flotte américaine, combat motivé par la violation du droit des gens commise par l'amiral Gama en tirant sur les navires étrangers.

Nous pouvons donner la même créance aux nouvelles victoires de l'amiral Melo dans le Sud, prenant tantôt Curitiba, San Paulo, marchant sur Rio avec son grand général Saraiva, qui n'est qu'un vulgaire assassin.

Les derniers télégrammes de même genre nous annoncent qu'il a quitté Resterro [Sic!] pour se rendre à Curitiba où il aurait installé son gouvernement provisoire.

En réalité, il craint le sort de l'amiral Gama et, s'il a quitté l'île de Resterro [Sic !], c'est qu'il voyait qu'on allait l'y prendre.

Nous pouvons donc maintenant considérer la révolution comme terminée et Melo, au lieu de remplir sur mer le rôle de pirate, n'est plus qu'un bandit réfugié dans les bois de l'État de Parana<sup>36</sup>.

#### **65**. «La fin de la révolution au Brésil», *Le Radical*, 2 de fevereiro

Na opinião do jornalista parisiense, Custódio da Gama combinou com o almirante norte-americano um plano de um combate fictício entre os navios rebeldes e a frota americana para se render a Benham e salvar desse modo a vida.

<sup>&</sup>lt;sup>36</sup> No fim do artigo, publica um telegrama do Rio onde se fala de uma possível rendição de da Gama, dos parabéns dados ao almirante Benham por parte do comandante dos navios franceses. Neste momento, precisa o despacho, há 16 navios estrangeiros na baia do Rio, dos quais cinco são americanos e quatro ingleses.

Le Radical alerta também os leitores contra «as notícias fantasiosas» eu relatam as vitórias de Custódio de Melo, construídas na residência francesa da princesa Isabel. Na verdade, escreve o jornal, a revolta já acabou e o «bandido» Melo está a fugir «nas florestas do Estado de Paraná».

Nous avons, dans nos différents articles, fait depuis longtemps prévoir ce qui arrive aujourd'hui.

Il paraissait évident que, après le départ de Rio de l'amiral Melo, l'amiral Gama, trahissant la République en vue d'une réclamation monarchique, devait à l'approche de l'escadre du président Peixoto chercher un moyen de ne pas se rendre sans conditions.

C'est pourquoi in conférait, il y a trois jours, avec l'amiral américain Benham et arrêtait le plan suivant qui vient d'être mis à exécution. :

Après un simulacre de combat entre les vaisseaux américains et la flotte insurgée, combat motivé par la violation des droits des gens commise par Gama en canonnant des navires étrangers, celui-ci capitulait et remettait son épée à l'amiral américain.

Nous avons tenu nos lecteurs en garde contre les nouvelles fantaisistes arrivant toutes par la voie de Montevideo, bien qu'elles eussent leur origine à Boulogne-sur-Seine, chez la princesse *in partibus*, c'est ainsi qu'on annonçait, à grand fracas, les victoires de Melo prenant telle ou telle ville et marchant, avec son grand générale Saraina [sic!], qui n'est en somme qu'un vulgaire assassin, sur Rio-de-Janeiro dont il s'emparait.

D'après les derniers télégrammes de même provenance, Melo quittait l'île de Desterro se serait établi à Curitiba où il aurait installé son gouvernement provisoire.

La vérité est que, craignant le sort de l'amiral Gama, il a abandonné sa flotte et la position de Desterro où il eut été plus facilement atteint.

Nous pouvons, à l'heure actuelle, considérer la révolution comme terminée et, Melo, au lieu de jouer le rôle de pirate, n'est plus qu'un bandit du *maquis* se cachant dans les bois de l'État du Parana.

# **66**. «La Révolution comique», *Le Temps*, 3 de fevereiro

O jornal parisiense faz um resumo dos acontecimentos de dia 29 na baia do Rio de Janeiro como se se tratasse de uma opereta, utilizando um tom meio sarcástico.

Não acredita que da Gama se rendeu ao comandante americano: o chefe da revolta só reconheceu a sua «impotência» perante uma força muito superior.

Por conseguinte, «não há nenhuma mudança no Rio», constata, aliviado, o editorialista. Este considera mesmo que, «a intervenção do almirante Benham, privando os rebeldes da possibilidade de esfomear os apoiantes do vice-presidente Peixoto graças a um verdadeiro bloqueio, só fez prolongar uma luta já por si tão longa».

Le bel esprit qui mettait l'histoire romaine en rondeaux n'aurait pas de peine à faire une opérette de l'histoire contemporaine du Brésil. Jamais ces comiques patentés de la marine de Sa Majesté britannique, MM. Gilbert et Sullivan, les auteurs des *Pirates de Penzance* et de *Her Majesty's ship Pinafore*, n'ont dépassé dans leurs inventions les plus gaies le petit intermède qui vient de se jouer dans la baie de Rio-Janeiro.

Personnages: l'amiral Saldanha da Gama, commandant en chef de la marine insurgée du Brésil; l'amiral Benham, commandant de l'escadre des États-Unis; les capitaines des trois bâtiments marchands des mêmes États-Unis. Ces trois derniers manifestent le désir, à première vue assez légitime, de s'approcher des quais pour débarquer leur cargaison sans s'exposer au feu de la flotte rebelle. L'amiral Benham notifie ce vœu à l'amiral da Gama et ajoute qu'il est fermement résolu à protéger envers et contre tous ses nationaux et à répondre, obus pour obus, aux tirs des Brésiliens.

Point de réponse. Le lendemain, à l'aube, un seul bâtiment de commerce — les deux autres avaient réfléchi pendant les veilles propices de la nuit et avaient conclu, suivant le mot célèbre, que la prudence est la meilleure partie de la valeur — donc seul *Amy* lève l'ancre et se met en marche, escorté par les cinq croiseurs de l'escadre américaine à bord desquels a été sonné le branlebas de combat. Tout à coup un léger nuage de fumée ; un crépitement sec ; c'est le croiseur brésilien *Guanabara* qui a fait feu — mais bien modestement, avec une simple carabine — par le travers de l'*Amy*.

Là-dessus, pour ne pas demeurer en reste de politesse, le croiseur américain *Detroit* décharge deux coups de mousquet par le travers du *Guanabara* et du *Trajano*. C'est fini. Le combat s'achève avant même d'avoir commencé. Majestueusement l'*Amy* et son convoi atteignent leur destination.

Le déchargement des marchandises s'opère sans nouvel incident, pendant que les capitaines des deux bâtiments qui ont reculé au dernier moment, se mordent les doigts de leur prudence intempestive.

Il semble qu'il n'y ait plus qu'à tirer le rideau. Erreur. Le prologue seul a été joué. C'est au tour des véritables acteurs d'apparaître sur scène. L'amiral da Gama envoie une dépêche à son collègue américain.

Que lui a-t-il mandé? C'est ici, par malheur, que nos autorités s'embrouillent et que la lumière cesse brusquement. On a raconté d'abord que l'amiral da Gama se serait déclaré vaincu par une force supérieure, aurait rendu son épée à l'amiral Benham et aurait conseillé à ses officiers stupéfaits de chercher un refuge à bord de l'escadre américaine.

Ce coup de théâtre dépassait un peu les vraisemblances. Comment les deux balles du *Detroit* pouvaient-elles suffire à faire capituler une flotte rebelle qui lutte depuis cinq mois ? Par quel prodige le seul fait, pour le commandant d'une escadre étrangère, de faire respecter au profit de ses nationaux les principes élémentaires du droit des neutres pouvait-il amener le chef d'une grande insurrection à disparaître brusquement et comme par une chausse-trappe de la scène d'une guerre civile ? Enfin, de quel œil l'amiral Benham allait-il contempler cette avalanche inattendue de responsabilités paradoxales et comment se tirerait-il d'embarras avec, sur les bras, toute une flotte et tout un état-major sur lesquels il ne comptait point et dont il ne savait que faire ?

Par bonheur, ces questions insolubles ne se posent pas. L'amiral da Gama n'a point songé à se rendre à un collègue qui ne lui demandait rien de pareil. Il s'est purement et simplement incliné devant la force majeure qui l'empêche de maintenir un blocus effectif sans avoir obtenu la qualité de belligérant. Il a notifié à l'amiral Benham, non sans quelque amertume, qu'il considérait que l'échange de trois balles comme suffisant pour attester son impuissance.

Ce n'est même pas un duel au premier sang, c'est une de ces fictions en vertu desquelles on déclare céder à la contrainte dès qu'une manifestation symbolique de force a été faite.

Il n'y a donc pas de changement à vue à Rio. Les insurgés font toujours les insurgés, les gouvernementaux leur métier de gouvernementaux. On reste en présence. La baie offre ce spectacle sans pareil d'une escadre sans base d'opérations à terre bombardant par accès et à intervalles irréguliers une capitale sans marine.

Rien n'indique qu'un terme soit proche. Même on peut dire que l'intervention de l'amiral Benham, en enlevant aux insurgés la possibilité d'affamer les partisans du vice-président Peixoto par un blocus effectif, n'a fait que prolonger une lutte déjà si longue. Il faut croire que le Brésil est condamné, non pas même à un accès aigu de guerre civile, mais à ce régime de l'insurrection à l'état chronique dont souffre le reste de l'Amérique du Sud.

# **67**. *L'Univers*, 4 de fevereiro

Neste pequeno comentário, como no seguinte, o jornal católico não conseque esconder a sua simpatia para com os revoltosos brasileiros.

Du Brésil des dépêches arrivent peu favorables au président Peixoto, que son ministre de la guerre a abandonné. Et c'est l'avis de tous les représentants des puissances, sauf l'amiral américain, qu'on reconnaisse aux deux parties la qualité de belligérants.

# **68**. *L'Univers*, 8 de fevereiro

On se lasse de la longueur de la lutte au Brésil. Les nouvelles sont assez contradictoires. Les Américains redoutent le triomphe des rebelles, car ils ont peur du rétablissement de la monarchie que le peuple paraît désirer.

### **69**. «La Guerre Civile au Brésil», *Le Temps*, 12 de fevereiro

O quotidiano escreve, aborrecido, que a situação no Brasil continua na mesma e que não há solução à vista. Critica também o «interesse mediocre das informações» que chegam do Rio, mas acusa, baseando-se nos mesmos despachos, Peixoto de usar o terror contra os suspeitos.

Considera positiva a convocação para as novas eleições, mas, ao mesmo tempo, põe em dúvida a boa fé do presidente. Na sua opinião, tudo podia-se resumir numa «comédia», com os eleitores que terão de utilizar «os boletins de voto já preparados de antemão». No entanto, o editorialista, depois

de ter lançado várias acusações mais ou menos veladas, acaba por admitir que «não se sabe nada de certo».

Na conclusão, formula um desejo que nada tem a ver com a realidade do Brasil do final do século XIX: por um lado, afirma podia-se «não dar razão a nenhuma das duas fações» usurpadoras ; por outro lado, porque não esperar «que se forme uma terceira parte que possa falar em nome desta pobre vontade nacional que toda a gente invoca, mas que ninguém respeita?»

Les jours, les semaines, les mois se passent et la situation demeure toujours la même au Brésil. De temps à autre un incident se produit, on croit toucher enfin à une solution, en en commente les termes probables. Puis le rideau retombe, gouvernement et rebelles restent en présence et l'on se retrouve aussi loin que jamais du dénouement du conflit. En dépit du télégraphe qui inonde la presse des deux mondes de renseignements d'un intérêt médiocre, la plus grande obscurité continue de régner sur les causes, sur l'objet, tout comme sur la marche de cette guerre civile interminable.

Aussi ne faut-il pas s'étonner de la lassitude universelle. S'il ne s'agissait pas en l'espèce de l'avenir politique d'un immense État dont le territoire égale presque celui de la Russie, on serait tenté de laisser ces maréchaux et ces amiraux se débrouiller ensemble sans plus intervenir dans cette tragi-comédie confuse que dans les petites pièces militaires que reprennent sans cesse les petites républiques de l'Amérique espagnole.

Cette fois-ci, le dernier bruit qui court, c'est que le président Peixoto se déciderait enfin à rendre la parole aux électeurs. Il serait sur le point de fixer la date d'une élection présidentielle. Si cette nouvelle se confirme, on ne peut

qu'en féliciter le Brésil. Ses gouvernants finiraient par où ils auraient dû commencer. Quand bien même on jugerait avec tout indulgence du monde l'initiative prise par l'amiral de Melo et son collègue da Gama, il faut avouer que la révolte d'une marine et le bombardement d'une capitale sont des arguments fort imparfaits de suppléer à la consultation nationale. Tous les obus des arsenaux du Brésil ne valent pas, pour trancher une question constitutionnelle, les modestes bulletins de vote.

S'il est vrai que le maréchal Peixoto s'est porté à cette résolution tardive sous le coup de la découverte d'un complot contre sa vie, les tyrannicides de Rio-Janeiro ont atteint leur but plus sûrement que les marins insurgés de la baie. Il est vrai qu'ils ont payé un peu cher leur tentative, restée, au surplus, sans même un commencement de d'exécution. Le président, avant de se résigner à convoquer les électeurs, a, dit-on, fait fusiller en masse des suspects. On donne même sur ces représailles du pouvoir exécutif des détails si montés en couleur qu'il semble préférable, en attendant des renseignement authentiques et impartiaux, d'en faire honneur à l'imagination des nouvellistes plutôt qu'à la froide cruauté des hommes d'État brésiliens. Les soldats employés à cette répugnante besogne auraient, à ce que l'on affirme, reçu l'ordre de garder un silence absolu sous peine de mort. Il faut encore que ces menaces n'ont guère agi, puisque c'est précisément de la bouche des exécuteurs des basses œuvres présidentielles qu'émanaient les récits de ce triste incident

La terreur brésilienne, pour sanglante qu'elle puisse être, n'atteindra guère son but. Il y a, d'ailleurs, une notable incohérence dans toute cette histoire. Comment expliquer que ce soit précisément après avoir en quelque sorte brûlé ses vaisseaux que le président Peixoto fasse appel au pays et rentre dans la légalité ?

Le seul moyen de comprendre ce défaut de suite et de logique, ce serait de supposer que les excès du terrorisme présidentiel ont provoqué une sorte de *9 Thermidor*<sup>37</sup> et que ce n'est pas de son plein gré ni librement que le chef du pouvoir a abdiqué. Peut-être cependant assistons-nous à une comédie et le maréchal Peixoto n'a-t-il convoqué les électeurs que pour leur mettre de force dans les mains des bulletins rédigés d'avance et pour rendre ainsi à son gouvernement chancelant une virginité apparente en le retrempant dans les eaux savamment préparées du suffrage universel?

Tout cela est fort obscur. Le plus sûr est de reconnaître que nous ne savons rien de précis. Après tout, rien ne saurait plus conforme aux vraisemblances et aux précédents qu'un démenti venant demain renverser la vase sur laquelle seraient échafaudées nos hypothèses. Tant que l'opinion vraie du Brésil ne se sera pas manifestée, tant que la majorité réelle n'aura pas réussi à se dégager, il sera impossible de savoir qui, du gouvernement ou des rebelles, a par devers soi, non pas la légalité — elle est violée des deux côtés — mais ce qui reste de droit dans une société aussi bouleversée.

<sup>&</sup>lt;sup>37</sup> 27 de junho de 1794, queda de Robespierre.

La meilleure solution ne serait-elle pas de renvoyer dos à dos deux partis qui ont usurpé l'un du pouvoir, l'autre de la force publique ? Ne verra-t-on pas se former un tiers parti capable s'imposer le holà à ces factions et de parler hautement au nom de cette pauvre volonté nationale que tout le monde invoque et que personne ne respecte ?

#### 70. Pierre-qui-sait, «Au Brésil», Le Gaulois, 12 de fevereiro

Au Brésil, on se bat toujours. L'amiral américain a télégraphié de Rio-de-Janeiro à son gouvernement que, dans la matinée du 9 février, un vif engagement a eu lieu à la pointe Arcia. L'avantage est resté aux insurgés.

De plus, les insurgés ont débarqué à Niteroi. Un combat s'est engagé dont l'issue reste douteuse. Il y a eu de nombreux morts et blessés.

Les partisans du gouvernement, sous les ordres du général Argolo<sup>38</sup>, ont opposé une résistance opiniâtre.

Enfin, un décret du vice-président de la république donne des instructions pour l'élection du président et du vice-président qui d'après la Constitution fédérale, doit avoir lieu le 1<sup>er</sup> mars prochain.

Est-ce la fin cette fois?

<sup>&</sup>lt;sup>38</sup> Francisco de Paula Argolo (1847-1930).

#### **71.** *Le Matin*, 13 de fevereiro

Este pequeno comentário, excessivamente favorável à causa dos revoltosos, prevê uma «queda inevitável de Peixoto a curto prazo». Toda a gente deseja o fim do conflito, nomeadamente a população brasileira e os comerciantes europeus, escreve o autor, segundo o qual «o Brasil, decididamente, não estava maduro para a República».

L'insurrection brésilienne traîne en longueur, sans que rien puisse faire prévoir l'issue de la lutte. Toutefois, l'avantage semble être du côté des rebelles, qui ont fini par s'emparer de presque toutes les îles de la baie de Rio et dont les progrès sont de plus en plus sensibles dans les provinces du Sud, les principales sous le rapport de la richesse et de la population.

À l'heure présente, la flotte de l'amiral de Melo, après avoir fait d'importantes prises, est solidement organisée à Desterro, dans le Rio-Grande, et à Curitiba, d'où un corps considérable marche sur la capitale, son aile droite, appuyée sur l'escadre révolutionnaire, ce qui le rend à peu près invulnérable. Si cette force enlève Santos, le principal port du Sud, il est assez probable qu'elle arrivera facilement sous les murs de Rio, qu'un chemin de fer de six cents kilomètres relie à Santos.

D'ailleurs, le président Peixoto ne compte aucun succès à son actif ; il est forcé de garder la défensive et ses ressources sont épuisées depuis longtemps. Son adversaire est à peu près logé à la même enseigne sous ce dernier rapport, mais il a pour lui le prestige du succès et le domaine de la mer lui est acquis. Le chute de Peixoto semble donc inéluctable à bref délai.

La population brésilienne serait heureuse d'une finir d'une façon quelconque. L'énervante incertitude dans laquelle on la tient depuis six mois lui fera tout accepter.

En Europe aussi, tous les vœux sont pour qu'il soit mis un terme aux pertes subies par le commerce.

Le Brésil, décidément, n'était pas suffisamment mûr pour la République.

#### «Au Brésil», Le Radical, 18 de fevereiro **72**.

Neste artigo o jornal parisiense entre em polémica com Le Temps. Na sua opinião, Peixoto só aplicou a Constituição.

Le journal *Le Temps*, dans son article de fond d'avant-hier<sup>39</sup>, donne, comme il l'a fait maintes fois déjà dans son bulletin de l'étranger, les nouvelles les plus fausses sur la situation brésilienne.

Il prétend que Peixoto a violé la Constitution en s'emparant du pouvoir, en décrétant l'État de siège et que s'est par la protestation que Melo, Rui Barbosa e Gama ont fomente la révolte.

Eh bien! Le Temps saura que Peixoto, vice-président de la République, a remplacé Deodoro da Fonseca.

<sup>&</sup>lt;sup>39</sup> Cf. Texto 69.

Que, en vertu du la Constitution, ses pouvoirs s'expirent seulement le 15 novembre 1894; mais que les élections qui se font par le suffrage universel pour la nomination du président et du vice-président ont lieu, en vertu de la même Constitution, tous les quatre ans, c'est-à-dire, le 1<sup>er</sup> mars prochain.

Quant à l'état de siège établi par Peixoto, c'est en vertu de l'article 86 de la Constitution qu'il a été déclaré et, faisons bien remarquer au *Temps* que Barbosa et Melo, après avoir coopéré, en qualité de membres du Congrès à cette Constitution, s'élèvent aujourd'hui contre celui qui ne fait que l'appliquer. [...]

#### **73**. «Au Brésil», *Le Radical*, 20 de fevereiro

L'Éclair, dans son premier article intitulé : «Égoisme international», a publié, sous la signature de M. Gerville-Réache, une succession d'erreur sur la situation brésilienne

L'auteur reconnaît cependant que le président Peixoto est soutenu par les forces de terre contre la marine insurgée et les révolutionnaires de Rio Grande, maîtres d'après lui des États de Sainte-Catherine et de Parana.

M. Gerville-Réache, avant de prendre la défense d'une semblable cause, aurait dû lire les explications données par la presse parisienne.

Il aurait vu que le centre de la révolution est dans la baie de Rio-de-Janeiro, que l'île de Desterro, bien que capitale de l'État de Sainte-Catherine, n'a qu'une population de 4 000 habitants composée uniquement de pauvres pêcheurs.

#### **74.** «Au Brésil, *Le Radical*, 24 de fevereiro

Se tivessem dado o estatuto de beligerantes aos rebeldes brasileiros, estes poderiam bloquear o porto do Rio de Janeiro. Nesse caso, a marinha comercial inglesa e francesa teriam sido muito afetadas, explica o jornal que desmente também os despachos que falam de sucessos da insurreição.

Nous avons dit dernièrement que les puissances étrangères avaient eu raison de refuser aux insurgés la qualité de belligérants.

Ce n'était pas l'avis de Mé. Gervile-Réache et des journaux tels que *Le Temps, Le Matin* et les *Débats*.

Hier, à la Chambres des Communes, M. Gladstone répondant à une question qui lui était posée à ce sujet a dit qu'il ne reconnaîtrait jamais les insurgés brésiliens comme belligérants; ce serait, en effet, leur permettre de se livrer à la course, en véritable pirates, Les intérêts de l'Angleterre sont trop considérables, là-bas, pour que l'on puisse tolérer une entrave à sa navigation et à son commerce. Il est bon d'ajouter que les intérêts français occupent une place aussi importante tout comme colonisation que comme transaction brésiliennes. Ce sont donc les marines françaises et anglaises qui eussent été les plus atteintes, leurs pavillons étant certainement les plus répandus dans les ports du Brésil.

Les importations brésiliennes paient, à leur entrée en France, environ 50 millions de droits de douane. Nos relations avec ce pays ont beaucoup augmenté depuis quelques années. Quant à la situation économique du Brésil, elle s'améliore sensiblement surtout depuis la fondation de la République; d'après le *North American Review*, les recettes du Trésor qui, en 1888, s'élevaient à 360 millions, dépassent actuellement 580 millions. Ce résultat est la meilleure réponse que l'on puisse faire aux réactionnaires, partisans de la Révolution et qui rêvent le retour de l'empire.

Nous avons cessé de répéter qu'il ne fallait donner que peu d'importance aux dépêches relatant les succès des insurgés.

La légation du Brésil a démenti dernièrement la prise de possession, par les troupes de Melo, des États de Paraná et de Sainte-Catherine. Elle réfute aujourd'hui, les dépêches annonçant la prorogation pendant soixante jours de l'état de siège et affirme que les élections, malgré les bruits contraires, auront bien lieu le 1<sup>er</sup> mars.

Terminons en disant que l'escadre gouvernementale se rapproche de Rio-de-Janeiro et que le croiseur *Neteroi* se trouve en ce moment à l'entrée de la baie.

#### **75.** L'élection présidentielle au Brésil», *Journal des Débats*, 2 mars

O jornal parisiense, que ataca com violência o regime de Peixoto, afirma que a eleição de Prudente de Morais era esperada: com efeito, «as

eleições no Brasil sempre deram uma esmagadora maioria aos candidatos do governo». Por outro lado, não acredita que haja mudanças significativas com este novo chefe de Estado, porque «os incompetentes que, depois de ter derrubado por surpresa o império, levaram o Brasil muito perto do descrédito e da ruína», vão continuar no poder.

Ao mesmo tempo, o quotidiano francês defende com afinco os revoltosos que têm ao seu lado, afirma o Journal des Débats, «o pessoal do antigo império e a parte inteligente da classe dirigente».

L'élection du nouveau Président de la République a eu lieu hier, 1<sup>er</sup> mars, au Brésil, conformément aux termes de la Constitution de 1889.

Bien des personnes ont été surprises d'apprendre que, pendant la révolution et sous un régime de terreur, le pays était appelé à se prononcer; et un certain nombre de nos confrères, en communiquant la nouvelle de la convocation des électeurs, déclaraient qu'il fallait savoir gré au Président Peixoto de s'être enfin décidé à rendre la parole au pays et considéraient cet événement comme un acte politique de la plus haute importance accompli par le maréchal. Il n'en est absolument rien : le Président a convoqué les électeurs parce qu'il y était absolument obligé par les termes très formels de la Constitution : ne pas le faire ç'eut été prendre la responsabilité d'un véritable coup d'État; et il a fallu l'intervention très énergique du ministère pout décider le maréchal à rester, cette fois, dans la légalité et à ne pas proroger les élections. Inutile de dire que ces élections ont dû être une simple comédie, pour ne pas dire une vulgaire farce. L'état de siège a bien été suspendu à partir du 25 février; mais ne n'était là qu'une suspension fictive; tous les chefs de l'Opposition monarchique, toutes les personne suspectes de sympathie envers

les révoltés, sont en prison depuis plusieurs mois ; la presse est bâillonnée ou supprimée ; le moindre écart de parole, la simple expression d'une opinion indépendante sont aussitôt signalés et sévèrement punis. En tout temps les élections au Brésil ont donné une majorité écrasante aux candidats du gouvernement ; on peut donc se figurer ce qui se sera passé hier : le résultat a dû être celui que le Président désirait et, si ce dernier avait pu se présenter aux suffrages du peuple, il n'est pas douteux qu'il aurait eu la presque unanimité des votants.

Malheureusement pour lui, la Constitution est formelle : le Président sortant, ou le vice-Président ayant exercé les fonctions de Président pendant la dernière année de la période présidentielle, sont inéligibles. Le maréchal a donc dû se borner à choisir un candidat à son goût et à exercer en faveur de ce dernier, avec un sentiment de regret bien légitime, la pression qu'il aurait bien voulu faire agir à son profit.

C'est le docteur Prudente de Morais qui paraît avoir profité des sages dispositions de la Constitution. Un télégramme arrivé ce matin donne son élection comme infiniment probable; le résultat définitif ne pourra être connu que beaucoup plus tard. M. Prudente de Morais, président du Sénat, est un républicain modéré; il s'est déclaré nettement contre la révolution et s'est prononcé pour le Président Peixoto, qui, à ses yeux, représentait la légalité; ses fonctions lui ont permis de garder une réserve très grande, et, pendant ces luttes qui, depuis six mois, déchirent le pays, il a conservé une neutralité de fait, tout en donnant au Président son appuis moral.

En admettant que M. Prudente de Morais soit réellement élu, quelles seront les conséquences de cette élection ?

À notre avis, il n'y en aura pas d'immédiates. Il ne faut pas oublier en effet, que le Président Peixoto reste en fonction jusqu'au 15 novembre (en vertu d'un système analogue à celui des États-Unis), et les opinions du futur Président diffèrent trop peu des siennes pour que, malgré d'influence de ce dernier, une orientation nouvelle soit donnée à la politique du gouvernement. Quant aux insurgés, ils n'ont aucune raison de mettre bas les armes; on pourrait bien faire valoir que la nomination d'un Président civil marquera la fin, ou la suspension de cette dictature militaire qui écrase le pays, dictature qui est un des griefs des révoltés. Mais il faut bien se dire que l'avènement au pouvoir de M. Prudente de Morais ne changera pas le personnel gouvernemental actuels: les incapables, qui, après avoir renversé l'empire par surprise, ont conduit le Brésil à deux doigts du discrédit et de la ruine, continueront à rester à la tête du pays, et les insurgés, qui ont avec eux le personnel de l'ancien empire et la partie intelligente de la classe dirigeante, les insurgés, qui, pensons-nous, seraient volontiers entrés en négociation avec un nouveau Président, moins suspect de partialité que M. Prudente de Morais, ne voudront pas, après six mois de pénibles luttes abandonnent une cause qui ne rencontre que des sympathies et qui fait tous les jours d'importants progrès.

#### **76.** *L'Univers*, 3 de março

Des élections pour la présidence et la vice-présidence au Brésil ont eu lieu hier, sauf dans les états du Para, de Desterro et de Rio-Grande-do-Sul où elles ont été suspendues à cause de la révolution. Ont été élus MM. Prudente Morais e Vitorino Pereira. La dépêche, qui annonce ces résultats, exprime l'espoir «que l'élection du docteur Prudente Morais, comme président de la république, mettra fin à la guerre civile». On le verra bien.

Il faut ajouter que le nouveau président ne doit prendre le pouvoir que le 15 novembre ; si la guerre civile continue jusque-là, elle n'est pas prête de finir.

#### 77. Le Matin, 3 de março

Le Matin — não simpatiza por nenhuma das partes envolvidas no conflito — espera que esta eleição presidencial possa trazer a paz a este país que sofreu tanto, depois de uma revolução «um tanto ridícula, que só serviu para a carreira de alguns generais e fazer ganhar dinheiro aos especuladores na Bolsa».

Le télégraphe n'a pu encore faire connaître le résultat de élections présidentielle qui a eu lieu avant-hier au Brésil. Le choix des électeurs importe d'autant moins qu'une consultation faite dans ces conditions, c'est-à-dire en plein mouvement insurrectionnel ne saurait être considérée comme l'expression libre et sincère de la volonté nationale.

Ce quoi est à souhaiter, c'est que cette élection mette fin à une révolution qui a été quelque peu ridicule, tout en étant sanglante, et qui n'aura servi qu'à donner du galon à certains généraux et à faire gagner de l'argent aux spéculateurs de la Bourse.

Le président Peixoto pas plus que l'amiral de Melo n'ont eu nos sympathies; l'aventure aura été sans gloire pour le gouvernement comme pour les insurgés. Il est temps qu'elle prenne fin et que l'ordre soit rétabli au Brésil. Les laborieuses et intéressantes populations de la république américaine ont assez souffert de ces *Pronunciamientos*» il faut espérer que leur choix se sera fixé, malgré les intrigues dont elles auront été l'objet, sur un homme capable de ramener la paix et la reprise des affaires dans ce pays si éprouvé.

### 78. S. A. «Les élections au Brésil», *Le Journal*, 3 de março

O quotidiano parisiense exprime o desejo que «os sediciosos da baía do Rio [...] deponham as armas, agora que têm a prova que» Peixoto «deseja respeitar a Constituição à letra. »

Hier, ont eu lieu au Brésil les élections pour le renouvellement intégral de la Chambre des députés, dont le mandat triennal était expiré, pour le renouvellement du premier tiers sortant do Sénat, et pour le choix du président et du vice-président de la République.

La nouvelle Chambre des députés et le Sénat renouvelé en partie se réuniront à Rio-de-Janeiro en session ordinaire dès la première semaine du mois de mai, et recevront communication du résultat des élections présidentielles qui viennent d'avoir lieu. Selon les dispositions de la Constitution fédérale du 24 février 1891, le nouveau président de la République n'entrera en fonction que le 15 novembre de cette année-ci; le nouveau vice-président deviendra, de droit, président du Sénat dès que son élection aura été approuvée.

Plusieurs de nos confrères ont annoncé que le maréchal Floriano Peixoto allait céder la place au nouvel élu du suffrage universel direct. C'est là une erreur. Tout d'abord, le maréchal Peixoto n'est que vice-président et n'exerce ses pouvoirs qu'en vertu de la démission donnée par le président Deodoro da Fonseca, le 23 novembre 1891. D'après les termes de la Constitution, il doit garder le pouvoir jusqu'à l'expiration du mandat présidentiel. Par conséquent, il restera encore à la tête des affaires pendant huit mois et demi, et il faut espérer que les séditieux de la baie de Rio, qui réclamaient sa retraite, sans un ombre de prétexte, d'ailleurs, déposeront les armes, maintenant qu'ils ont la preuve de son désir de respecter la Constitution à la lettre.

# **79.** Pierre-Qui-Sait, «Les élections brésiliennes», *Le Gaulois*, 3 de março

Este comentário é baseado e em grande parte copiado do artigo publicado na véspera pelo Journal des Débats.<sup>40</sup>

<sup>&</sup>lt;sup>40</sup> Cf. Texto 75.

Les élections présidentielles et législatives ont eu lieu, hier, dans tout le Brésil, à l'exception des États de Parana, de Santa-Catarina et de Rio-Grande-do-Sul, où domine la révolution.

Ces élections étaient-elles sérieuses?

L'état de siège avait été certainement suspendu à partir du 25 février; mais ce n'était là qu'une suspension fictive : tous les chefs de l'Opposition monarchique, toutes les personne suspectes de sympathie envers les révoltés, sont en prison depuis plusieurs mois ; la presse est bâillonnée ou supprimée ; le moindre écart de parole, la simple expression d'une opinion indépendante sont aussitôt signalés et sévèrement punis

Les électeurs n'ont été convoqués par le maréchal Peixoto que parce que la Constitution l'y obligeait.

Cette même Constitution dit formellement que le président sortant, ou le vice-président ayant exercé les fonctions de Président pendant la dernière année de la période présidentielle, sont inéligibles.

Devant cette clause, le maréchal a donc dû se borner à choisir un candidat à son goût.

C'est le docteur Prudente de Morais qu'il avait choisi. Un télégramme donne son élection comme infiniment probable : le résultat définitif ne pourra être connu que beaucoup plus tard. M. Prudente de Morais, président du Sénat, est un républicain modéré ; il s'est déclaré nettement contre la révolution et s'est prononcé pour le Président Peixoto, qui, à ses yeux, représentait la légalité.

M. Prudente de Morais élu, quelles seront les conséquences de cette élection?

Il n'y en aura pas d'immédiates, Car, toujours en vertu de la Constitution, le nouveau président ne doit prendre le pouvoir que le 15 novembre prochain.

D'ici là, que feront les insurgés ? C'est ce qu'il plus important de savoir.

#### 80. «Au Brésil», Le Radical, 4 de março

Le Radical defende com muita força o governo do Rio e critica os jornais conservadores franceses de difundirem falsas notícias, como as supostas marchas sobre Santos e São Paulo. Realça também o facto dos rebeldes, na baía do Rio, não terem obtido nenhum sucesso: não conseguiram nomeadamente desembarcar as tropas.

Na segunda parte, o artigo, relativiza as dificuldades financeiras da jovem república, devido à «crise política que o país atravessa»: «Mas temos de considerar uma coisa, a revolução parece-nos estar perto do epílogo. O governo brasileiro terá rapidamente restabelecido a ordem nas finanças, a causa das suas imensas riquezas e da sua boa administração que é, digam o que disserem, de uma perfeita organização, perturbada neste momento, é verdade, pela anarquia de alguns ambiciosos que constatam o fim da sua carreira»

Chaque fois que l'on reçoit la nouvelle d'un échec subi, dans la baie de Rio-de-Janeiro, par les insurgés, on répand le bruit d'une victoire remportée par eux dans le Sud.

Ainsi des dépêches ont annoncé que le *Mercurio*, transport de guerre insurgé, avait coulé par la batterie établie à Pointe-Madame dans la baie de Rio ;

par contre, on dit bien vite que les troupes révolutionnaires ont pris la ville de Santa Ana. Cette ville, qui touche à la frontière de la République de l'Uruguay, est, au moins, à deux mille kilomètres de Rio-de-Janeiro.

Comment se fait-il donc que les insurgés, représenté comme toujours victorieux, surtout d'après les dépêches provenant de Montevideo et Buenos Aires, en soient réduits encore à n'être qu'à Santa Ana avec leur armée, tandis que leur escadre, à part quelques îles de la baie, n'a pu s'emparer de moindre point de débarquement à proximité de Rio-de-Janeiro. Elle a, au contraire, été repoussée dans ses tentatives sur Niteroi, Punta de Arena, Armaçao, etc. Quant à la marche des forces de la Révolution sur Santos et Sao Paulo, tant de fois annoncée par *Le Temps*, les *Débats, Le Matin*, nous n'y ajoutons pas foi, les nouvelles s'y rapportant nous paraissent lancées pour les besoins de la cause.

Voilà que maintenant on jette un cri d'alarme au sujet des finances brésiliennes.

Nous ne voulons pas prétendre que la situation du Brésil, en pleine révolution, soit aussi prospère qu'il y a quelques mois, mais de là a voir tout perdu il y a un grand pas. Le change est au Brésil à un taux der 40 % que celui de la République Argentine qui jouit cependant de l'état de paix.

Le Brésil, en outre, n'a jamais suspendu le paiement de sa dette, comme l'ont fait les républiques hispano-américaines et, jusqu'à la révolution ses ressources étaient en augmentation constante. Toutes ses rentes sont amortissables et l'on a toujours procédé, chaque année, à un amortissement. Le

service des dettes extérieur et intérieure, ainsi que les garanties de chemins de fer n'exigent pas 150 millions par an ; les recettes sont de plus de 580 millions. Il reste donc une marge de 430 millions pour le reste des dépenses.

Nous admettons bien que, par la suite de la crise politique traversée par le pays, le budget se trouve en déficit; et quel État au monde ne se verrait pas dans la même situation en présence de troubles aussi profonds. Mais il faut envisager une chose, la révolution nous paraît toucher à sa fin et le gouvernement brésilien aura bien vite rétabli le bon ordre dans ses finances à cause de l'immensité de ses richesses et de sa bonne administration qui est, quoi qu'on dise, d'une organisation parfaite, troublée, il est vrai, en ce moment par l'anarchie de quelques ambitieux qui voient leur carrière terminée.

### **81**. Paul Roquère, «Le nouveau Président du Brésil», *Le Figaro*, 14 de março

O quotidiano parisiense publica um artigo muito cheio de elogios ao presidente eleito do Brasil, de quem aprecia a sua grande experiência e moderação, qualidades das quais bem precisará para «corrigir os erros da administração republicana».

La récente élection de M. Prudente de Morais contribuera certainement, au Brésil, à l'apaisement des esprits et de la guerre civile. C'est aux qualités personnelles et à la réputation du nouveau Président que sera dû cet heureux résultat.

M. Prudente de Morais est le premier élu du suffrage universel à la suprême magistrature du pays ; son prédécesseur, le premier Président après la chute de l'empereur dom Pedro, le maréchal Deodoro da Fonseca, avait été élu par le Congrès.

[...]

Son administration à S. Paulo, du 16 novembre 1899 au 15 novembre 1890, fut un modèle de modération, de justice et d'économie. Élu sénateur de S. Paulo au Congrès fédéral chargé d'élaborer la Constitution de la République, porté à la présidence de cette haute assemblée, M. Prudente de Morais représenta de nouveau l'État de S. Paulo au Sénat fédéral, lorsque les deux Chambres se furent séparées après le vote de la Constitution.

Ses qualités d'administrateur et la direction qu'il avait imprimée aux travaux du Congrès désignèrent son nom au choix de ses collègues pour le poste de premier Président de la nouvelle République, le 24 février 1891. Malgré l'opposition des partisans du maréchal da Fonseca qui était alors tout puissant, M. Prudente de Morais obtint 97 contre 123 données au maréchal.

Depuis 1891, le nom de M. de Morais était donc tout indiqué pour l'élection qui vient d'avoir lieu le 1<sup>er</sup> mars dernier et qui, selon la Constitution, devait être faite par le suffrage universel. La convention nationale, réunie à Rio en septembre 1893, le désigna, ainsi que M. Manuel Vitorino Pereira, sénateur de Bahia, pour la vice-présidence, et le peuple brésilien a ratifié ce choix.

La période présidentielle actuelle doit prendre fin le 15 novembre prochain : c'est alors seulement que M. Prudente de Morais recueillera la succession du maréchal Peixoto, dont il est toutefois le successeur légal, se celui-ci vient à résigner ses fonctions avant l'expiration de son mandat.

Le nouveau Président reçoit la délicate mission de redresser les erreurs de l'administration républicaine; sa tâche sera difficile et lourde; mais son talent, son expérience des affaires et surtout son *inflexible modération* légitiment les espérances du peuple brésilien.

#### **82**. «La Révolution au Brésil», *Le Radical*, 14 de março

Na primeira parte, esta carta do Rio acusa o encarregado de negócios francês de simpatia para com os rebeldes. A seguir, a missiva sublinha a importância do Brasil e aconselha os europeus em geral e aos franceses em particular de se interessaren muito mais pelo que se passa neste país, que tem um grande futuro.

No fim do artigo, desvaloriza-se a força dos rebeldes e defende-se Peixoto que «ficou na legalidade, agiu nos termos da Constituição e não como um ditador».

#### On nous écrit de Rio-de-Janeiro :

L'événement du jour est la publication d'une lettre adressée par M. Vauthier, directeur de l'agence Havas de cette ville, au journal *O País* dans laquelle il dément les nouvelles dont il n'était nullement l'auteur, pas plus que de celles provenant de la Plata.

Dans les cercles politiques, on juge très sévèrement la conduite du chargé d'affaires de France, M. d'Aubigny, dont les sympathies pour les insurgés sont connues de tous. Il passe pour envoyer à son gouvernement des dépêches plus ou moins vraisemblables et on lui attribue la paternité du télégramme annonçant, il y a deux mois, la démission du président Peixoto, ainsi que la prolongation de l'État de siège et l'ajournement des élections qui, au lieu d'avoir lieu le 1<sup>er</sup> mars, étaient rejetées au mois de mai, tout cela étant complètement faux.

Le gouvernement français a tort de confier les affaires de son pays à des jeunes gens inexpérimentés, ne connaissant rien de l'étranger et pouvant un jour lui susciter des difficultés avec des nations amies comme le Brésil, par exemple.

On n'a pas l'air, en Europe, de se rendre compte de la situation du Brésil et, en France, on s'en désintéresse beaucoup trop. Si l'Amérique du Nord s'oppose, de toutes ses forces au succès de l'insurrection, c'est qu'elle n'envisage pas la question au même point de vue que nous.

Les États-Unis savent bien que grâce à leur traité international, ils peuvent se passer du monde entier car, les produits leurs faisant défaut peuvent être tirés du Brésil.

Ce pays, d'ailleurs, dans un avenir peu éloigné, verra, comme dans l'Amérique du Nord, sa population quadruplée et même décuplée, deviendra le

fournisseur de tout l'univers où il exportera les céréales, vins et objets manufacturés dont il est aujourd'hui tributaire.

La révolution dont il souffre, n'entrave pas son avenir ; elle n'est pas une suspension d'affaires momentanée et le produit des douanes comblera, et au-delà, le déficit qui peut exister.

Quant aux opérations militaires, si elles paraissent lentes de la part de Peixoto, c'est que celui-ci n'a probablement pas encore en mains la force maritime qui lui est nécessaire, et qu'il ne veut pas mécontenter la marine qui lui est restée fidèles par l'introduction d'étrangers à bord de la flotte gouvernementale.

Pour ce qui est des forces insurrectionnelles sur terre et de leur marché en avant, on n'a qu'à jeter les yeux sur une carte quelconque pour se convaincre de leur pue d'importance, puisque le gros de la soi-disant armée révolutionnaire n'opère que sur la frontière sud le d'État de Rio Grande.

Il est à souhaiter que cette révolution soit bientôt terminée; le Brésil a sous les yeux l'exemple du Chili dont la marine révoltée n'allait servir qu'au retour de la plus grande réaction et qui en a été empêchée par l'élément libéral acclamant, aujourd'hui, les vaincus d'hier, c'est-à-dire les partisans de Balmaceda qui, lui avait pris en mains la dictature croyant que c'était le seul moyen d'arriver à l'émancipation du roto (esclave chilien).

Peixoto est resté dans la légalité, il a agi en vertu de la constitution, non pas comme dictateur, mais appuyé sur tout le pays qui ne trouve en face de lui que quelques ambitieux ne méritant, comme leurs princes, aucun intérêt.

#### **83**. «La Révolution brésilienne», *Journal des Débats*, 14 de março

O quotidiano parisiense, que sempre simpatizou com a insurreição, lamenta profundamente o desfecho deste conflito. Na sua opinião, Saldanha da Gama rendeu-se porque não tinha a capacidade de enfrentar uma frota de «uma força muito superior.»

Depois de ter colocado algumas perguntas sobre o que iriam fazer Custódio de Melo, Silveira Martins e as tropas federalistas, do Rio Grande do Sul, o editorialista admite que o fim da luta na baía do Rio é um duro golpe para «a causa dos revoltosos».

A conclusão do artigo revela a parcialidade do jornalista. Este afirma que uma vitória da rebelião teria posto um ponto final à «agitação no país», enquanto «esta vitória do Governo no Rio não vai provavelmente impedir aos insurretos de continuarem a luta em outros pontos do Brasil, prejudicando grandemente os interesses e o futuro do país.

Le télégraphe nous a apporté hier d'importantes nouvelles de Rio; l'amiral de Gama se serait rendu et aurait cherché un refuge à bord de la corvette portugaise *Mindelo*.

Une fois déjà, il y a quelques semaines, le télégraphe nous avait apporté une semblable nouvelle; à la suite d'un différend survenu entre l'escadre insurgée et la division américaine, l'amiral de Gama avait rendu son épée à l'amiral Benham en engageant tous ses officier à suivre son exemple. Le lendemain, le fait était atténué, puis complètement démenti. Nous ne prétendons pas qu'il en soit de même aujourd'hui; la multiplicité des télégrammes reçus, la variété de leurs sources, nous donnent à penser que réellement des événements graves ont dû se dérouler dans la baie de Rio; mais il bon de rappeler ce fait récent pour se mettre en garde tout au moins contre certains détails, probablement fantaisistes, qui accompagnent les récits que nous avons publiés.

Mais, en tenant pour entièrement exactes les nouvelles qui nous sont parvenues, quelles sont les causes de la reddition de l'amiral da Gama? Les télégrammes répondent nettement à cette question : l'amiral da Gama se serait rendu parce qu'il se jugeait impuissant à résister aux navires du Président Peixoto qui, samedi dernier, étaient venus s'embosser sous les forts du gouvernement, à l'entrée de la baie. Ce que nous disons dans notre article, au sujet des élections présidentielles<sup>41</sup>, se trouve ainsi entièrement confirmé : ce n'est pas l'élection de M. Prudente de Morais qui a fait mettre bas les armes aux insurgés ; c'est l'attaque de la flotte de l'amiral de Gama par des forces très supérieures. Il ne faut pas oublier, en effet, que la flotte insurgée était réduite, à Rio, à sa plus simple expression ; l'amiral da Gama n'avait à sa disposition que quelques vieux navires en bois, sans valeur militaire ; tous les navires bien armés et bien défendus, tels que l'Aquidaban e le Republica, étaient sur les côtes brésiliennes, sous les ordres de l'amiral de Melo.

<sup>&</sup>lt;sup>41</sup> Cf. Texto 75.

Que va faire l'amiral de Melo? Suivra-t-il l'amiral da Gama dans sa reddition, si reddition il y a? Continuera-t-il la lutte pour son compte, comme au début de la révolution? Quelle sera l'attitude de M. Silveira Martins? Que deviendront les insurgés de Rio-Grande et les troupes qui marchent sur Saint-Paul? — Voilà bien des points d'interrogation auxquels il n'est pas aisé de répondre avant que des renseignements plus précis et plus circonstanciés nous soient parvenus? Quoi qu'il en soit, il nous est difficile, malheureusement pour le Brésil, de considérer la révolution comme terminée. Le succès remporté par le Président Peixoto aura sans doute un retentissement considérable et affaiblira singulièrement la cause des insurgés; mais, tandis qu'un succès décisif des révoltés dans la baie de Rio auraient mis fin aux troubles qui agitent le pays, cette victoire du gouvernement de rio n'empêchera probablement pas les insurgés de continuer la lutte sur d'autres pont, au grand dommage des intérêts et de l'avenir du pays.

#### 84. La Liberté, 14 de março

O quotidiano católico critica a marinha, que «causou muitos sofrimentos», mas continua a ter esperança num regresso da monarquia.

Les nouvelles que l'on reçoit du Brésil, permettent de considérer l'insurrection comme terminée. Sans que l'on puisse ajouter une foi absolue aux dépêches, il est facile de comprendre que la marine n'avait plus qu'à capituler et à s'excuser de tout le mal qu'elle a fait. Il eût été plus convenable de

déposer les armes à la suite de l'élection présidentielle. Quand les insurrections ne font pas la traînée de poudre, elles fusent. En voyant un officier supérieur, que ses compatriotes représentaient comme un homme d'État, prendre la tête d'un mouvement politique, on pouvait à l'origine croire au succès de cette tentative pour rentrer dans le droit après être sorti de la légalité. Mais quand on a vu les choses se prolonger indéfiniment, il n'y avait plus d'illusions à se faire. Voilà donc le Brésil rendu à la paix et aux discussions parlementaires. C'est peut-être encore la voie la plus directe pour arriver à une Restauration qui semble devoir couronner quelque jour l'édifice positiviste.

#### **85.** «Au Brésil», *Le Gaulois*, 15 de março

O quotidiano parisiense tem algumas dificuldades em admitir que a revolta da marinha foi derrotada.

Les conditions de soumission proposée par l'amiral da Gama n'ayant pas été acceptées par le gouvernement, celui-ci, comme nous l'avons dit hier, a ouvert le feu contre les insurgés.

Après trois heures de bombardement, les navires insurgés ont hissé le drapeau blanc. L'amiral Saldanha da Gama et ses officiers se sont réfugiés à bord du navire français le *Magon*. De son côté, donc, le gouvernement du maréchal Peixoto est vainqueur.

Mais on peut se demander encore ce que va faire l'amiral de Melo? continuera-t-il la lutte? Et que deviendront aussi les insurgés de Rio Grande et les troupes qui marchent sur Saint-Paul?

Il convient d'être renseigné sur ces faits avant de considérer la révolution du Brésil comme tout à fait terminée.

Les dernières dépêches annoncent, cependant, que tout est fini, les insurgés s'étant rendus sans conditions.

#### **86.** «L'insurrection brésilienne», *Le Temps*, 16 de março

O jornal de referência consagra o seu editorial à atitude de Saldanha da Gama. Admite que podia haver dados objetivos que justificassem uma rendição: «depois da partida do almirante de Melo», a frota rebelde não tinha navios em condições de enfrentar os ataques de Peixoto, a epidemia tornou as condições ainda mais intoleráveis para os seus homens e as tropas governamentais estavam a concentrar o fogo contra os insurretos.

O editorialista critica, no entanto, e sem meios termos, o bombardeamento injustificável da capital e o facto que, na capitulação, nem sequer tenham mencionado a causa pela qual se revoltaram. No fundo, interroga-se o diário parisiense, porque iniciaram esta «lamentável insurreição» para chegar a este impasse?

Cette fois-ci est-elle la bonne ? L'amiral Saldanha da Gama, en rendant son épée au maréchal Peixoto, a-t-il mis un terme à cette guerre civile qui menaçait de s'éterniser au Brésil ? Le télégraphe nous a déjà apporté à plusieurs reprises la nouvelle du triomphe du gouvernement. C'est ce qui explique la défiance avec laquelle le public a tout d'abord accueilli les dépêches arrivées depuis deux jours de Rio-Janeiro.

Il y a quelques semaines le bruit avait couru que l'amiral da Gama, profitant avec un empressement incroyable d'une modeste intervention de la flotte des États-Unis s'était en quelque sorte jeté à la tête du commandement des forces navales américaines et avait voulu bon gré mal gré lui remettre cette épée qui est décidément destinée plutôt à jouer un rôle pacifique en rentrant au fourreau et en y restant à tout jamais qu'à frapper de grands coups comme Durandal<sup>42</sup>. Cette capitulation invraisemblable ne s'est pas accomplie.

Il faut croire toutefois que la pensée s'en était bien présentée au vaillant marin et qu'il n'avait cessé depuis lors de nourrir le dessein de se rendre, pourvu qu'il pût trouver quelqu'un à qui se rendre. Par parenthèse, il serait assez plaisant de voir cet officier général uniquement désireux de trouver une autorité entre les mains de laquelle capituler, s'adressant tantôt à des étrangers qui n'en pouvaient mais, tantôt à des compatriotes qui ne se souciaient guère de cet embarras, — si cette comédie n'avait eu son côté tragique.

Il ne faut pas oublier que les hommes qui ont joué si légèrement avec la paix de leur pays et avec leur propre honneur n'ont pas hésité à répandre la mort dans les quartiers les plus populeux de la ville ouverte. Le bombardement de

<sup>&</sup>lt;sup>42</sup> «Durindana» em português, espada mítica que teria pertencido ao cavaleiro medieval Rolando.

Rio-Janeiro perd toute excuse de moment qu'il ne s'agissait point, pour les chefs qui en ont pris l'initiative, d'une lutte à outrance où leurs propres vies pouvaient servir d'enjeu. De quel droit l'amiral da Gama a-t-il tourné ses canons sur la capitale, et a-t-il fait peser une indicible terreur sur cette population infortunée, si la cause pour laquelle il combattait était si peu importante qu'elle ne méritât même pas un effort personnel?

Ces questions il est impossible que l'opinion publique ne les posât pas à Rio, depuis la reddition de l'amiral da Gama. Sans doute, celui-ci a quelque réponse à présenter. Il peut dire que, depuis le départ de l'amiral de Melo à la tête des plus puissants bâtiments de la flotte, il était réduit à une misérable escadrille de vieux navires en bois incapables de subir le feu des forts ou même de tenir la mer. Il peut alléguer que l'épidémie de *vomito negro*, est encore venue rendre plus intolérable la position de ses marins. Du moment que le vice-président Peixoto se décidait à ouvrir une action générale et à faire converger sur la flotte insurgée le feu de la ville et des forts, la résistance devenait impossible. Ces explications sont fort plausibles.

Ce qui demeure obscur, c'est à quel motifs pouvait obéir un homme de sens en plongeant ou même en inaugurant une lutte qui devait aboutir à une telle impasse. Voilà le point sur lequel l'amiral da Gama aurait dû faire d'autant plus la lumière que, dans sa capitulation, il n'a rien, — littéralement rien — stipulé pour les intérêts généraux dont il était censé avoir pris la défense.

C'est un trait bien étrange de cette lamentable tragi-comédie; les révoltés invoquaient les droits les plus sacrés et les besoins les plus urgents de

la patrie; ils se soumettent et, tout en stipulant soigneusement pour eux, ils omettent toute allusion même lointaine au prétexte qui leur avait mis les armes à la main. Voilà qui juge suffisamment un homme est une cause.

Il est vrai que l'on ne sait ce que fera l'amiral de Melo; mais ce dénouement, joint à toute l'histoire de cette piètre insurrection, ne donne pas grande confiance dans les résolutions, quelques qu'elles soient, des auteurs de ce mouvement avorté.

### 87. P.D.. «Au Brésil», *La Justice*, 17 de março

O quotidiano formula um voto piedoso: uma América do Sul sem ditadores e sem golpes de Estado.

Le lamentable spectacle que viennent de nous donner, devant Rio-Janeiro, les chefs de l'insurrection brésilienne, est-il de nature à guérir à jamais l'Amérique du Sud de sa passion malheureuse pour les chapeaux à plume, les dictateurs et les coups d'État? Nous le souhaitons de tout notre cœur. Il est déplorable, en effet, que de grands pays puissent tant souffrir de si piètres personnages. Mais si pareille leçon ne doit pas être perdue, il n'y aurait encore que demi-mal. Le Brésil est pays d'avenir. Puisse-t-il se remettre bien vite au travail! C'est encore la meilleure manière d'éviter les révolutions.

## **88.** Georges Heroult, «La Révolution brésilienne», *Le Figaro*, 18 de março

O jornalista francês explica as condições que levaram da Gama a abandonar o combate. O porto do Rio está de novo livre, nota Héroult, mas, «infelizmente» para os que têm investido no Brasil, «o sucesso do marechal Peixoto na baía do Rio de Janeiro não pode ser considerado como um sucesso definitivo»: a luta continua no sul do país.

No entanto, o autor do artigo, declara que, para o bem de todos, «esta luta lamentável» — que faz perder muito dinheiro ao país e ao comércio europeu — devia acabar. Interroga-se a seguir sobre o papel do futuro presidente, mas tem a convicção que Peixoto continuará a ser «preponderante» na política brasileira.

No fim do artigo, depois de ter explicado que, para os interesses franceses, uma vitória completa dos rebeldes seria o ideal, Georges Héroult insiste sobre os aspetos positivos do Brasil, país «muito rico, com um grande futuro», que «tem a dívida mais baixa», onde «os negócios são sempre fáceis». Só espera que os Americanos não monopolizem tudo e deixem uma parte «ao pobres europeus».

No Post Scriptum, menciona uma grande batalha no Estado de São Paulo, perdida pelas tropas governamentais: «derrotados no Rio de Janeiro, os insurrectos ganham no Sul». Fala igualmente do futuro dos oficiais rebeldes que estão agora nos 16 navios de guerra estrangeiros.

M. Georges Héroult, qui a dirigé à Rio un journal important, a écrit pour nos lecteurs le très curieux article qui suit, dans lequel il explique que la Révolution n'est malheureusement pas terminée là-bas.

Quoi qu'on en dise en France, quoi qu'en racontent les journaux, non, la Révolution n'est pas finie et tous les insurgés ne se sont pas rendus. La vérité est moins agréable!

Depuis le 8 mars, il n'y avait plus pour représenter la flotte insurgée dans la baie de Rio de Janeiro que deux corvettes en bois, le *Trajano* et le *Guanabara*, une frégate-école et quelques chaloupes à vapeur.

Le cuirassé *Aquidaban* et le croiseur *Tamandaré* s'en étaient allés rejoindre dans le Sud le *Republica* et les cinq ou six navires qui composent la flotte de l'amiral Custodio de Melo.

Quand, le 11 le soir, se présentèrent à l'entrée de la baie les navires qu'on avait, aux États-Unis, si complaisamment «vendus» au maréchal Peixoto, il n'y eut aucun doute sur ce qui allait arriver; l'amiral Saldanha da Gama, avec ses deux vieilles corvettes en bois et le seul fort de Villegaignon, tombant en ruines, pour appui, ne pouvait résister au *Niteroi*, au *Destroyer* et aux deux autres navires florianistes, appuyés par les forteresses de Sao Joao, Santa-Cruz, Laje, Gragoata et par les batteries de la ville.

Il fallait se rendre ou abandonner ses bateaux ; c'est à ce dernier parti que s'est rangé l'amiral Saldanha da Gama.

Après avoir proposé au maréchal Peixoto de rendre bateaux et positions sous condition de la vie sauve pour lui et ses hommes, proposition que le maréchal a énergiquement repoussée, l'amiral, dès que les forts et les navires florianistes ont entamé le feu, s'est réfugié avec ses vingt-deux officiers à bord des navires de guerre étrangers, se souciant peu de tomber entre les mains du Président qui aurait été vraisemblablement et justement inflexible.

L'amiral Saldanha da Gama a joué là un rôle ingrat et qui étonne fort ceux qui connaissent l'homme. Les circonstances l'y ont, il est vrai, forcé, et on peut croire que l'amiral, qui représentait parmi les insurgés l'élément monarchistes, voyant que l'empire n'avait en aucun cas aucune chance de supplanter la République, a saisi cette occasion d'abandonner une lutte qui était désormais pour lui privée d'intérêt.

Voilà donc pour la première fois depuis le 6 septembre la baie de Rio de Janeiro débloquée et libre, mais ce succès, dû uniquement à la ténacité, au courage et au sens politique du maréchal Peixoto, termine-t-il donc la Révolution?

Malheureusement pour tous les intérêts en souffrance, non.

Si les insurgés n'ont plus le *Trajano*, le *Guanabara*, impropres à la lutte, ils ont encore l'*Aquidaban*, le *Republica*, le *Pallas*, le *Marte*, le *Pereira da Silva* et des torpilleurs croisant dans le Sud sous les ordres de l'amiral de Melo. Si l'amiral Saldanha da Gama, 22 officers et quelques trois cents matelots ont dû abandonner la lutte, le général Gumercindo Saraiva, à la tête de 6,000 hommes, se promène triomphant dans l'État de Sao Paulo, dont, à l'heure actuelle, il a peut-être pris la capitale ; tous les états du Sud, ils sont vainqueurs, et au Nord, à Bahia comme à Pernambuco, ils possèdent de nombreuses sympathies.

La Révolution est donc loin d'être terminée, et le succès du Maréchal Peixoto dans la Baie de Rio de Janeiro ne peut être considéré comme un succès définitif. La lutte gouvernementale finira bien par livrer combat à cette de l'amiral de Melo ; mais serait-elle victorieuse, que la lutte pourrait parfaitement se prolonger sur terre dans les États de Sao-Paulo, Parana et Rio-Grande.

Cependant, il serait grand temps, et pour le Brésil et pour l'Europe, que tout ceci finisse, quand ce serait dans le ridicule. Cette lutte pitoyable élargit à chaque instant un déficit que les gouvernements brésiliens auront peine à combler; le commerce européen perd chaque jour des sommes énormes, et quand viendra l'heure du règlement, il est difficile de dire où le Brésil puisera de quoi indemniser les intérêts très respectables qui ont été lésés.

L'élection du docteur Prudente de Morais comme Président de la République n'a suffi à calmer ni l'agitation ni les susceptibilités, ni les rancunes.

Porté à la Présidence par un Congrès élu sous la pression du sabre et de la tourmente révolutionnaire, le docteur Prudente de Morais ne prendra possession du pouvoir que le 15 novembre prochain. La lutte pourrait parfaitement continuer jusque-là.

M. Prudente de Morais, ami, sinon créature politique du Président actuel, saura-t-il assez se dégager de son prédécesseur pour suivre une politique personnelle et réparatrice ?

C'est ce que l'avenir apprendra. Mais s'il est à présumer que le maréchal Peixoto sera toujours, à un moment donné, le *Deux ex machina* de la politique brésilienne et que, Président ou non, son influence sera toujours prépondérante, parce qu'il est l'homme politique le plus fort non seulement du Brésil, mais encore de tout le Sud-Amérique.

Si nos intérêts bien compris veulent que nous restions neutres en la question, ce que malheureusement tout le monde n'a pas fait, il n'en est pas mois permis de dire que pour le bien des intérêts français, il serait peut-être préférable que les insurgés soient nettement vainqueurs. En ce cas, en effet, l'élément marin serait, au Brésil, tout-puissant, et les officiers de marine brésiliens ont pour la France une préférence marquée, tandis que l'élément militaire, représenté par le maréchal Peixoto, au plutôt, souvenir de 1870, ces préférences allemandes. Le gallophobe et germanophile ministre du Brésil, M. de Piza, en sait quelque chose.

Que la Révolution dure jusqu'au 15 novembre ou qu'elle se termine d'ici-là, que les insurgés soient vainqueurs ou qu'ils soient vaincus, que le gouvernement brésilien trouve ou ne trouve pas à emprunter en Europe l'argent qu'il n'a pas dont il a tant besoin, le Brésil n'en restera pas moins le pays très riche et plein d'avenir qu'il a toujours été, le plus grand pays du Sud-Amérique comme celui qui a la moindre dette; et les affaires y seront toujours faciles fructueuses, quoique devant être conduites avec plus de circonspection; et ce qu'il faut souhaiter, c'est que si le maréchal Peixoto est vainqueur, les Nord-Américains n'absorbent pas toutes ces affaires et en laissent un peu aux malheureux Européens.

P.S. — Au dernier moment, on me communique un télégramme arrivé aujourd'hui même, annonçant que les troupes de Gumercindo Saraiva viennent de battre complètement les détachements de troupes régulières et de garde nationale que le gouvernement a dépêchés contre lui. Ceci s'est passé au N.-E, de Sao-Paulo, à environ 220 kilomètres de la capitale.

D'autre part, le général Castillon à grand peine à se maintenir à Rio Grande do Sul, et si le port de Rio de Janeiro est enfin débloqué, par contre tous les ports du Brésil, de Santos à Porto Alegre, sont étroitement bloqués.

Vaincus à Rio de Janeiro, les insurgés sont donc vainqueurs au Sud.

L'amiral Saldanha da Gama n'est plus actuellement à bord du croiseur français le *Magon*. Il est à bord de la corvette portugaise *Mindello* avec quelques officiers.

Le 15 ou 18 autres officiers de marine insurgés se sont répartis à bord des 16 navires de guerre étrangers qui depuis quatre mois stationnent dans la baie.

Inutile de dire qu'ils y ont reçu la plus cordiale hospitalité. Tous les commandants ont demandé des instructions à leurs gouvernements qui tous ont naturellement répondu d'agir avec la plus grande humanité. Une certaine partie de ces officiers plutôt malheureux se rendront au Portugal dès que les moyens leur en seront fournis.

D'ici peu, on s'attend à une bataille navale qui sera décisive autant que peut l'être une bataille ne ce Sud-Amérique où tout est généralement problématique.

#### **89**. «Au Brésil», *La Justice*, 18 de março

Os rebeldes renderam-se por falta de víveres, nota o jornal que também fala dos marinheiros, agora prisioneiros, furiosos com Saldanha da Gama.

La cause de la reddition des insurgés de la baie de Rio a été le manque de vivres.

Le gouvernement a pris possession des navires rebelles et des forts de Villegaignon et de l'île des Cobras qui, depuis lundi, étaient abandonnés par les marins insurgés au nombre d'environ cinq cents qui, refugiés dans les îles des Enxadas et de Paqueta, ont été faits prisonniers. Tous les officiers, sauf quelques-uns appartenant au corps médical de la flotte, avaient pu se réfugier sur les navires étrangers.

Les marins prisonniers paraissent extrêmement montés contre l'amiral da Gama et disent que, s'ils avaient soupçonné ses intentions, ils l'auraient mis à mort.

On assure que les marins prisonniers seront mis en liberté, mais que les officiers seront envoyés devant une cour martiale.

Le gouvernement va envoyer des navires à la poursuite de l'*Aquidaban* e du *Republica*, commandés par l'amiral de Melo, afin de les capturer.

#### **90.** «Au Brésil», *La Justice*, 20 de março

La censure gouvernementale empêche de télégraphier aucun renseignement sur les événements.

L'escadre du maréchal Peixoto est restée dans la baie de Rio-Janeiro.

La révolution tient toujours dans le Sud. Les insurgés fortifient leurs positions sur la frontière de l'État de San-Paulo.

Dans l'État de Pernambuco, les élections législatives ont été favorables aux candidats autonomistes. Les gouvernementaux ont complètement échoué, mais les chefs autonomistes sont toujours en prison.

Le bruit ayant couru que le vaisseau portugais *Mindelo* devait conduire à Buenos Aires les insurgés qui s'étaient réfugiés à son bord, le gouvernement brésilien a ordonné à son représentant à Buenos Aires de demander aux autorités de la République argentine de considérer les réfugiés comme des pirates et de s'opposer à leur débarquement.

#### 91. «La Révolution au Brésil», Le Radical, 24 mars

O jornal critica o artigo do Georges Héroult no Figaro 6 dias antes. Por um lado, minimiza «o sucesso de Peixoto na baía do Rio»; por outro lado, de Melo «já não tem uma grande frota»; além disso, a marcha sobre São Paulo de Saraiva, o «bandido nomeado general» é pura invenção; finalmente, não é verdade, escreve Le Radical, que o exército e ministro brasileiros em Paris sejam francófobos.

O editorialista, que tem a certeza que a revolução está prestes a acabar, concorda num ponto com o seu colega: o Brasil tem uma dívida relativamente pequena e as riquezas mais do que suficientes para «apagar facilmente as marcas da querra civil».

Nous avons dit, à propos de la reddition de l'amiral Gama, que la révolution perdait de son importance et touchait à sa fin<sup>43</sup>.

Cependant, Rui Barbosa, cet ex-ministre tripoteur et qui a pris la fuite dès le début de l'insurrection, a eu l'audace de dire que la nouvelle des événements qui se sont passé à Rio de Janeiro est fausse, et que —Gama serait mort plutôt que de se rendre. En outre, *Le Figaro* publie un article<sup>44</sup> tentant à faire croire que progrès des insurgés, et paraissant négliger comme insignifiant le succès de Peixoto dans la baie de Rio. La signataire de cet article, M. Héroult, est ce journaliste expulsé de Rio par Peixoto, par suite de son attitude par trop favorable à la révolution et qui dans ses correspondances ne Europe disait le contraire de ce qu'il écrivait à Rio.

La révolution est circonscrite aujourd'hui dans l'île de Desterro et la partie de l'État de Rio Grande touchant à la république de l'Uruguay. De quoi se composent les forces insurgées ? Des quelques centaines d'hommes qui restent à Melo et les bandes de mercenaires qui courent le pays.

L'amiral Melo n'a plus, comme le prétend *le Figaro*, une flotte nombreuse. Il ne possède plus que le cuirassé *Aquidaban* et le croiseurs *Republica* et

<sup>&</sup>lt;sup>43</sup> Cf. Texto 80.

<sup>&</sup>lt;sup>44</sup> Cf. Texto 88.

*Tamandaré*. Le *Marte*, que M. Héroult donne encore à Melo, était parmi les navires de Gama et se trouve maintenant au pouvoir du gouvernement régulier.

Quant à ce qu'il dit de Saraiva, ce bandit intitulé général et qui marche sur Sao Paulo à la tête d'une armée de 6,000 hommes, c'est de la pure fantaisie.

M. Heroult vient de dire que le succès des insurgés serait favorable à la France, la marine brésilienne ayant de nombreuses sympathies pour notre pays, tandis que Peixoto et l'armée de terre sont germanophile. Tout cela est faux. La population brésilienne tout entière aime la France, et si M. de Piza est ainsi calomnié, c'est une vengeance du sieur Héroult qui, peut-être, n'a pas été reçu par le ministre à cause de la façon dont il était apprécié à Rio.

Voilé donc la source et la valeur des renseignements donnés par une fraction de la presse parisienne.

Ce qu'il y a de positif, c'est que Melo ne peut faire attaquer par son escadre ni le nord, ni l'est de Rio-de-Janeiro ainsi que l'avaient annoncé les dépêches. Pourquoi, s'il avait eu des forces considérables, ne s'est-il pas porté au-devant de l'escadre gouvernementale afin de l'empêcher de pénétrer dans la baie de rio et d'écraser Gama? Non, la révolution ne peut durer; Peixoto, maintenant qu'il a déblayé Rio, s'organise fortement et va poursuivre les bandes qui agissent dans le Sud. N'avait-on pas annoncé que les troupes régulières avaient été battues et que le camp retranché d'Itararé était pris. Nous avons publié la communication de la légation du Brésil, démentant cette nouvelle.

Quant aux frais de la révolution ils sont importants, nous n'en doutons pas, mais aussi sachons bien que le Brésil n'a qu'une dette peu élevée et que ses ressources lui permettront d'effacer facilement les traces de la guerre civile. *Le Figaro* reconnaît d'ailleurs, la richesse de ce beau pays ; c'est le seul point sur lequel nous soyons d'accord avec lui.

On prétend que Melo demanderait de nouveau, aux puissances étrangères, de lui reconnaître la qualité de belligérant. Peut-être admettre que cette faveur refusée, il y a un mois, lui serait accordée aujourd'hui qu'il est acculé dans une impasse?

## **92.** L'Univers, 26 de março

[...]

La guerre au Brésil est loin d'être terminée par la reddition de l'amiral da Gama, qui ne s'entendait guère bien avec l'amiral Melo, lequel va poursuivre les hostilités, par terre et sur mer. Le Brésil est si vaste qu'il est difficile de mettre les diverses provinces en harmonie. La République ne plaît pas au peuple. On espère que l'élection du nouveau président qui remplacera Peixoto, amènera une transaction; mais les dissidents pourront toujours entretenir des troubles dans les états du Sud, et de l'intérieur. Rio-Janeiro a beaucoup souffert de cette querre civile et de la fièvre jaune.

#### 93. «La situation au Brésil», Journal des Débats, 28 de março

Este jornal, que sempre esteve do lado da marinha rebelde, admite com relutância que, na baía do Rio de Janeiro, Peixoto ganhou. No entanto, o editorialista escreve que com a «retirada dos insurretos [...] a situação do governo não melhorou».

Interroga-se a seguir porque o marechal não organiza uma expedição naval para derrotar os inimigos ou «porque não tenta esmagar os insurretos em terra». Na sua opinião, o governo não é capaz de «aproveitar o seu recente sucesso no Rio». Por outro lado, realça o facto dos rebeldes terem «uma quantidade relativamente grande de tropas e uma marinha também poderosa», além de controlarem três Estados.

O articulista, que enaltece a figura de Silveira Martins, espera que os rebeldes se mantenham unidos, para poderem organizar «uma ação rápida e vigorosa». De qualquer forma, na sua opinião nada mudou com a fim das hostilidades no porto carioca. Agora tudo vai ser decidido numa batalha terrestre, com «o esmagamento de um ou de outro partido». O vencedor vai triunfar num país em ruinas, lamenta o jornalista que, no fundo, continua a acreditar na ousadia e no vigor das tropas que combatem o governo do Rio.

Il devient de plus en plus difficile de parler des affaires brésiliennes avec quelque certitude, et nous concevons aisément l'embarras du lecteur que déconcertent la diversité des renseignements et les contradictions des télégrammes. Tantôt, c'est le maréchal Peixoto qui donne sa démission et se retire de la lutte; tantôt, ce sont les insurgés qui laissent la place au gouvernement. La révolution est terminée, nous disait, il y a quelques jours, les dépêches de Rio, et l'amiral de Gama s'est rendu. Puis on apprend que cette reddition n'est pas une reddition au sens propre du mot, et les communiqués s'égarent en une confusion lamentable. L'amiral s'est retiré avec ses officiers et

les équipages à bord d'un navire étranger. Sait-on au moins le nom de ce navire? Est-ce le *Magon*, le *Sirius*, le *Mindelo*? De fait, il semble bien que ce soit ce dernier qui ait donné asile aux insurgés, bien que l'on puisse difficilement concevoir que le *Mindelo*, aviso d'un faible tonnage et pourvu déjà d'un équipage suffisant, ait pu recevoir un supplément de quelque six cents personnes. Mais où le bateau portugais a-t-il transporté les réfugiés? Sur ce point encore il y a contradiction. On l'a vu, dit-on, aux Açores, où le gouvernement portugais se proposerait d'interner provisoirement M. da Gama et, vers le même temps, on a signalé sa présence à Montevideo et à Buenos Aires. Nous ne savions pas que le «vaisseau fantôme» figurait au rôle de la marine portugaise (1).

Il faudrait cependant s'entendre, et, si les correspondants, entretenus par les agences à Rio-de-Janeiro, sont si peu fixés sur ce qui se passe, quelle confiance pouvons-nous avoir dans leurs communications? Fatalement, nous arrivons à cette constatation, — et nous ne cessons de le répéter depuis le commencement des hostilités — que, jusqu'au jour où le gouvernement brésilien aura rétabli la liberté absolue des communications télégraphiques, nous ne saurons rien de précis par la voie de Rio, et toutes les suppositions resteront permises.

Certains faits cependant apparaissent, qu'il est impossible de mettre en doute. Les insurgés ne sont plus dans la baie de Rio; c'est un point incontestable. Des navires que commandaient l'amiral da Gama, le *Trajano*, le *Guanabara*, la *Libertad*, vieux et hors d'usage, et quelques bateaux de commerce

appartenant à la révolution, sont tombés entre les mains du gouvernement, tandis que le *Tamandaré*, cuirassé portant le pavillon de l'amiral, s'échappait et allait rejoindre le reste de la flotte révoltée.

Un deuxième fait non moins certain est que la retraite des insurgés n'a pas eu les conséguences qu'on en avait dès l'abord annoncées. La situation du gouvernement n'en est pas devenue meilleure. Car, si d'un côté nous voyons d'intérêt que pouvaient avoir les insurgés à ne pas immobiliser une partie de leurs forces devant Rio, où, en raison de la fièvre jaune et des empêchements mis à leurs action par certains gouvernements étrangers, elles n'avaient rien à faire qu'à surveiller un blocus platonique, nous n'apercevons pas, en revanche, que M. le maréchal Peixoto, délivré de la menace d'un bombardement ou d'un débarquement, ait profité ou même songé à profiter de cette situation nouvelle. La mer lui est ouverte ; il possède une flotte ; ses agents de New York lui ont fourni le Niteroi, l'America, le Distroyer, sans compter le canon à la dynamite du capitaine Zalynski ; d'Allemagne, lui sont venu des torpilleurs ; le Bahia et le Tirandentes lui sont restés fidèles ; il dispose en outre de bateaux abandonnés par M. da Gama dans la baie de Rio. Qu'attend-il pour prendre la mer et lancer ses navires contre la flotte rebelle? Nous comprendrions difficilement ces retards, si nous savions que le gouvernement brésilien est loin d'avoir dans la puissance de sa flotte une confiance extrême.

Mais si M. le maréchal Peixoto hésite à tenter les chances d'un combat naval, pourquoi n'essaie-t-il pas d'écraser les insurgés sur terre? Et de fait, c'est sur terre, à notre avis, que se livreront les batailles décisives. Or, depuis le

début de la révolution, le gouvernement s'est borné à maintenir la défensive du côté du Rio-Grande, et encore faut-il reconnaître que cette défensive n'a pas toujours été très vigoureusement soutenue. Au commencement, alors qu'il ne s'agissait que de la révolte de Rio-Grande, M. Gumercindo Saraiva, leguel n'était pas encore général, disposait à peine de 80 carabines et de 500à 600 lances. Peu à peu le nombre des insurgés s'est accru, ils se sont armés, ils ont acquis de l'artillerie, ils ont battu les troupes gouvernementales, les ont ou cernées, de façon à les immobiliser, ou refoulées, ou détruites, et aujourd'hui ils dominent dans trois États; ils disposent d'environ 20,000 ou 25,00 hommes solidement encadrés ; ils progressent vers Sao-Paulo ; ils s'emparaient, il y a quelques jours, de la forteresse d'Itararé. Qui sait si, demain, Santos, la grande ville maritime, la douane la plus riche du Brésil, après Rio, ne tombera pas entre leurs mains! et cependant le gouvernement hésite ; il convoque, il est vrai, la garde nationale. Mais est-ce bien la garde nationale qu'on attendait à voir en cette affaire? Et l'armée régulière, où est-elle ? à quelle opération se trouve-t-elle employée ? M. le maréchal Peixoto a des soldats à Rio; mais les renseignements que notre correspondant nous envoyait, il y a quelques semaines, sur la façon dont ils sont recrutés, nous autorisent à penser que ces troupes ne sont peut-être ni très solides, ni très sûres.

La situation peut être résumée en une phrase; d'un côté, nous voyons un gouvernement indécis et peu apte à profiter de son succès récent à Rio; de l'autre, des insurgés disposant de troupes relativement nombreuses et d'une marine relativement puissante et maîtres de trois états, que (ce détail est

important), habités par une population robuste, fournissent les soldats les plus vigoureux du Brésil. Une seule chose était à redouter pour eux. C'est que, à la faveur de la prolongation des hostilités, des dissentiments ne vinssent à se glisser dans leur parti : les événements de Rio sont arrivés à point pour leur monter la nécessité d'une union indissoluble et d'une action prompte et vigoureuse. Le gouvernement provisoire de Desterro, qui peut-être manquait de prestige, n'existe plus, et déjà nous voyons enter en scène et se mettre au premier rang l'homme politique qu'on peut appeler le chef civil de la révolution, M. Silveira Martins.

M. Martins se trouve aujourd'hui à Paranagua, où il est en train de constituer un gouvernement régulier, et l'on prononce même les noms de deux des membres de ce gouvernement, MM. Maciel et Ferreira de Melo(2), tous deux ses partisans dévoués et ses amis intimes.

En somme, la cause de la révolution n'est point compromise par les événements de Rio: il serait plus juste de dire qu'elle entre dans sa dernière phase, celle des batailles décisives. Les insurgés paraissent résolus à lutter jusqu'au bout, et pour qui connaît l'obstination que, chez la plupart des nations sud-américaines, les partis apportent leurs revendications politiques, la hardiesse et la vigueur avec lesquelles ils les soutiennent, la continuation des hostilités ne fait aucun doute. Elles ne seront terminées que par l'écrasement de l'un ou l'autre parti. Mais, pendant que la révolution progresse dans le Sud, que M. le maréchal Peixoto s'adresse, dans un journal de New York, les plus

chaleureuses félicitations, le malheureux Brésil agonise; quel que soit le vainqueur, c'est sur des ruines qu'il triomphera.

- (1) Les dépêches arrivées ce matin augmentent encore cette confusion. Comme on le verra aux Nouvelles de l'étranger, c'est le croiseur *Alfonso de Albuquerque* qui aurait débarqué à Buenos Aires une partie des équipages insurgés, et l'amiral da Gama serait parti de rio sur un steamer français. D'autre part, M. Silveira Martins attendrait à bref délai M. da Gama afin de conférer avec lui sur la situation. Tout cela n'est.il pas étrange, et n'est-il pas plutôt permis de croire, ainsi que nous l'annonçait, il y a quelques jours, un correspondant particulier, que M. da Gama se trouve actuellement en croisière sur les côtes de Santa-Catarina, avec son navire amiral, le *Tamandaré*, échappé de Rio ?
- (2) Malgré l'identité des noms, M. Ferreira de Melo n'est rattaché par aucun lien de parenté à l'amiral Custodio José de Melo.

## **94**. Tony Révillon, «Le Brésil et les *Débats*», *Le Radical*, 29 avril

Este jornal de esquerda ataca ironicamente e sem concessões o Journal des Débats que, deste o início e em qualquer circunstância, sempre apoiou os revoltosos. Põe em relevo algumas contradições e erros do quotidiano conservador nos seus artigos sobre o Brasil. Três exemplos: a notícia das demissões de Peixoto; as duas frotas reais de Custódio de Melo ÷—que Le Radical trata de Boulanger brasileiro — e de Saldanha da Gama que fogem perante a frota de Peixoto que o diário conservador tinha tratado de «teórica»; a derrota no porto do Rio que, segundo o Journal des Débats, não é grave para os insurretos porque «vão ganhar outras batalhas num outro lado».

Depuis quelques jours les lecteurs des *Débats* cherchent en vain dans leur journal des nouvelles du Brésil. Ils en sont restés aux dernières victoires de l'Insurrection, et si, par hasard, un autre journal ne tombe pas sous leurs yeux, ils ne sauront jamais qu'il n'y a plus d'insurrection, que les insurgés sont

en fuite et que l'ordre républicain est rétabli au Brésil. Voyez-vous ces braves gens, conservateurs en France et révolutionnaire en Amérique, attendent que la révolution la restauration des d'Orléans, croyant, sur la foi des *Débats* que cette restauration est une question de jours, et apprenant tout à coup que ni Mme la comtesse d'Eu, ni son fils, ni leurs amis n'ont plus rien à espérer! L'histoire de l'insurrection du Brésil dans les *Débats* restera une des curiosités de ce temps-ci!

Notre lecteur a pu suivre au jour le jour cette aventure, d'une si étrange analogie avec l'aventure boulangiste. Le Boulanger de là-bas, l'amiral Melo, se trouve dès le premier jour entouré d'un petit état-major d'ambitieux déçus comme l'ancien ministre Rui Barbosa, d'ambitieux en quête d'avenir comme Silveira Marins, de financiers en faillite, de spéculateurs véreux, et aussi de jeunes gens enthousiastes, avides de nouveau. Puis, avec l'amiral da Gama, vient la tentative orléaniste. La révolte militaire tournera au profit de la Restauration qui va chercher à l'exploiter, comme les royalistes, chez nous, cherchèrent à exploiter Boulanger. L'insurrection bombarde des villes ouvertes, sans pouvoir jamais prendre un point sur la côte. Elle établit dans une île le siège de son gouvernement. L'autre gouvernement, le gouvernement légal, n'a pas de bateaux et ne pourra déloger le gouvernement insurgé. Cependant la République brésilienne arrive à créer une flotte ; cette flotte arrive... C'est alors que les *Débats* s'amusent. La flotte républicaine est une «escadre théorique», qu'il faudra voir aux prises avec les escadres réelles de Gama et de Melo. On parle déjà d'un combat terrible qui aura lieu devant Rio de Janeiro, d'un autre

combat dans la côte Sud. Pour un peu, on en rendrait compte et l'on dirait le nombre des morts et celui des blessés. Et il arrive que les deux escadres réelles des insurgés fuient devant «l'escadre idéale» des *Débats*. Alors, c'est sur la terre ferme qu'on sera victorieux. Le Midi se lève. Vingt-cinq mille hommes marchent contre les troupes régulières de la République, et Melo va débarquer des soldats. Est-il possible que la révolution puisse être vaincue, une révolution qui a pour elle des amiraux, des anciens ministres, le personnel de l'empire échu, les classes dirigeantes, «tout ce qu'il y a d'intelligent<sup>45</sup>» au Brésil ?

Elle est vaincue pourtant. Les vaisseaux ne servent plus qu'à transporter les fuyards, l'armée de vingt-cinq mille hommes a disparu si vite que c'est à croire qu'elle n'a jamais existé. Plus de chefs, plus de soldat, plus de gouvernement insulaire, plus de provinces du Sud soulevées.

Mais les *Débats* continuent leurs prophéties. Ils avaient annoncé la démission du Président Peixoto. La nouvelle est démentie. Qu'importe! elle sera vraie dans quinze jours! Elle est démentie à nouveau: «ce sera pour le mois prochain! le 16 janvier, le triomphe de l'insurrection était assuré. Le 2 mars, elle faisait out les jours de nouveaux progrès. Le 13 mars, l'amiral da Gama fuit de la baie de Rio. Vaincus là, les *Débats* vont gagner des batailles ailleurs. Silveira Martins organise un gouvernement dans le Sul. On apprend qu'il n'a pas bougé de Buenos Aires, où il est réfugié. Bah! il va se mettre en route! Et ça a été ainsi depuis le commencement jusqu'à la fin, et, pendant six

<sup>&</sup>lt;sup>45</sup> Cf. Texto 75.

mois, nos snobs orléanistes se sont abordés en disant :«Et bien! le Brésil va redevenir une monarchie : vous avez lu les *Débats*?»

Nous n'avons à former aujourd'hui qu'un vœu, c'est que nos amis les républicains du Brésil soient généreux dans leur victoire, qu'ils usent de clémence envers ceux des insurgés, et c'était le grand nombre, qui ont agi avec sincérité et qui sont resté républicains en combattant pour les intrigants et les monarchistes dont ils étaient les dupes! Aux quelques mois de révolte qui viennent de troubles le Brésil vont succéder des années de paix de de liberté. Il est bon que rien ne reste des divisions intestines qui ont agité ce beau pays.

### **95**. Georges Héroult, «Fin de Révolution», *Le Figaro*, 22 de abril

O articulista constata, e com pena, que Peixoto ganhou, sobretudo graças à falta de unidade dos seus adversários e, também à inação dos monárquicos brasileiros: «O partido monárquico perdeu uma boa oportunidade de ganhar sem morrer; atualmente está morto e vencido.»

Fala a seguir da rivalidade entre o «muito autoritário [e] muito suscetível» Almirante de Melo, o «Boulanger brasileiro» e Saldanha da Gama, e narra o início da revolta na noite de 5 para 6 setembro.

Depois de ter lembrado que a luta continua no Rio Grande do Sul, Héroult debruça-se sobre as consequências deste conflito, onde o «elefante tinha definitivamente ganho contra a baleia». Constata que os Estados Unidos conseguiram com Peixoto o que não lhes foi possível no Chile com Balmaceda: «os muitos entendidos e muito inteligentes Yankees irão explorar o Brasil à custa do pobre comércio europeu».

Mas o jornalista lamenta a derrota dos revoltosos por um outro motivo, reiterando o que já escreveu a 18 de março<sup>46</sup>: a marinha brasileira é francófila, enquanto o exército é filo-alemão e filo-americano. Aliás, o «partido florianista» e o ministro brasileiro em Paris tudo fizeram para que a «convenção literária da qual tanto se falou o ano passado»<sup>47</sup>, fosse rejeitada.

Porém, agora que o Brasil terá de pagar os danos provocados por este conflito, a França, com prudência e «uma certa desconfiança», terá de desempenhar o seu papel e defender os seus interesses no «país mais rico da América do Sul», conclui Georges Héroult.

C'est la révolution qui, depuis huit mois, bouleversait le plus grand pays du Sud-Amérique qu'il s'agit.

Les informations officielles comme les dépêches particulières nous ont appris que le maréchal Peixoto avait enfin eu raison de l'amiral de Melo, et qu'au Brésil, l'éléphant avait décidément vaincu la baleine.

Car cette lutte qui, en ses péripéties bizarres, a trouvé et souvent frisé le ridicule et l'incompréhensible, était surtout la lutte entre l'armée et la marine brésilienne. On avait incidemment prononcé le mot de restauration, c'était bien à tort ; ce ne fut jamais pour ramener la monarchie que l'amiral de Melo s'est battu, et ça n'a jamais été pour maintenir les institutions républicaines que le maréchal Floriano Peixoto s'est entêté à rester au palais Itamarati.

<sup>&</sup>lt;sup>46</sup> Cf. Texto 89.

<sup>&</sup>lt;sup>47</sup> Esta convenção franco-brasileira, assinada em janeiro de 1891, é rejeitada «por uma curta maioria, em 1893» pelo Parlamento brasileiro, apesar do apoio do Governo. Cf. Sébastien ROZEAUX, «La mobilisation translantique des hommes de lettres en faveur de la reconnaissance du droit d'auteur au Brésil, 1851-1898», *Le Mouvement Social*, n°258, Março de 2017, p. 64.

Du retour de la princesse Isabelle et du prince du Gram-Para [sic !], l'amiral Saldanha da Gama seul avait cure, et on peut dire que, quoiqu'il fût l'homme supérieur du mouvement, il a été supérieurement roulé par ses amis comme par ses adversaires. Au reste, la princesse n'a guère encouragé ses fidèles, et les Brésiliens florianistes ne peuvent guère lui reprocher d'avoir pesé dans la balance en faveur des révolutionnaires. Le parti monarchiste brésilien a perdu là une belle occasion de vaincre sans mourir; à l'heure actuelle, il est mort et vaincu.

Il serait fastidieux de remonter aux causes de la Révolution, petites causes qui ont produit de petits effets. Il n'y avait pas chez les révolutionnaires unité d'aspirations, il ne pouvait conséquemment y avoir unité d'action.

Le défaut d'entente entre les révoltés a plus fait pour le triomphe de la cause florianiste que la ténacité et le sens politique pourtant for remarquable de Peixoto le «Taciturne»

Si, en avril 1893, le soulèvement de l0 avril Vandenkolk sur les côtes de Rio-Grande-do-Sul eut une fin si piteuse, c'est que la marine brésilienne et l'amiral de Melo en tête, qui devaient faire en même temps une démonstration dans la baie de Rio, ne jugèrent pas à propos de tenir promesse qui avait été faite de soutenir l'infortuné Vandenkolk.

De même, lorsqu'éclata le mouvement du 6 septembre, les rivalités se sont rapidement fait jour, paralysant les meilleures intentions, inutilisant les plans les mieux conçus.

## LA RÉVOLUTION BRÉSILIENNE

Le télégraphe nous a apporté hier d'importantes nouvelles de Rio: l'amiral de Gama se serait rendu et aurait cherché un refuge à bord de la corvette portugaise *Mindello*.

Fig. 11: Journal des Débats, 14 março

## BULLETIN DU JOUR

L'INSURRECTION BRESILIENNE

Cette fois-ci est-elle la bonne? L'amiral Saldanha da Gama, en rendant son épée au maréchal Peixoto, a-t-il mis un terme à cette guerre civile qui menaçait de s'éterniser au Brésil? Le télégraphe nous a déjà apporté à plusieurs reprises la nouvelle du triomphe du gouverne-

**Fig. 12:** *Le Temps*, 16 março

## LA REVOLUTION AU BRÉSIL

Capitulation des insurgés

Le chargé d'affaires du Portugal a présenté, lundi matin, au gouvernement brésilien les conditions de capitulation de l'amiral da Gama qui étaient les suivantes : reddition des forts, des îles et des navires

Fig. 13: Le Radical, 16 março

## **AU BRÉSIL**

Le lamentable spectacle que viennent de nous donner, devant Rio-Janeiro, les chefs de l'insurrection brésilienne, est-il de nature à guérir à jamais l'Amérique du Sud de sa passion malheureuse pour les chapeaux à plume, les dictatures et les coups

Fig. 14: La Justice, 17 março

# Le Brésil et les «Débats»

Depuis quelques jours, les lecteurs des Dépats cherchent en vain dans leur journal des nouvelles du Brésil. Ils en

Fig. 15: Le Radical, 19 abril

## FIN DE RÉVOLUTION

C'est de la révolution qui, depuis huit mois, bouleversait le plus grand pays du Sud-Amérique qu'il s'agit.

Les informations officielles comme les dépêches particulières nous ont appris

Fig. 16: Le Figaro, 22 abril

Títulos de artigos sobre a derrota da revolta no Rio de Janeiro

L'amiral de Melo, très autoritaire, très susceptible, voulait trop garder le bénéfice de s'être, le premier, mis ne avant. La très grande influence que possédait alors, sur la marine brésilienne, l'amiral Saldanha da Gama, lui portait ombrage, comme lorsqu'on se fut accordé avec les révolutionnaires de Rio-Grande, lui porta ombrage la très légitime autorité que voulut affirmer le grand tribun rio-grandeux, Silveira Martins.

Et Custodio de Melo n'était pas homme à se laisser débarquer. C'est, du reste, une très curieuse figure que celle de ce contre-amiral brésilien, très curieuse et très sympathique aussi; celle du soldat brillant, brouillon et viveur, une contrefaçon de général Boulanger brésilien avec, naturellement, plus de fantaisie encore.

Avoir coopéré puissamment à deux coups d'État let cela pour tirer les marrons du feu au profit de Floriano Peixoto, un rival détesté, était bien fait pour mécontenter l'amiral de Melo qui pensa qu'il pouvait enfin travailler pour son pays tout en travaillant pour lui-même.

D'où le coup d'état du 6 septembre, assez savamment combiné quant aux commencements et qui eut au moins une ressemblance avec celui du 2 décembre en France<sup>48</sup>. Custodio de Melo fit pendant quelques heures son petit Morny<sup>49</sup>.

<sup>&</sup>lt;sup>48</sup> 2 de dezembro de 1851, golpe de Estado de Napoleão III.

<sup>&</sup>lt;sup>49</sup> Charles de Morny (1811-1865), meio irmão de Napoleão III, foi a pedra angular do golpe de Estado do 2 de dezembro de 1851. Poucas horas antes, está na Opéra-Comique de Paris, como de Melo no Teatro Lírico a 5 de setembro de 1893.

Le 5 septembre au soir, on donnait au Teatro Lirico *Falstaff* de Verdi, soirée de gala. L'amiral de Melo se rendit au théâtre en costume de soirée. Très entouré, il assista dans une loge à toute la représentation, très gai et très en dehors. Je me souviens parfaitement (chacun, depuis deux mois, s'attendait à quelque chose) que la présence de l'amiral fut très remarquée, que des malins en tirèrent les pronostics les plus rassurants et qu'un haut fonctionnaire sourit finement quand je fis allusion à certains bruits.

En sortant du théâtre, l'amiral donna même é son cocher l'adresse d'un grand restaurant de nuit. Une demi-heure après, il était sur le quai de la Marine, un canot l'attentait qui, par une nuit noire, le conduisit à bord de l'*Aquidaban*. Quelques heures après, Rio se réveillait en révolution: la marine s'était soulevée et Floriano Peixoto était sommé de se soumettre ou de se démettre.

Voici comment la révolution commença, elle vient de finir d'une façon presque aussi fantaisiste.

Toutefois, il ne faudrait pas croire que tout est terminé.

Reste la révolution de l'État de Rio-Grande-do-Sul, toute locale mais très vivace, qui bien avant le mouvement du 6 septembre tenait en échec toutes les forces fédérales et qui, avec des hommes comme Silveira Martins et Gumercindo Saraiva, est parfaitement capable de les tenir encore longtemps en échec.

Les fédéralistes vont continuer à Rio-Grande la guerre de partisans qui leur a si bien réussi pendant deux ans. Le maréchal Peixoto continuera à soutenir sa créature Castilhos, mais les affaires pourront reprendre dans tout le Brésil, le commerce respirera enfin,; la marine devra abandonner tout prétention de prendre part à la direction du pays et le maréchal Peixoto restera le *deus ex machina*, duquel dépendront toutes les solutions bonnes ou mauvaises.

Les États-Unis doivent être contents. Ce qui ne leur avait pas réussi, au Chili, avec Balmaceda, leur a réussi au Brésil avec Peixoto, et le grand principe : «L'Amérique aux Américains»°, va prochainement s'affirmer et se renforcer par la conclusion entre les États-Unis d'Amérique et les États-Unis du Brésil d'un traité de commerce grâce auquel les très pratiques et très intelligents Yankees mettront le Brésil en coupe réglée et ce, aux dépens de l'infortuné commerce européen.

Nous autres, gens de France, n'aurons guère à nous louer de l'issue de cette révolution. Cette marine brésilienne, dont l'influence vient d'être anéantie, étaient complètement, absolument, française de cœur, d'aspiration, d'éducation: le parti militaire, au contraire, le parti florianiste dans sa généralité, ne cache pas ses sympathies allemandes et yankees. Dans l'armée, tout est à la prussienne, et les commandes d'armement et d'habillement vont maintenant en Allemagne; dans la marine, tout était à la France; les commandes suivaient le même chemin.

Il ne faut pas oublier que c'est au parti florianiste que nous devons le rejet de cette convention littéraire dont on a tant parlé l'an dernier et dont l'adoption eût été, de la part du Brésil, un acte de simple honnêteté et d'élémentaire loyauté.

Il ne faut pas oublier qu'un de ceux qui ont le plus fait pour empêcher l'approbation, par le Congrès brésilien, de cette convention, est l'actuel ministre du Brésil, M. de Piza, celui-là même qui disait à notre confrère Bos, du *Rappel*<sup>50</sup> :

La France commence à être haïe au Brésil. Très souvent nous avons envoyé des coupures des journaux de Paris à Rio en écrivant : Voyez comment ce peuple que vous admirez tant vous traite.

On ne saurait trop le répéter : dans le Sud-Amérique, l'influence morale est nettement liée à l'influence commerciale. Il faut donc que notre diplomatie sache soutenir là-bas, dignement et énergiquement, notre influence morale qui a supporté, qui va supporter de rudes assauts.

Personne n'est en droit de douter des bonnes et justes intentions du gouvernement brésilien à cet égard, mais pour l'instant le trésor brésilien est fort éprouvé et il sera certainement difficile d'obtenir qu'on fasse droit à toutes les justes réclamations. Nous avons heureusement là-bas un ministre, M. Imbert, qui saura concilier tous les intérêts et dont l'expérience, la fermeté et la légèreté de main ne pourront qu'être grandement profitables à la France.

Au reste, quand viendra le moment de l'emprunt que le Brésil sera fatalement amener à contracter en Europe et surtout en France, nous pourrons appliquer le fameux principe : «Do ut des». Le Brésil sera toujours le pays le plus

<sup>&</sup>lt;sup>50</sup> Cf. Reto MONICO, *Golpe e Queda de Deodoro na Imprensa francófona*, Rio Grande, 2020. (Coleção Documentos 27), texto 12.

riche du Sud-Amérique, celui qui dit nous inspirer le plus de confiance, celui dont la dette publique est de beaucoup la moindre et les ressources les plus abondantes, celui enfin où nous sommes encore le plus aimés, mais encore devrons-nous prendre nos précautions pour l'avenir, le présent nous inspirant une certaine défiance.

## Periódicos consultados

Figaro, Le

Gaulois, Le

Illustration, L'

Journal, Le

Journal des Débats

Justice, La

Lanterne, La

Liberté, La

Matin, Le

Radical, Le

Temps, Le

Univers, L'

## Résumé en français

Dans ce volume, nous avons retranscrit les principaux articles de la presse parisienne qui se penchent sur la révolte des marins dans la baie de Rio de Janeiro, de septembre 1893 à mars de l'année suivante. Nous avons choisi une douzaine de périodiques qui publient principalement des commentaires, des analyses, des éditoriaux, des interviews<sup>51</sup> sur ces six mois de l'histoire du Brésil. Des journaux à grand tirage, comme *Le Petit Journal* ou *Le Petit Parisien*, n'ont pas été retenus, parce qu'ils n'insèrent que des dépêches télégraphiques et des résumés d'agences de presse.

À l'instar de leurs collègues d'Outre-Manche et d'Outre-Atlantique, tous sont confrontés à une information lacunaire, partisane et contradictoire, qui rend pour le moins problématique une reconstitution et une interprétation des faits. D'un côté, ils stigmatisent les nouvelles parfois fantaisistes fabriquées à la faveur des insurgés: de l'autre, ils s'interrogent sur la véracité des télégrammes officiels et des informations données par le délégué spécial du gouvernement de Rio en Europe.

La presse conservatrice, à quelques nuances près, chante la même chanson : le pays, stable et prospère sous l'Empire, depuis quatre années est

<sup>&</sup>lt;sup>51</sup> Les lettres des correspondants du *Journal des Débats* et de *Le Temps* feront partie du livre, *Olhares francófonos sobres a Segunda Revolta da Armada*, dont la publication est prévue en 2022 dans cette même collection.

victime de nombreuses insurrections et d'une situation économique qui se détériore sans cesse avec, notamment, une inflation galopante. À la place du magnanime et cultivé D. Pedro, il est à présent gouverné par une oligarchie politico-militaire corrompue, inspirée des principes positivistes d'Auguste Comte, qui ne pense qu'à remplir les poches de leur famille et de leurs amis.

Ce sont les mêmes organes de presse qui croient les yeux fermés à une victoire des révoltés et qui tirent à boulets rouges sur Floriano Peixoto<sup>52</sup>. Celui-ci, qualifié de tyran, est accusé d'avoir attisé la flamme de la révolte au Rio Grande do Sul, d'avoir favorisé l'Armée au détriment de la Marine et d'avoir mener un véritable coup d'État, en mettant son veto à la loi électorale qui interdisait à un Vice-Président de se représenter aux élections suivantes.

Le thème le plus traité est celui d'une restauration monarchique. Conscients que remettre un monarque à la tête du plus grand pays de l'Amérique du Sud provoquerait immédiatement une forte opposition de la part de Washington, rares sont ceux qui se déclarent ouvertement en faveur de ce changement. Outre *L'Univers* et *La Liberté*, nous pouvons en citer deux : *Le Figaro* et *Le Gaulois*. Le premier interviewe un membre de la colonie brésilienne à Paris et publie un long portrait hagiographique de l'ancienne famille régnante, désormais exilée en France ; le deuxième se rend à la résidence des comtes d'Eu, du duc de Nemours et d'un ancien diplomate brésilien. Ces deux quotidiens se réfèrent au petit-fils de D. Pedro, comme s'il

<sup>&</sup>lt;sup>52</sup> Le 23 novembre 1891, après le départ de Deodoro da Fonseca, le Vice-Président Floriano Peixoto devient chef de l'Exécutif

était déjà empereur! En revanche, *Le Journal* analyse le retour des Bragance avec réalisme. De son point de vue, cela provoquerait une autre guerre civile et le prince connaîtrait une fin aussi dramatique que celle de Maximilien vingt-six ans auparavant au Mexique. Même le *Journal des Débats* admet, un peu à contrecœur, que le Brésil n'est pas mûr pour un retour de ses anciens dirigeants.

Nous avons déjà constaté que, tant dans presse américaine que dans celle du Royaume Uni, une minorité d'analystes critique les deux camps en lutte. C'est le cas également d'une petite partie de la presse parisienne qui souligne l'absence de résultats concrets, malgré les combats. Selon ces éditorialistes, il s'agit d'un conflit, très néfaste à l'économie du pays et dont on n'entrevoit pas la fin, entre deux ambitieux qui, cependant, ne s'engagent pas beaucoup.

Ce sont surtout *le Radical* et *La Justice* qui défendent avec force l'exécutif de Rio de Janeiro. Ils insistent sur les difficultés rencontrées par les rebelles, ils s'opposent à ce que l'on leur accorde le statut de belligérants, ils blâment la révolte fédéraliste au Rio Grande do Sul, ils s'opposent farouchement au retour de la monarchie et ils critiquent vertement ceux qui propagent de fausses nouvelles pour dénigrer Floriano Peixoto. Le premier affirme que ce sont les Bragance et l'Allemagne qui ont fomenté cette rébellion; le deuxième publie un article très flatteur du Maréchal de Fer qui, selon *La Justice*, a même obtenu un doctorat ès sciences!

À une époque où les luttes politiques sont très vives, la guerre civile au Brésil ne pouvait pas ne pas susciter quelques polémiques journalistiques. Un exemple pour illustrer ce climat. Le 12 janvier 1894, le *Journal des Débats* construit son éditorial à partir de la fausse nouvelle de la démission de Peixoto. Le journal conservateur, après avoir attaqué ce qu'il appelle le détestable régime militaire, s'auto-congratule d'avoir été le seul, en Europe, à avoir prédit cette issue. La réaction du *Radical* est immédiate : il ridiculise les propos de son confrère et de ceux qui ont cru en ces démissions en mettant en évidence le fait d'avoir été le seul à démentir cette information.

Le 29 janvier, l'amiral Benham met fin au blocus du port de Rio, ce qui représente un sérieux échec pour les marins brésiliens. La presse conservatrice, malgré tout surprise par l'attitude de da Gama, dénonce l'intervention directe des États-Unis dans le conflit, malgré la doctrine Monroe. Elle y voit deux explications : d'une part, Washington soutient Peixoto parce que celui-ci est favorable au traité commercial bilatéral; d'autre part, une défaite des insurgés porterait un coup fatal aux monarchistes. Selon les deux quotidiens de gauche, il s'agit d'un simulacre de combat, élaboré à l'avance, afin que da Gama puisse se rendre aux Américains, et sauver ainsi sa peau.

La fuite du chef de la révolte et de ses officiers en mars 1894 est une couleuvre difficile à avaler pour les journaux conservateurs. *Le Gaulois* a de la peine à admettre la défaite et le *Journal des Débats*, qui justifie cette capitulation, met tous ses espoirs dans une poursuite de la lutte au sud du pays. *Le Radical* et *La Justice* se félicitent de la cuisante défaite des rebelles, tandis

que *Le Figaro* et *Le Temps* expriment une opinion plus nuancée. Le premier — qui publie deux articles de Georges Héroult, ancien rédacteur de l'Écho du *Brésil* expulsé à l'automne — explique cette défaite par les divisions entre les deux chefs rebelles et par l'inaction des monarchistes brésiliens. *Le Temps* — qui énumère les données factuelles à l'origine de cette débâcle (fièvre jaune, navires en mauvais état, concentration des attaques gouvernementales) — censure durement ces fuyards. Pourquoi, se demande le quotidien parisien, ont-ils commencé cette lutte en septembre, pour se retrouver, après six mois, dans ce chemin sans issue ?



L'amiral de Mello.



Carte de l'entrée de la baie de Rio-de-Janeiro.



Le président Floriano Peixoto.



A Coleção Documentos tem por intento trazer ao público fontes manuscritas ou impressas, e ainda bibliográficas cujas edições estejam esgotadas ou se encontrem em difícil acesso. Seu fulcro são os documentos voltados à cultura em geral e, especificamente, aos fundamentos históricos e literários, com especial atenção às temáticas de cunho luso-brasileiro. Por meio desta Coleção, o CLEPUL e a Biblioteca Rio-Grandense unem forças para disponibilizar na rede mundial uma série de documentos que poderão fomentar pesquisas e/ou estimular a leitura de textos originais.



Fundação para a Ciência e a Tecnologia





edicoesbibliotecariograndense.com



ISBN - 978-65-89557-13-5